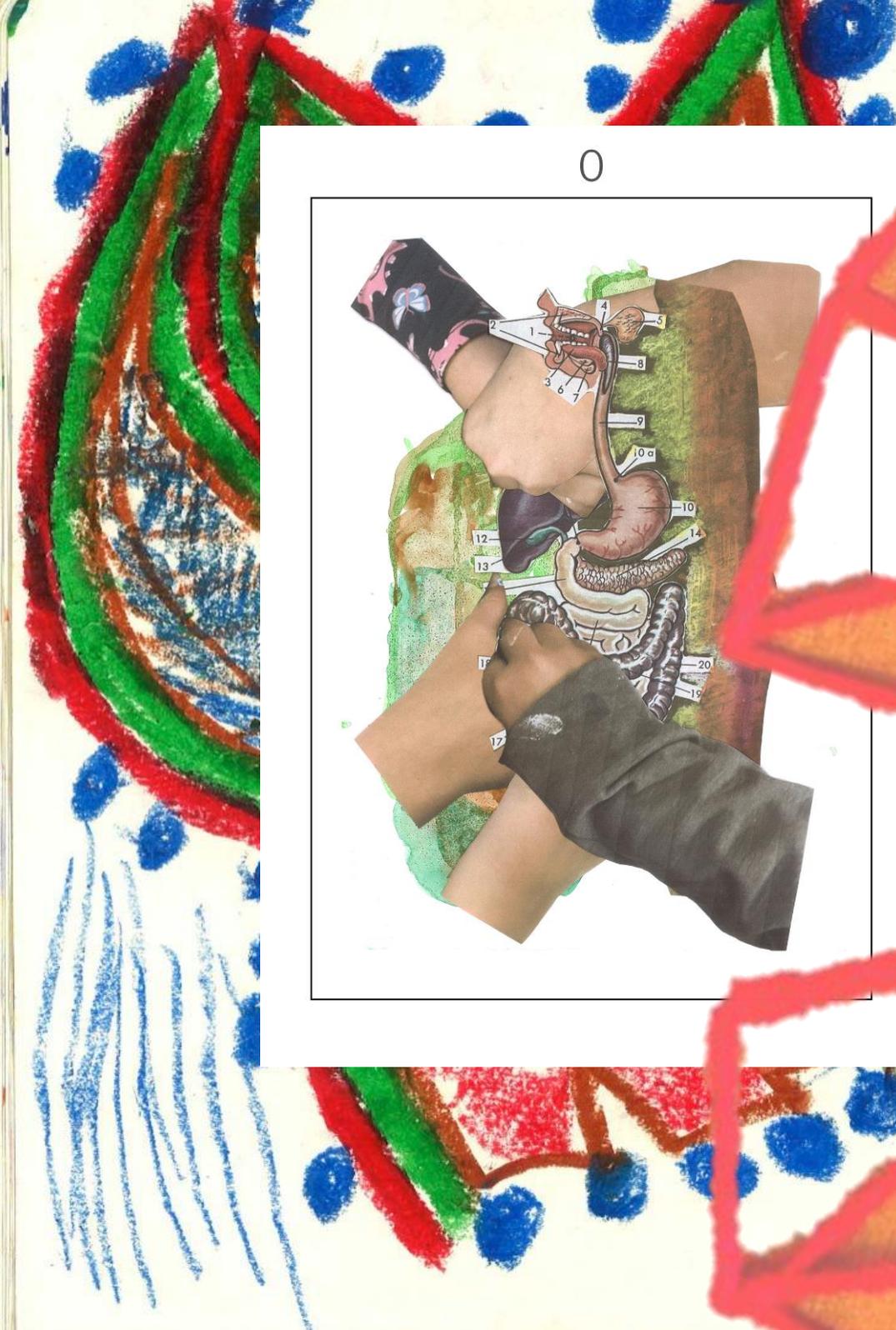
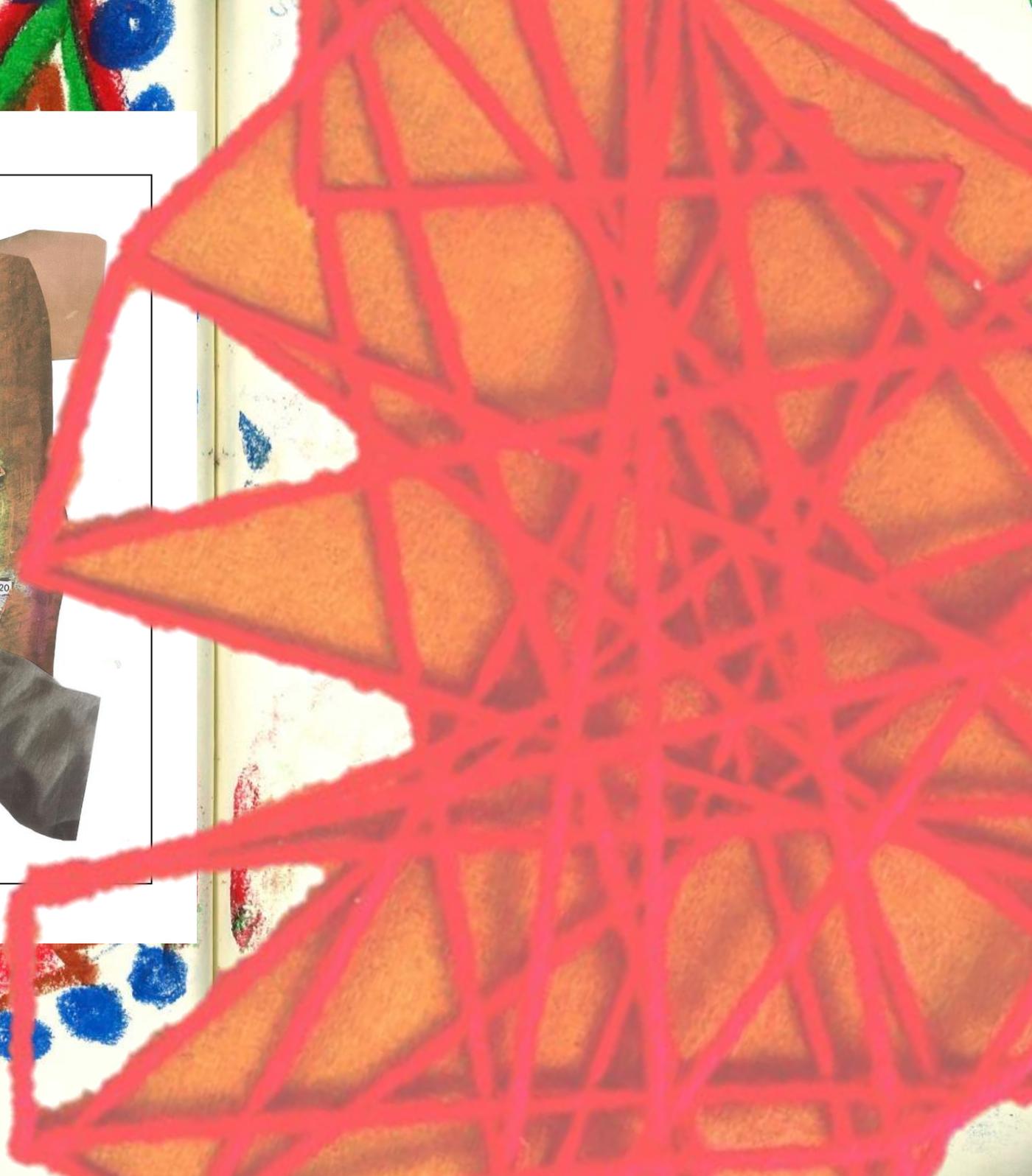


0



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA ARTE, LINGUAGEM E CURRÍCULO

Ariberto de Farias Bauermann Filho

**LINHAS DE ERRÂNCIA EMARANHADAS:
PAISAGENS DE UMA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS**

Porto Alegre, 2023

Ariberto de Farias Bauermann Filho

Linhas de Errância Emaranhadas: paisagens de uma docência em Artes Visuais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre, 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi | Orientador | UFRGS

Profa. Dra. Adriana Barin de Azevedo | UEM

Profa. Dra. Juzelia de Moraes Silveira | UDESC

Profa. Dra. Paola Zordan | UFRGS

Porto Alegre, 2023

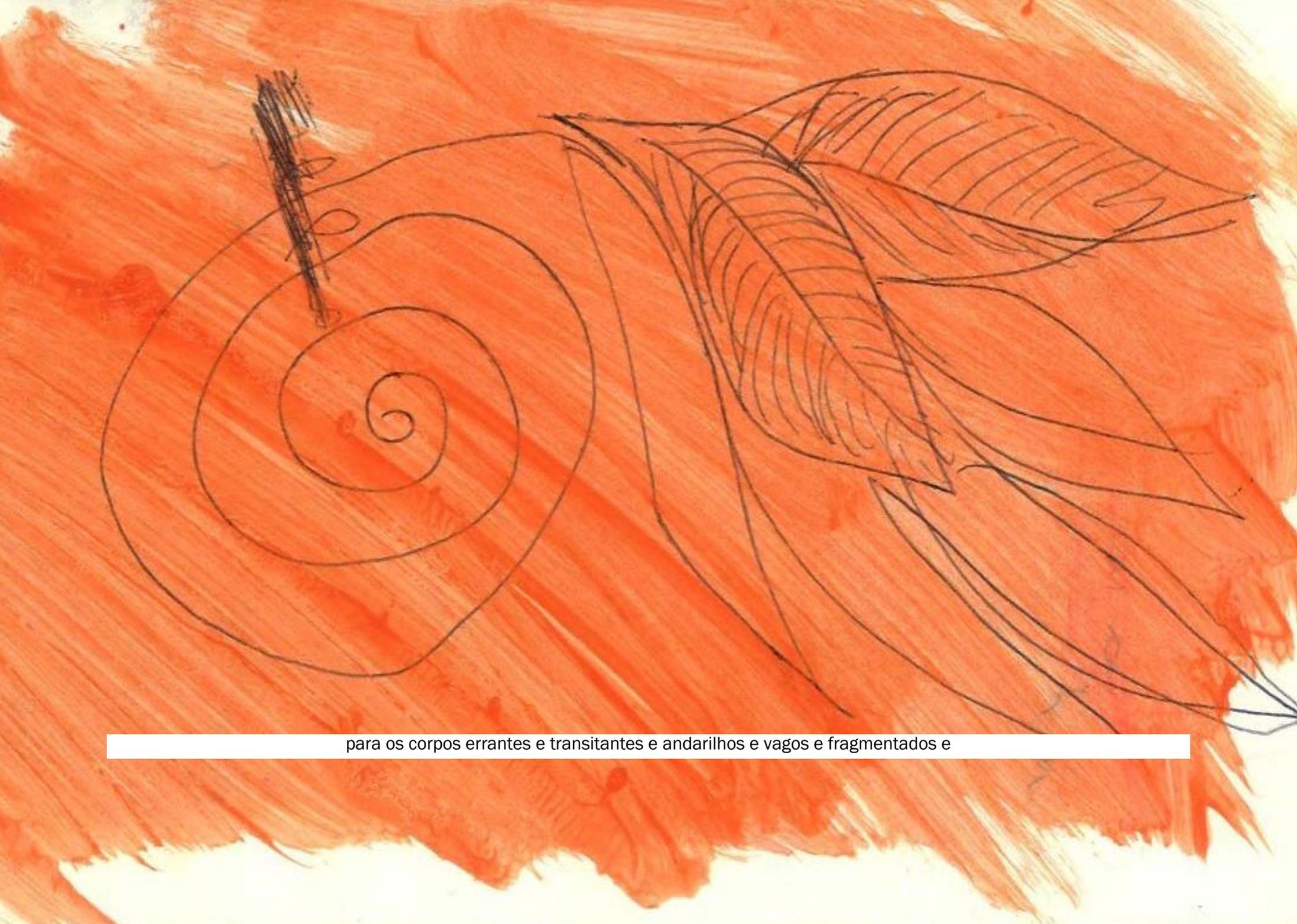
CIP - Catalogação na Publicação

BAUERMANN FILHO, Ariberto de Farias
Linhas de Errância Emaranhadas: paisagens de uma
docência em Artes Visuais / Ariberto de Farias
BAUERMANN FILHO. -- 2023.
147 f.
Orientador: Cristian Poletti MOSSI.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Docência. 2. Linhas de Errância. 3. Emaranhado.
4. Caminhar. 5. Arte. I. MOSSI, Cristian Poletti,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).



para os corpos errantes e transitantes e andarilhos e vagos e fragmentados e

AGRADECIMENTOS

A pesquisa em educação apresentada somente foi possível com o agenciamento de forças e encontros acionados ao longo desse período. O estudo começou antes, antes. Iniciou com a busca de superfícies andanças de um aluno-professor-artista-errante. Entanto, agradeço a todes que estiveram, e ainda estão, comigo desde o início na educação básica. Em especial, àqueles que estão nos arredores da pesquisa em educação:

A Ramon e Mima, pelas alianças e companhias.

Também, à família: Ana e Tieta (Cilá) e meus irmãos e suas famílias. De conversas e desentendimentos que movem. *In memoriam* ao Érico e Ariberto Lemmertz, familiares que povoam nossas memórias.

Ao orientador Professor Cristian P. Mossi, pela possibilidade das existências na educação.

Ao grupo de orientação e pesquisa Povoar – Ilana, Gustavo, Mayra, Fernanda, Victória, Thainan, Giovana, Filipi, Jônata e Dantara, que tanto fazem aos nossos encontros.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), à Faculdade de Educação (FACED), ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) e seus discentes e funcionários. À Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e seus discentes e funcionários. Instituições de ensino público e primor.

Aos grupos de pesquisa Flume (UERGS) e Arteversa (UFRGS) com suas reverberações.

Às escolas públicas que trilhei e por onde ando.

Às colegas professoras, professores e funcionários da educação básica, pelas suas conversas.

Aos estudantes, por adentrarem as tramas.

À banca de professoras composta por: Adriana, Juzelia e Paola. Suas leituras e contribuições.

Aos emaranhados de humanos e não humanos que rodeiam a pesquisa em educação.

RESUMO

Esta pesquisa busca as expressões de emaranhados ao encontro de linhas de errância nas paisagens de uma docência em Artes Visuais. O estudante-professor-pesquisador, ao caminhar pelas paisagens da arte-educação-pesquisa-vida, atenta-se às linhas de errância (Deligny, 2015; 2020) nas paisagens da educação, por onde andarilha (dentro e fora da sala de aula, corredores, pátio e nas operações de pesquisa), por meio do encontro (Tsing, 2022) com matérias. As linhas de errância são rastros na superfície, o encontro de multiplicidades que dão expressão aos arranjos singulares de corpos, seres, coisas e materiais. As linhas estão à margem, dizem de outros modos de existência em meio às paisagens que compõem uma docência em artes visuais. São captadas no delineamento de seus efeitos e expressas nas variações de emaranhados (Ingold, 2012; 2015; 2022). A pesquisa em educação traz o caminhar (Careri, 2013; 2017; Ingold, 2015) para os procedimentos metodológicos. A sobrejustaposição (Mossi, 2014) para articulação dos emaranhados postos aos encontros e o gesto de pôr as cartas de tarô para a articulação do cruzamento da pesquisa e os/as leitores/as. As imagens-desenhos-escritos-arranjos aparecem neste estudo como expressão de emaranhados. À maneira como Deligny manifestou as linhas na confecção dos mapas das crianças, que são matérias para uma possível rede, emaranhados na “superfície”, como diz Ingold. A docência-pesquisa anda por meio das paisagens, perfura a superfície e expressa emaranhados em escritos e/com imagens que povoam esta dissertação. Emaranhados das variações dos modos de existência sobre um agir em comum aos encontros de inventar, ensinar, pesquisar e viver.

PALAVRAS-CHAVE: Emaranhado, linhas de errância, paisagem, caminhar, docência, arte.

ABSTRACT

This research explores expressions of entanglement towards Wander lines within the landscapes of teaching in Visual Arts. The student-teacher-researcher, while walking through the landscapes of art-education-research-life, notices the wander lines (Deligny, 2015; 2020) within educational landscapes where they wander (both inside and outside the classroom, corridors, courtyard, and during research operations) and through encounters (Tsing, 2022) with materials. Wander lines are traces on the surface, encounters of multiplicities that give expression to unique arrangements of bodies, beings, things, and materials. These lines are aside, as they reveal other ways of existence within the landscapes that constitute teaching in visual arts. They are caught in the outlining of its effects and it is conveyed through the variations of entanglements (Ingold, 2012; 2015; 2022). Educational research embraces the act of walking (Careri, 2013; 2017; Ingold, 2015) as a methodological procedure. The superimposition (Mossi, 2014) serves as a means to articulate the entangled encounters, while the gesture of laying out tarot cards facilitates the intersection between the research and the readers. Images-drawings-writings-arrangements emerge in this study as expressions of entanglements. They resemble the way Deligny manifested lines in the creation of children's maps, which serve as materials for a potential network, entanglements on the "surface," as Ingold states. Teaching-research walks through landscapes, punctures the surface, and expresses entanglements through writings and images that permeate this dissertation. Entanglements arise from variations in modes of existence over a common acting to encounters of inventing, teaching, researching and living.

KEYWORDS: Entanglement, wandering lines, landscape, walking, teaching, art.

PAISAGENS

Imagem 2 – carta de paisagem, p.13

Imagem 3 – tempo escola, p.14

Imagem 4 – mar, p.18

Imagem 5 – *maresangue*, p.19

Imagem 1 – silêncio, p.12

Imagem 7 – carta de paisagem, p.21

Imagem 8 – procedimentos, p.24

Imagem 9 – mapa, p.25

Imagem 6 – composição de uma pesquisa em educação, p.20

Imagem 12/13 – trabalho de conclusão, p.30/31

Imagem 10 – cadernos de expressões, p.26

Imagem 11 – desenho de encontros de, p.27

Imagem 14 – errância, error, p.32

Imagem 15 – socorro, p.34

Imagem 16 – cadernos, p.35

Imagem 17 – carta de paisagem, p.39

Imagem 18 – carta de paisagem, p.40

Imagem 19 – modos, p.41

Imagem 20 – cadernos de encontros, p.46

Imagem 21 – cadernos, p.47

Imagem 22 – borboleta, p.55

Imagem 23 – borboleta, p.56

Imagem 23 – cadernos de contenção, p.61

Imagem 24 – carta de paisagem, p.62

Imagem 25 – linhas, p.63

Imagem 26 – linguagem, p.65

Imagem 27 – raios, p.66

Imagem 28 – estriado/liso, p.70/71

Imagem 29 – ninho, p.74

Imagem 30 – carta de paisagem, p.77

Imagem 31 – problema, p.78

Imagem 32 – caderno, p.79

Imagem 33 – corpo-fragmento, p.84

Imagem 34 – *casaração*, p.85

Imagem 35 – carta de paisagem, p.88

Imagem 36 – peixe, p.89

Imagem 37 – ou borboleta, p.90

Imagem 38 – caderno, p. 91

Imagem 39 – copo d'água, p.99

Imagem 40 – sorrir, p.100

Imagem 41 – fala, p.101

Imagem 42 – materiais, p.103

Imagem 43 – carta de paisagem, p.104

Imagem 44 – coração, p.105

Imagem 45 – carta de paisagem, p.106

Imagem 46 – fios, p.107

Imagem 47 - trânsito, p.111

Imagem 48 – *escolabergamota*, p.112

Imagem 49 – porta, p.116

Imagem 50 – respirar, p.118

Imagem 51 – carta de paisagem, p.119

Imagem 52 – inspirar, p.120

Imagem 53 – boca, p.122

Imagem 54 – vela, p.123

Imagem 55 – carta de paisagem, p.124

Imagem 56 – azul, p.125

Imagem 57 – pedagogia, p.131

Imagem 58 – busca, p.132

Imagem 59/60 – cadernos de arte, p.134/135

Imagem 61 – navegar, p.137

Imagem 62 – relato, p.138

Imagem 63 – carta de paisagem, p.139

Imagem 64 – fala da escrita, p.140

Imagem 65 – escrever uma outra docência, p.141

Imagem 66 – desenho de afetos, p.144

CAMINHAR COM

ENCONTRO COM FRAGMENTOS.....	14
PREÂMBULO	16
ENCONTRO COM O CAMINHAR E PROCEDIMENTOS	22
PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA.....	23
ALGUNS PONTOS DA PESQUISA A MODO E APRESENTAÇÃO:.....	23
PROCEDIMENTOS DE CONFECÇÃO	25
TERRENOS CRIADOS UM POUCO ANTES: “DIÁLOGOS DA ERRÂNCIA: FRAGMENTOS DO ABANDONO NA POÉTICA ARTÍSTICA”	29
CARTAS ÀQUELES QUE NÃO ME ABRAÇARAM.....	34
UM PERÍODO DISTANTE: ENCONTRO COM UMA DESCONHECIDA.....	37
ENCONTRO COM A PÓS-GRADUAÇÃO DE ENCONTROS.....	40
ENCONTRO COM ESTUDANTES.....	41
CAMINHAR PARA INVENÇÃO DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ESCREVER, FOTOGRAFAR, RISCAR, PÔR AS CARTAS E TECER	43
ANDARILHAR.....	49
PROFESSOR-TECELÃO = MOVIMENTO DE PÔR AS CARTAS	58
ENCONTRO COM EMARANHADO	63
EMARANHADO	65
COM O EMARANHADO: A LINHA	68
ENTRE IR E VIR DA ESCOLA.....	76

ENCONTRO COM O LOUCO	78
ENCONTRO COM LINHAS DE ERRÂNCIA	79
LINHAS DE ERRÂNCIA	81
CARDUME.....	87
ENCONTRO COM O TEMPO	89
EXISTÊNCIA DIURNA	103
ENCONTRO COM A ARTE.....	105
ENCONTRO COM AS PAISAGENS DE UMA DOCÊNCIA	107
PAISAGEM E ANDARILHAR COM O LOUCO E AS CRIANÇAS.....	109
PAISAGEM	114
HÁ CORPOS.....	118
ENCONTRO COM VAZIO.....	120
PÉS DE PENINHA	122
ENCONTRO COM A PESQUISA EM EDUCAÇÃO	125
VARIAÇÕES LUNARES E DELEUZE E OITICICA E POSSÍVEIS PAISAGENS DE UMA DOCÊNCIA DE ARTES VISUAIS EM LINHAS DE ERRÂNCIA EMARANHADAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO E... ..	127
CADERNOS E EXPRESSÕES	134
CORRE(ANDA)DOR.....	137
CARTAS À QUELES AGRESSORES.....	140
ENCONTRO DE.....	143

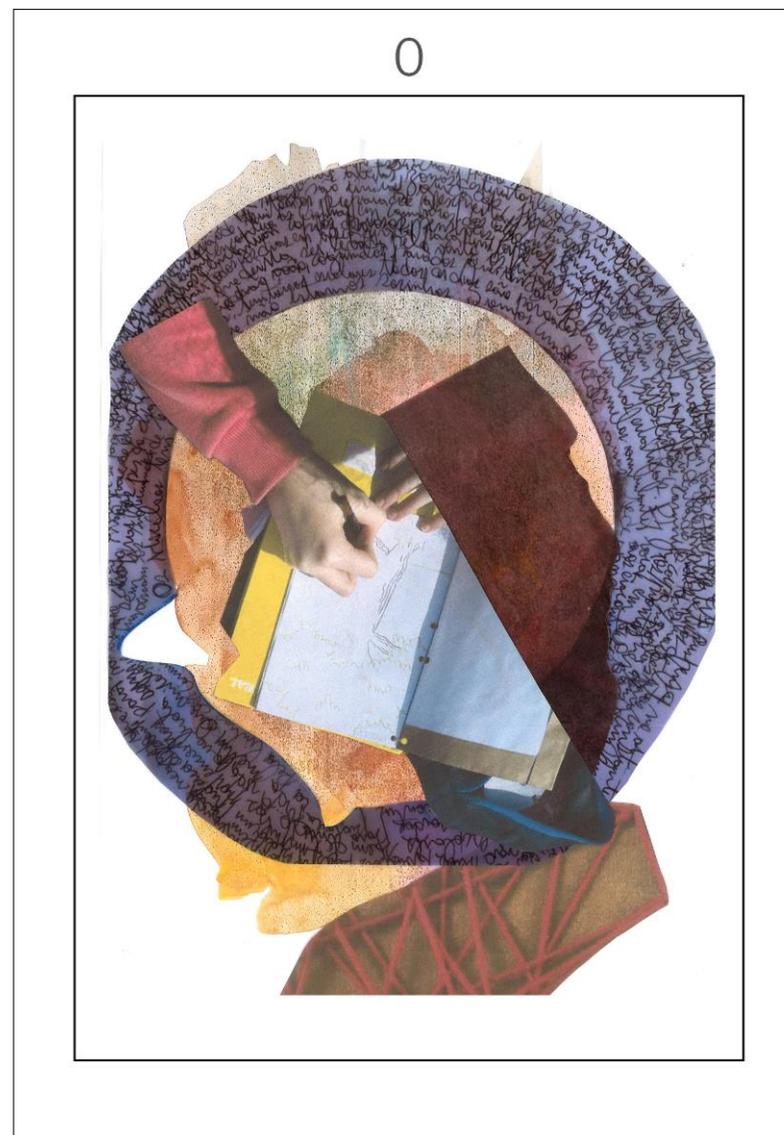
ENCONTRO COM FRAGMENTOS

próximo às casas abandonadas
pela textura das matérias
ao caminhar pelos cruzamentos
através do muro da escola

nos territórios invadidos
com a carne brilhosa
da estrutura perversa
pelos afetos esquecidos

aos corredores do prédio escolar
por meio dos livros da biblioteca
nos armários da sala 10
nos infinitos degraus das numerosas escadas

ao longo do currículo
das disciplinas de docentes
injetado aos corpos estudantis
nas relações habitáveis



O tempo escola não põe a força
toda ~~religiosa~~ e transforma materiais
diversamente.

tempo escola possui brechas
que apertam as margens do
lugar de invenções e afetos

A conexão instaurada no tempo
escola está tirando a presença
de corpos fragmentados

a presença passada na lentidão
de gestos e montes por vezes até
semelhanças por infectados
entões



PREÂMBULO

Gaguejar nos convoca para as forças que contêm as palavras em seus sons no campo social, gagueiras da invenção de um meio de expressão singular. Gaguejar é embarcar numa linha de fuga, pela multiplicidade de sentidos, escapando ao significante, ao signo que se tornou centro e que estrutura toda uma ordem de sentidos. Gaguejar é uma dimensão da criação, é a própria criação (BARROS DE BARROS; ZAMBONI, 2012, p. 121).

Toda imagem é fisicamente um rastro, o resultado de uma transposição ou de uma troca (um depósito de tinta, um efeito de carga elétrica ou magnética, uma reação química). Em síntese, uma diferente modulação de informação armazenada, de “memória” (FONTCUBERTA, 2014, p. 62).

Toda apresentação é composta por fragmentos de escolhas, opta-se por mencionar algumas coisas, fatos, conceitos, matérias, terrenos, alianças, efeitos, etc. Porém, são deixadas muitas linhas e nós para trás, por uma questão de tempo e compromisso com a pesquisa em educação. Entre diversas escolhas, recolhem-se fragmentos, pedaços para arranjar

¹ A palavra “Sobrejustaposição” tem derivação da tese de doutorado do Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi, que a define como “produzir sentidos na tensão entre imagens, conceitos e textos, dentre outras referências, que

imagens, emaranhados, histórias, narrativas e vidências. Desse modo, o que é mostrado aqui surge como convite para quem ler, observar e/ou sentir.

Andar em emaranhados por linhas de errância e paisagens da escola. Preâmbulos com restos captados em encontros de pesquisadores, pessoas, coisas e lugares. O conjunto de narrativas que se apresentam ao longo dessa pesquisa faz brotar linhas: de cipó, espinhos, micélios, teias de aranha e uma infinidade de seres. O cipó que rasteja pelo terreno em busca de seres nos quais se amarrar, cipó carrega entre suas partes espinhos, flores, folhas, texturas que remetem aos aglomerados corpóreos de sobrejustaposições¹ nesta pesquisa em educação. Cipós de errância que invadem outras áreas, encontram a terra aquecida com o fogo, as águas geladas, as pedras que, paradas, andam, como tudo, em sintonia com a Terra. Linha, multiplicidade que laça, enforca e brota paisagens.

ganhavam um tratamento de diálogo e complementariedade sem, no entanto, serem ilustrativos uns em relação aos outros” (MOSSI, 2015, p. 3360). Será explanada na sequência do texto.

O trabalho apresentado trança-se em paisagens que respingam em imagens e textos. Imagens que estão para arranjos de uma proposição em encontros com: textos, referências, observações, leitores e leitoras. A pesquisa é para ser posta na mesa e junto às imagens, e, a partir, propor afinidades de nós das linhas de errância.

Materiais, a pesquisa leva consigo uma infinidade de materiais, que com suas composições se misturam e pelas transformações instauram novas paisagens. As linhas estão em tudo; até mesmo no ar que respiramos sentimos as linhas de ventos em nossos corpos. A pesquisa apresenta linhas pelas telas de computadores, *Webs* e *PDFs*. O aroma de ervas que está aqui traz boas-vindas para estrangeiros que encontram este trabalho.

O cipó encontra o micélio e, juntos, carregam as linhas de uma pesquisa em educação. O corpo, escola, que é tomado pelos mofos de entulhos dos materiais, livros, goteiras, estão ricos em vida de micélios. A invasão da natureza toma seu espaço e lentamente faz renascer um novo lugar. Fungos fazem a melhor apresentação: algumas vezes com manchas coloridas,

com texturas aveludadas, cogumelos e linhas. A plasticidade de linhas e materiais impulsionam paisagens que podem ser estranhas e afetuosas para leitores/as.

O emaranhado de linhas do micélio proporciona a errância de corpos que se batem nos encontros, acionam a alteridade dos materiais para inventarem paisagens de uma docência em Artes. Como diz Anna L. Tsing em seu livro “O cogumelo no fim do mundo”:

Somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaços para os outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir (TSING, 2022, p. 73).

Contaminar nos encontros a pesquisa em educação com mofos, linhas, fungos, seres, imagens, escritos, leituras, para assim deixar brotar variações dos modos de existência e de fazer educação. A cada passo dado no estudo são encontradas linhas de errância emaranhadas nas paisagens da docência. Nesses encontros, são coletados fragmentos e é deixado

contaminar-se pelos afetos-vibrações-sentidos, em específico com corpos que andam na margem, nas linhas de errância.

A contaminação acontece à medida da andança. Efeito entre humanos, não humanos, materiais que acontecem ao longo do período da pesquisa, ou melhor, da vida emaranhada, pois “todos nós carregamos uma história de contaminação” (TSING, 2022, p. 73).

Ao passo que são inventadas variações de emaranhados com o encontro de fragmentos em paisagens, multiplicam-se os sentidos de uma docência em linhas de errância emaranhadas, que se encontram em rizomas, às vezes em micélios, cipós e teias. Os fragmentos são vulneráveis, são efeitos que vazam e só fazem afetos com outros, de acordo com Tsing:

a precariedade é um estado de reconhecimento da nossa vulnerabilidade aos outros. Para sobreviver, nós precisamos de ajuda, e a ajuda é sempre um serviço de outrem, intencional ou não. (TSING, 2022, p. 75).

Qual a pretensão da teia? Será que ando e crio a teia, ou teço e ando? Que sentidos as teias produzem com outros seres? Quais são as vibrações que uma teia toca à pesquisa em

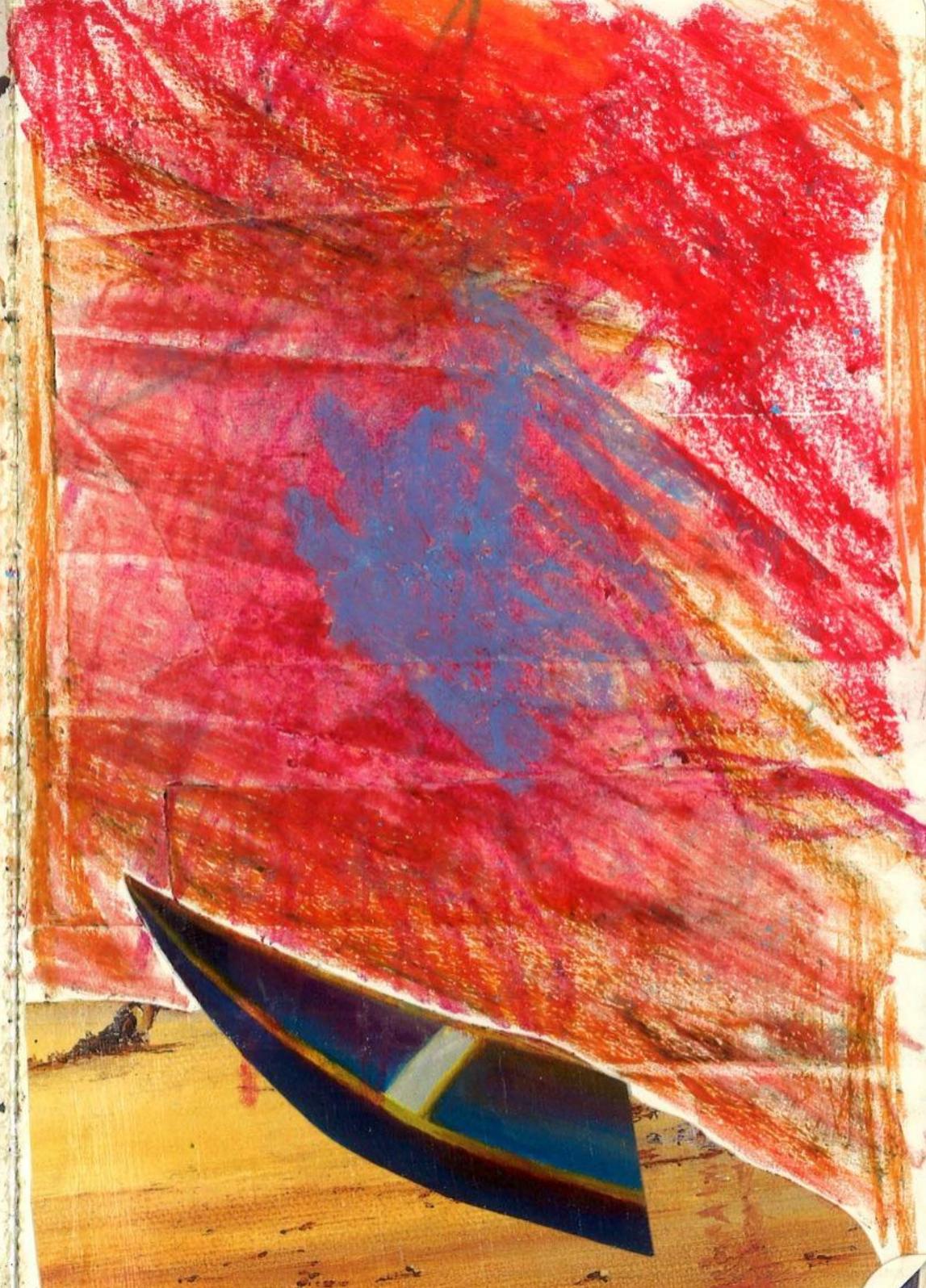
educação? Ainda com Tsing e próximo aos efeitos dos materiais:

Colaborações nos transformam, seja no interior de nossa espécie ou entre espécies distintas. Tudo o que é importante para a vida no planeta Terra acontece nessas transformações e não nos diagramas de decisão de indivíduos autônomos (TSING, 2022, p. 75).

Pode-se afirmar que os encontros produzem diversidade, assim como “contaminação produz diversidade” (Tsing, 2022, p.76). Não algo diverso e diferente, mas existências singulares. Nos encontros das linhas de errância emaranhadas se engendra uma pesquisa em educação.

Que se repite? Ximbras

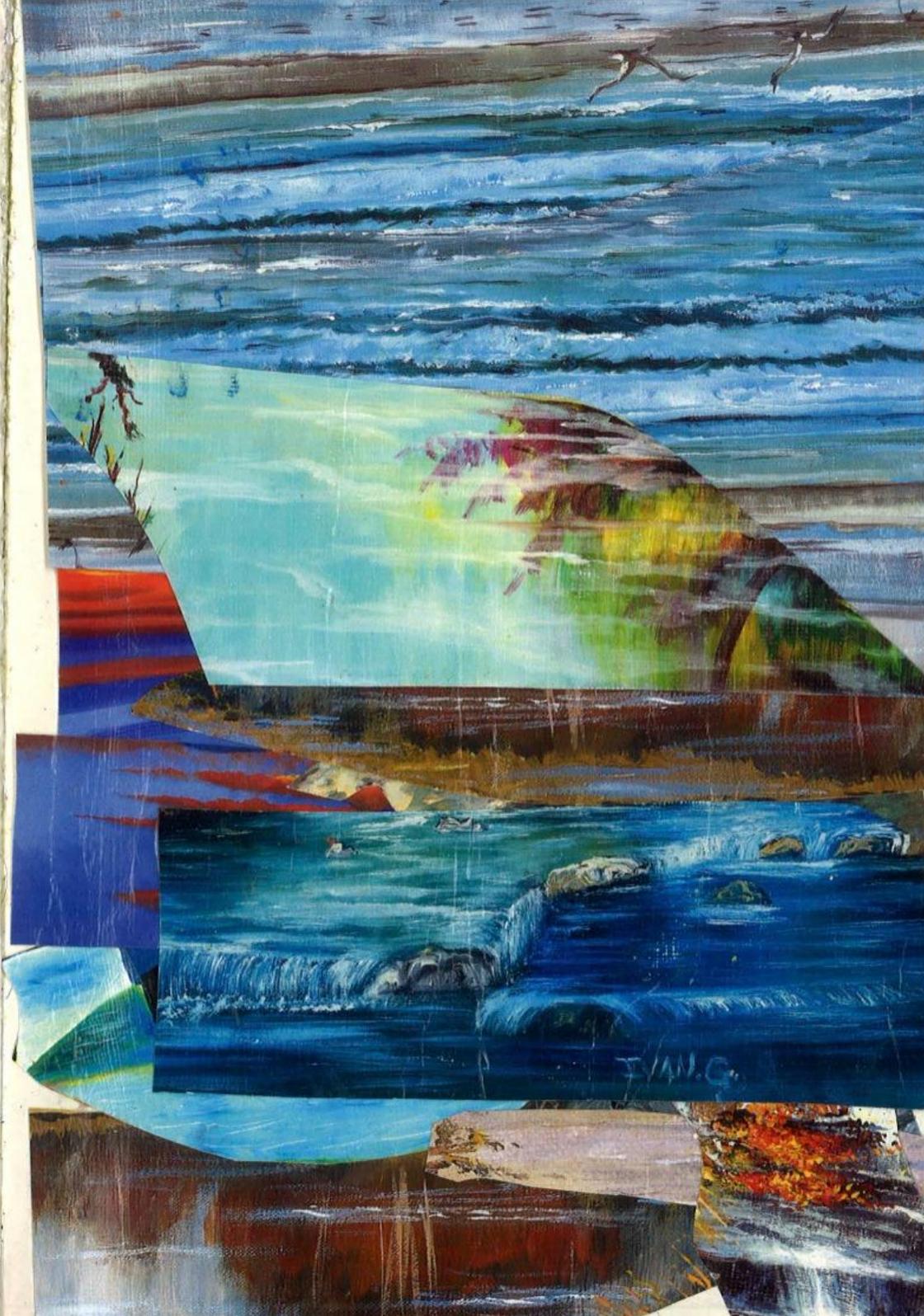
Solo es
diaz una
mion de
Romano que
improta o
Solo de sub



Handwritten text in green and orange on a light background. The green text is on the left, and the orange text is on the right.

GREEN: M A R

ORANGE: S O N G



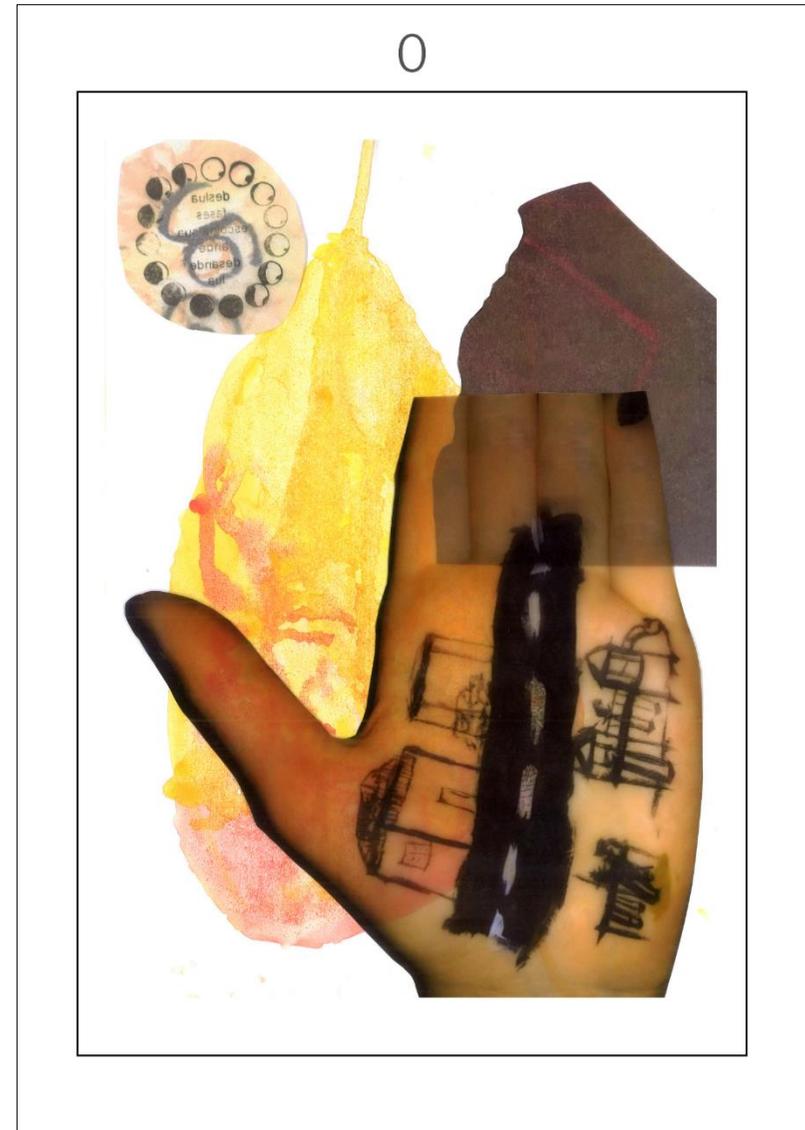
ENCONTRO COM O CAMINHAR E PROCEDIMENTOS

ir e vir
pra lá e pra cá
dentro e fora
aos arredores e no centro

buscar procedimentos possíveis
na rotina de uma caminhada
entre lugares, humanos, não humanos
entre escolas, docências, arte e filosofias

encontrar com linhas de errância
operar as matérias e materiais
provir coisas em emaranhados

procedimentos encontrados
para devir uma pesquisa em educação
em emaranhados de uma docência em Artes Visuais
de errância



PROBLEMA DE PESQUISA

Que emaranhados são expressos nos encontros com as linhas de errância pelas paisagens de uma docência em Artes Visuais?

ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

A dissertação em educação é composta por três fragmentos:

- A escrita entrelaçada com o campo conceitual: autores/autoras, imagens e experiências da docência.
- A escrita à mão: muitas vezes realizada na sala de aula, pela paisagem da escola com rabiscos.
- As cartas, tendo como referência o Tarô, são compostas com imagens do andarilhar pelas paisagens de uma docência em Artes Visuais.

A pesquisa em educação tomou essa forma para que as pessoas leitoras operem em articulação com os encontros das expressões. Inspirado no tarô, que ao ser jogado compõe um emaranhado de cartas, inventa-se uma malha. A malha vira superfície para jogar vidências com o encontro proposto de

cartas-pessoas. O terreno criado é fértil para o/a leitor/a andarilhar ao longo na/da superfície.

ALGUNS PONTOS DA PESQUISA A MODO E APRESENTAÇÃO:

1. Linhas de errância com Deligny (2015; 2020), Azevedo (2020) – modos de existência que inventam corpos-fragmentos mínimos, “que não atendem às regras de comportamento esperado” (AZEVEDO, 2020, p. 160). Caminhar em terrenos desconhecidos.
2. Linhas-existências, corpos, imagens.
3. Emaranhados com Ingold (2022) – zonas de alargamento das paisagens afetivas compostas por existências, linhas de errância.
4. Paisagens com Ingold (2015) – textos, imagens, seres imaginários, restos, composições coletivas.
5. Encontro com Anna L. Tsing (2022) – de matérias, materiais, humanos, não humanos e paisagens.
6. Invenção com Kastrup (2007) – navegar em águas desconhecidas.

7. Tramas com Deleuze e Guattari (1995; 2006) – multiplicidade dos transmodais existenciais.
8. Multiplicidade com Deleuze e Guattari (1995; 2006) – sistemas próprios de invenções.
9. Dédalo com Ingold (2015b) – questões objetivas de uma atividade avaliativa.
10. Labirinto com Ingold (2015b) – minuciosas construções de atividades-paisagens.
11. Seres Virtuais com Lapoujade (2017) – existências e inexistências em processos agenciais.
12. Pesquisa em educação com Mossi (2014) – andança pelos diferentes espaços da escola, pós-graduação, sobrejustaposições de textos, imagens, paisagens.
13. Micélios com Sheldrake (2022) – linhas de micro existências em multiplicidade desviantes interconectadas.
14. Sobrejustaposição com Mossi (2014) – gestos de colocar as cartas; arranjos com os encontros de imagens e textos.

~~SIGNIFICAÇÃO, ORGANISMO, SUJEITO~~

EXPERIMENTA

OR
G
A
N
I
S
M
O

ATENTO

QUE ESSA EXPERIMENTAÇÃO
DIZ DA METODOLOGIA?
UM PEDAÇO DE NOVA TERRA

PROCEDIMENTOS DE CONFECÇÃO

Confecção de cartas das paisagens de uma docência em Artes Visuais. Inspiradas no formato das cartas de Tarô. Não serão denominadas como cartas de tarô, pois respeita-se a cultura e o mundo do Tarô. Também, acredita-se, além dos símbolos arranjados, as cartas expostas aqui dizem do determinado momento de deslocamento realizado na pesquisa em educação. Entre lar-escolas-casas em Capela de Santana, Morro Reuter, Novo Hamburgo, Portão e Porto Alegre (RS).



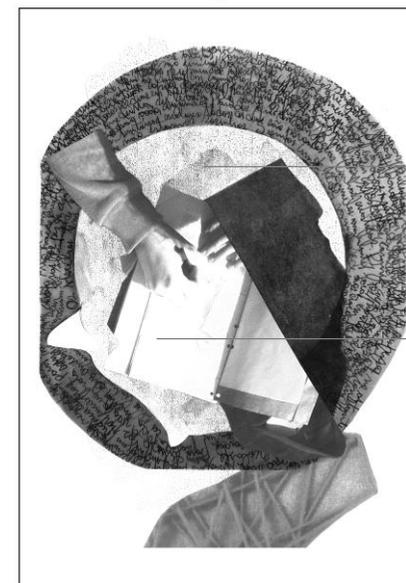
Escritos e desenhos do professor.



Processo de recorte e cola do professor.



Imagens/Paisagens do professor.



Número 0 – representação da numerologia do O Louco.

Recorte dos escritos do professor.

Recortes das fotografias do professor.



Saímos da sala de aula
fomos para o pátio
convergimos as cadeiras e os materiais
centramos entre os árvores

observamos a paisagem ao redor
não sobrimos quando inicia ou termina
os materiais estarão postos e o contato
para desenhar aberto em comum.

Os pássaros no céu andam entre os
correntes de vibrações
existe um esforço mínimo das aves
como a mão sobre o papel
que desenha linhas singulares
para bratar uma aula entre
emaranhados de existências, materiais
e linguagens.





TERRENOS CRIADOS UM POUCO ANTES: “DIÁLOGOS DA ERRÂNCIA: FRAGMENTOS DO ABANDONO NA POÉTICA ARTÍSTICA”

As ventanias do ano de 2018 trouxeram inúmeros restos de composição para a minha vida. Naquele ano, minha família, cansada de morar no mesmo lugar, mudou-se para outro espaço. Saímos das paisagens afetivas cheias de inços para um terreno antigo. Meu corpo estranhou a mudança, não queria sair de um terreno que era cheio de lembranças, afetos e memórias. O espaço mudou meu corpo, inventou modos para que pudesse andar em errância ao encontro de fragmentos do abandono: do terreno, das relações, dos afetos, dos corpos.

As reações dos movimentos corporais gerados pelas finalizações – inícios de ciclos, as andanças diárias que envolviam trabalho-casa-universidade-família e a chegada final do curso de graduação em Licenciatura em Artes Visuais –

² Diálogos da Errância: Fragmentos do abandono na poética artística (2018). Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade

fizeram com que percebesse e sentisse os lugares abandonados.

Os lugares abandonados: prédios, casas, imóveis, construções acabadas ou inacabadas que estavam em degradação naquele período de pesquisa. Habitados por moradores de rua, animais, plantas, inços, pichações. Os espaços convidaram-me ao deslocamento, provocaram-me ao movimento, despertaram-me para sair e para descobrir existências.

Andar pelos lugares abandonados inventou afetos de integrar um espaço em que se encontram entulhos de materiais, restos de histórias e uma vegetação que é desafiadora por atravessar o concreto. Possivelmente, também, pelo fato de catar e procurar materiais de construção nas ruínas abandonadas e notar que os materiais, elementos e seres ainda faziam parte de mim. O trabalho de conclusão² desenvolveu formas que dialogaram com as ruínas urbanas e com seres que as compuseram, tais como restos de objetos e fragmentos

Estadual do Rio Grande do Sul. Orientadora: Prof. Dra. Juzelia de Moraes Silveira, Montenegro – RS.

variados que delas faziam parte. As formas eram produzidas a partir de fragmentos encontrados em espaços destruídos, através da errância, que, conforme Francesco Careri (2013), “desenvolve-se num espaço vazio ainda não mapeado e não tem metas definidas”. Os/as errantes, andarilhos de espaços lisos, foram impulsionadores da pesquisa artística, assim como os materiais recolhidos pelo espaço urbano percorrido. Caminhar e pesquisar os usos, ocupações e invenções dos territórios abandonados da cidade, as ruínas urbanas, e o desejo do diálogo com uma poética artística.

Tal como as plantas que experimentam a habitação em diversos materiais, minha pesquisa poética, desde o início da frequentação da loja dos meus pais³ e da graduação em Artes Visuais, sempre foi marcada pela experimentação em diversos materiais. Ao longo do curso, experimentei a plasticidade dos diversos materiais como pigmentos em pó dentro de caixas,

³ Os desejos iniciaram-se com os afetos dos materiais e a experiência de ter passado parte do começo de minha vida na loja de materiais de construção dos meus pais. Caminhar entre as mercadorias era encontrar nelas um refúgio do meu dia, passar as mãos pelos materiais era sentir que estava vivo por meio das texturas. Outro elemento que compunha este espaço e que despertava minha atenção era a escrita, uma vez que é

pinturas, gravuras, tintas, papéis, arames etc. Usei-os em desenvolvimento de trabalhos como ferramenta estética e modos de aprendizagens.

O trabalho desenvolvido na conclusão do curso proporcionou um olhar para outros modos de existência. A relação artística com o caminhar pela ruína urbana inventou diálogos poéticos com o espaço e as pessoas que passavam por lá. Andanças em escolas, produções artísticas, plantio de mudas, pesquisas, invenções, questionamentos e afetos impulsionaram a busca de cruzamentos das linhas de errância do meu corpo com as paisagens.

Desde a finalização do curso de graduação, venho trabalhando em escolas municipais de ensino fundamental e ensino médio. Iniciei a docência em Artes Visuais antes da finalização do curso. Foi na cidade de Ivoti (RS) que tive minha primeira

comum numa ferragem escrever à mão pedidos de clientes referentes aos materiais solicitados. Escrever era um gesto de comprometimento da troca com pessoas desconhecidas da cidade. Aquela simples escrita fazia um acordo com palavras ditas e riscadas.

experiência, onde atuava com crianças do ensino fundamental, anos iniciais. Naquela época tudo era novo na sala de aula e minhas invenções surgiam junto com os/as estudantes. Certa vez, fizemos esculturas em gesso, e tudo, classes, cadeiras e chão ficaram brancos dentro da sala de aula.

Em seguida, minhas andanças diárias aumentaram, pois migrei minha atuação para Ivoti, Capela de Santana, Estância Velha e Montenegro. Recentemente, estive com aulas em Parobé, Porto Alegre, Dois Irmãos e Novo Hamburgo, e agora estou em Portão (2023).

O itinerário de cidades ensina, mostra-me que não importa onde estamos, sempre caminharemos aos encontros de emaranhados e, principalmente, à busca de linhas de errância em paisagens. De cada município frequentado, lembro dos percursos, dos encontros, das salas de aula, das errâncias nas atividades e como os movimentos de troca das cidades afeta(ra)m a vida emaranhada.





FERRANCITA

FERRA

FERRA



CARTAS ÀQUELES QUE NÃO ME ABRAÇARAM

Na escola, meu caminhar começava antes do intervalo, tinha uma sensação de insegurança, medo, arrependimento de estar presente naquele lugar. Quando estava próximo de tocar o sinal, minhas mãos suavam, minha barriga roncava, minhas pernas bambas.

No recreio, não sabia o que podia acontecer naquele pequeno tempo. Antes de sair para o intervalo, imaginava a imensidão do pátio escolar, não sabia para onde ir, talvez a parte com menos pessoas, em algum canto da escola sem ninguém, sobretudo longe daqueles que não me queriam por perto. No imenso pátio existiam árvores, campo de futebol, quadra de vôlei, subidas e descidas, corredores entre os prédios, cantos, grades, britas, terra, emaranhados.

O sinal tocava e íamos liberados para o recreio. O intervalo foi, para alguns, uma liberdade, uma pausa, um repouso no ar, mas para mim sempre uma ventania, que incansavelmente esteve ao meu lado, às vezes derrubou-me e/ou levou-me para outros encontros. Quando saía da sala, caminhava e não sabia para onde

ir, andava entre os corredores, passava pelos lugares conhecidos e colegas, porém não tinha um ponto de encontro. Andarilhava, parava pelos cantos da escola, os fundos foram meu lar. Vagava novamente até encontrar o fim do intervalo.

Apesar de todos os constrangimentos, sorrisos, *bullying*, desencontros, fugas, afetos reprimidos, zoeira, hematomas, idas a Gramado, foi a paisagem da escola que me fez professor. Teve algo que me cativou, não sei se foram as pessoas, o clima, a possibilidade de entrar para dentro dos muros de uma instituição, movimentar o conhecimento, a segurança, algo me chamou para rasgar docências homogêneas.

O meu tempo de aluno da escola básica proporcionou paisagens, pois afirmei minha existência como estudante e, na pesquisa em educação, proponho uma possível existência docente em linhas de errância. Voltei para a escola como professor de Artes Visuais. Disciplina que não era levada a sério até um professor encantar-me com sua docência. Sua presença foi marcante: à maneira de suas atitudes, mostrou possibilidades com a presença da Arte. O laboratório de Ciências virou laboratório de Arte.

Limbo que
Dulce es
Sua honra

COCARRO

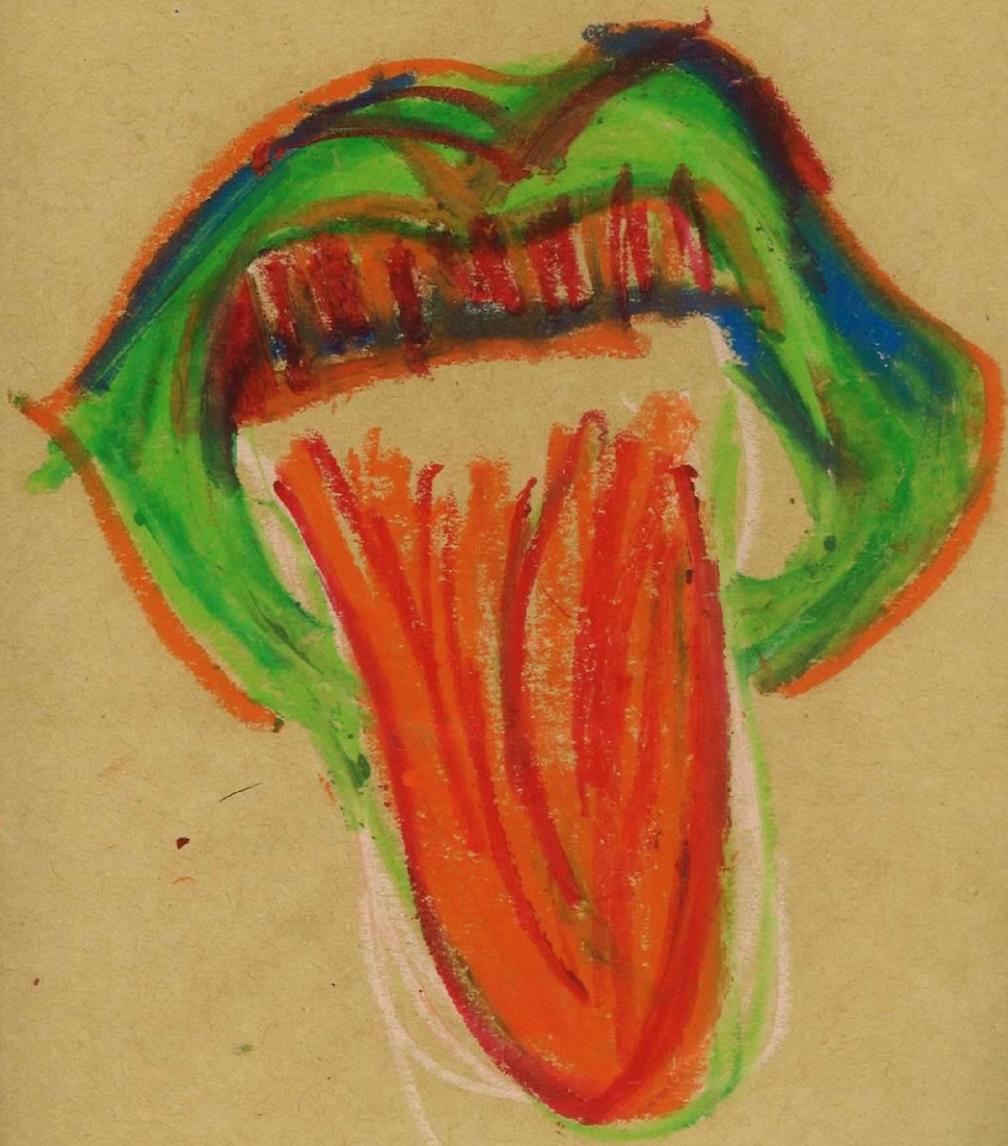


Uma aula euante que começa
antes da ad masca entre os estrelas
que traz para aula um microfone
Uma carta de som

Aa sala de musica uma banda
de rock que faz seus rixtos numa
mambra gelada de inverno.

O som foi ligado e o volume
aumentado que os turmas de
bado questionavam a barquinha

A voz da boca foram plpoda
e os outros seres escutonam
aqueles pequeninos invisíveis



UM PERÍODO DISTANTE: ENCONTRO COM UMA DESCONHECIDA

Desde o início de 2020, a pandemia provocada pelo novo Coronavírus abalou o mundo. Em 2021 não foi diferente, e, para conter a disseminação do vírus, a ordem social foi de permanecer dentro de casa. O vírus é altamente transmissível entre as pessoas, mesmo vacinadas, por meio do contato com pessoas infectadas, superfícies, ambientes fechados etc. Dois anos depois e com mais de dois milhões de mortes pelo mundo, ficar em estado de isolamento foi a melhor opção. Talvez, uma das maiores dificuldades daquele momento tenha sido o isolamento social, não encontrar fisicamente as pessoas fez com que se agravasse a situação afetiva.

Logo, ficou-se intermináveis dias em casa, o corpo acostumou-se com a cadeira desconfortável da cozinha, com o colchão duro e o ensino remoto. Levou-se o corpo ao extremo da imobilidade. Cansaço. As tecnologias digitais ajudaram dentro de casa com as aulas em modalidade remota, reuniões, seminários, cursos, trabalhos e encontros. Tudo pela câmera do celular e/ou computador. Cansaço. Apesar de tudo, geraram-se estratégias

fugitivas da vida que passava dançando num frame de 03 segundos nas telas digitais.

Escapar dos mecanismos digitais, sair das inteligências artificiais de *drivers*, para tentar maneiras de sobrevivência num estado pandêmico. Em 2020, foi necessário sair e, com todos os protocolos de saúde, ir para a rua. Que potência aciona o corpo a ir para o ambiente externo quando se acomoda internamente? Que corpo em devir é produzido no pátio?

Criar um corpo para ir ao parque: chega no pátio e escolhe o espaço mais distante das pessoas, em função dos cuidados requeridos pela pandemia e pelo silêncio. Define o lugar entre umas árvores e a grama, estende um pequeno pedaço de tecido e senta-se sobre a grama. À sua frente, coloca uma folha de papel Kraft e começa a escrever. Nesse momento a criação não vem somente do imaginário, mas a partir de palavras-chave, referências pontuais, de um breve estudo sobre os temas de

pesquisa. Desenham-se as palavras, folhas e árvores da pesquisa em educação⁴.

Uma mulher se aproxima, ela está sem máscara de proteção, o medo toma conta do corpo. Como defesa instantânea, são recolhidos e guardados discretamente alguns itens pessoais. A estranha causa tensões, frio na barriga e reações. Ela senta-se ao lado e pergunta: “o que você está fazendo?” Um milhão de respostas passam pela cabeça e você fala: “estou desenvolvendo um processo criativo”. Em instantes, dissipa-se o sentimento de que aquilo que você falou deveria ser o mais simples possível para que ela entendesse sua ação e, quem sabe, ajudasse com o possível.

A resposta, talvez, tenha instaurado um vácuo entre vocês dois: o que ela poderia entender por “processo criativo”? Palavras que distanciaram ela e você. Naquele momento, você percebeu a importância do encontro com a outra pessoa, na medida do

⁴ Naquele momento da pesquisa em educação foi, pelo orientador desta investigação, proposta a realização de um mapa de domínio específico com palavras-chave, imagens, conceitos e referências que circulavam pelas intenções iniciais de investigação. Mapa que tem como efeito a visualização das afinidades dos termos envolvidos por meio de composições e ligações,

diálogo entre/com as palavras, imagens e coisas para tornar significativas as paisagens do fazer em conjunto.

Na sequência, você explicou a confecção daquele mapa de referências para a pós-graduação e de como poderia ser o tal “processo criativo”. Ela perguntou: “você sempre faz isso?” Você fica em dúvida do que responder: sempre desenvolve um processo criativo? Ou um processo?

A moça conversou mais um pouco, falou que sempre se senta no banco mais longe das pessoas, faz meditação ao final da tarde sob o sol e observa as pessoas. Você concorda e responde que precisamos ficar um pouco ao sol e sentir o calor da terra. Ela responde que sim e logo se despede, “vou deixar você no processo criativo”, dá um sorriso e “até logo”.

O movimento posto entre o encontro de dois estranhos implementou o questionamento a respeito de como o

e que é um dos procedimentos de produção de dados da pesquisa Povoamentos entre arte, educação e filosofia, em processos de criação em docência e pesquisa (2019-2024), coordenada pelo Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi junto à FACED/UFRGS. Foi esse o primeiro contato com a pesquisa de pós-graduação.

transbordamento das coisas nos afetam em malha. Convido quem está lendo para que, junto comigo, tente os encontros para expressar paisagens da escola por meio de linhas de errância no emaranhado. Apresentarei uma docência emaranhada de linhas, que se faz aos encontros por/com linhas de errância em paisagens-docência.

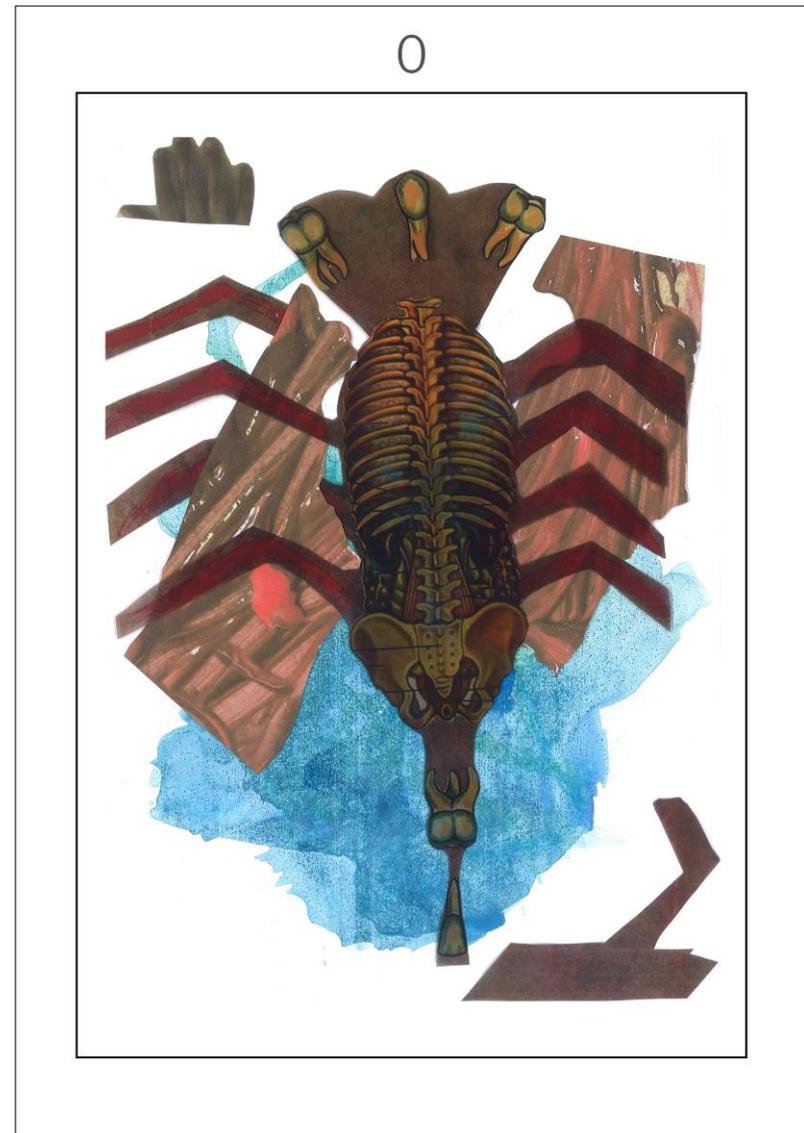
ENCONTRO COM A PÓS-GRADUAÇÃO DE ENCONTROS

entrar em caminhos traçados
deparar-se com humanos e não humanos
agir em coletivo
expressões de singularidades colaborativas

uma teia
uma trama
uma rede
um ninho

linhas soltas, tensionadas, amarradas e afrouxadas
linhas em sobrejustaposições e interseção
pares de mãos que escrevem por coletivo

grupo que andarilha
que se modifica aos atravessamentos
da pesquisa, da educação
da vida



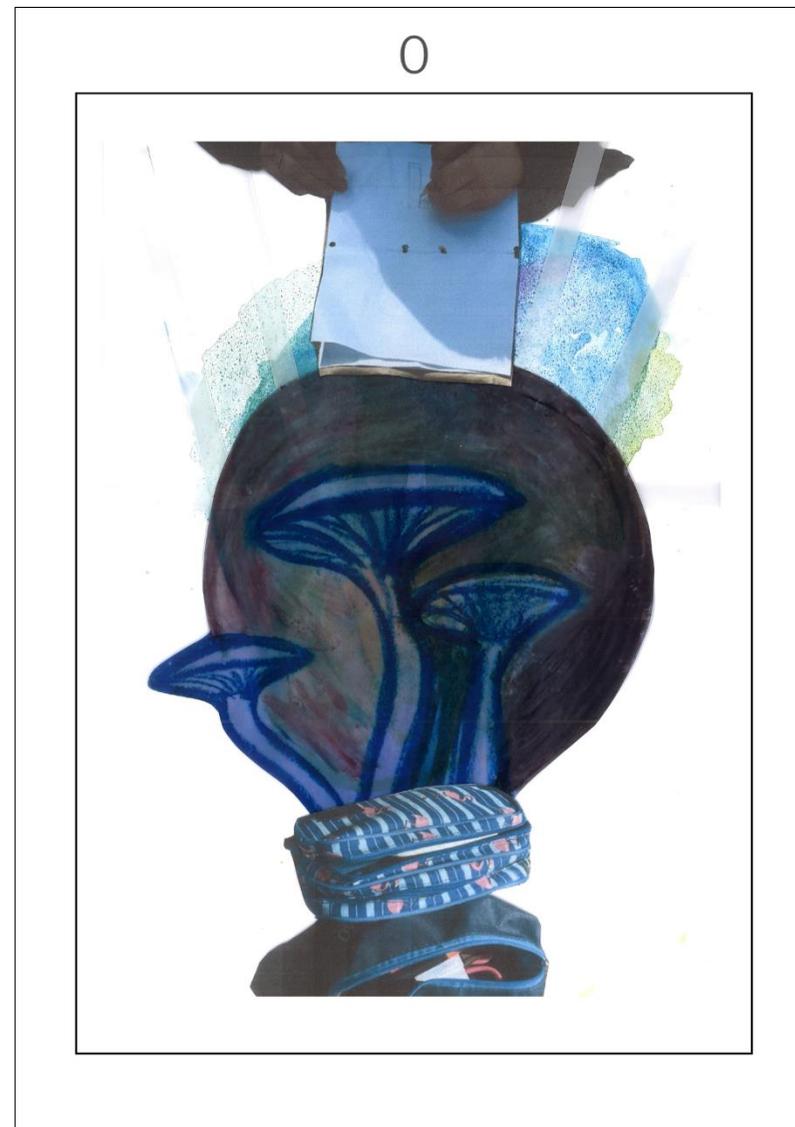
ENCONTRO COM ESTUDANTES

a cada ano rostos diferentes
em espaços divergentes
que buscam aprender
o nó da garganta

andanças desviantes
na procura de nada
entre corredores e escadas
com a garrafa e pelo banheiro

não falar nada
com a desconfiança sonora
exprimir olhares e risadas
de palavras irregulares

na vida que procura vida
em olhares atentos
para trocas de afetos
que professor e estudantes criam memórias



EMERANTADO DE FIM
OSTEO PRIOZA DO MEUBAI
FICHA NUM QUINTO TINKA
UMA PILHA DE FOS, UMA PIPA
MAE QUE PRECISAMOS
COLOCAR OS RES DENTRO PR
PUGAR ALGO.

MODOS DE PESQUISA
COM/PELO EMARINHA DO
1 - TENA UNIS EMARA
ENTR LOS EMARA
2 - NHADOS, ESCOLHE
3 - COLOQUE UM
4 - RES DENTRO
5 - TIQUE PARADO
POR ALGUNS INSTAN
TES E ESCOLHE
UM FIO, UMA
Linha PARA
MEDIR.

CAMINHAR PARA INVENÇÃO DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ESCREVER, FOTOGRAFAR, RISCAR, PÔR AS CARTAS E TECER

O modo de caminhar entre lugares proporciona um jeito de observação do que está à nossa volta: coisas, seres e lugares. Direcionar o olhar nos olhos, atentar para o que escapa nas brechas das tramas de linhas da vida. Deixar-se-á inventar com errância para expressá-la em reflexões e manifestações sobre educação e arte.

Além de ir ao contrário do planejamento, a errância dirige-se ao embate do outro, que está aberto para caminhar em conjunto. A/o errante, sujeita/o praticante da errância, entrega-se na ação, assume o coletivo para olhar o mundo. Não é esquecer de si, mas a partir de seus saberes, materiais e referências, construir o movimento. Como diz Kohan (2013), “a/o errante lança o corpo no encontro com outros corpos”.

Para Francesco Careri (2017), a errância faz parte da deriva, palavra que carrega duplo sentido: ideia surrealista do acaso, e navegar conforme a correnteza, sem vela e mapas. Sentir as

tempestades de vento, as correntezas das águas, o pulso da onda, as estradas de terra, o calor do fogo, é adentrar a paisagem, atrair a matéria e acolher o estrangeiro. Mais adiante, Careri afirma que, ao movimentar-se na errância para ir ao encontro da/o outra/o, é requerido saber onde estacar a âncora, construir ou inventar modos relacionais. O autor comenta que:

Navegar, caminhar, perder-se carregam consigo o tema do encontro com o Outro, levam a ser estrangeiro e a encontrar outros estrangeiros – é este que talvez me pareça ser hoje – o aspecto mais atual da errância. Quem navega aprende os perigos do mar e do aproximar-se da costa sem dar com os baixios, mas deve saber onde parar, como construir uma relação com o território onde resolveu fundear, como desembarcar e como falar com a população autóctone, quais sinais enviar, quais palavras dizer, como comportar-se para não vir a ser morto, para não ser percebido como hostil, mas sim como hóspede bem-vindo. Quem navega em águas estrangeiras deve ter uma clara visão da modalidade com a qual saudar o Outro, ao ir a seu encontro (CARERI, 2017, p. 28).

Como mencionado anteriormente, a docência é acolher o outro; sendo assim, encontram-se conexões muito próximas com a errância, e por isso é proposta aqui uma docência que

se faz por linhas de errância. As bruxas caminharam para a “Nova Inglaterra”, Jesus Cristo andou sobre as águas, Buda saiu do palácio para meditar com os outros, Exu percorre os cosmos entre os mundos, várias histórias de religiosidade que trazem o movimento de caminhar como uma possibilidade para mudança. Simón Rodríguez, educador viajante, demonstrou que “é preciso andar para ensinar” (KOHAN, 2013, p. 60); conseqüentemente, a errância também atravessa a educação e, neste texto, por meio de deslocamentos estabelecidos com arte.

A docência é uma partilha em movimento, é convidar as pessoas que estão à sua volta para compartilhar. Mais do que nunca, o ensino em arte produz encontros entre as pessoas. Há um tempo, eu, como professor, deixei de fazer sozinho e comecei a construir em conjunto. Ação que fez diferença para minhas aulas, antes, durante e depois do ensino remoto, o qual se caracterizou pelo afastamento entre docentes e estudantes. Uma fenda que se abre para a docência feita por/com linhas de errância, para criar camadas, alargamentos das paisagens nas aulas físicas e remotas, conforme é para Careri (2013) a arte

de ir ao encontro de alguém; produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajudam a imaginar, com elas, uma outra maneira de habitá-lo.

Para viabilizar a prática das camadas de encontros desta pesquisa em educação, tomam-se como ponto de partida os estudos relativos à sobrejustaposição, que é um conceito criado na tese de doutorado do Prof. Cristian P. Mossi, intitulada “Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?” (2014).

Conforme Mossi (2014), a palavra provoca uma série de tensões na pesquisa em educação, e conjura em si uma multiplicidade que atualiza modos possíveis de escrever-arranjar-compor-apresentar essa pesquisa. Entende-se as sobrejustaposições:

Enquanto uma gagueira da língua que sobrejustapõe as palavras sobreposição e justaposição no traçado de um plano de pensamento que não reconhece eixo fixo e/ou hierárquico no trato com produções de sentidos (MOSSI, 2014, p. 29).

As sobreposições produzidas no processo são faíscas de uma docência errática, em que a arte passa a ser apresentada para além de signos: criam-se paisagens. Fundamentado com isso, pode-se criar diálogos entre as pessoas, e, mesmo sem nenhuma conexão, é uma forma de estabelecer relações. Pois, acredita-se que é no estranhamento de certezas e métodos que se aprende.

Com o tempo e as diferentes nuances de tratamento que essa noção foi ganhando em nossas produções teóricas/artísticas/pedagógicas, foi possível elucidar que para além de sobreposições e justaposições inventivas, as sobrejustaposições imprimem também posições enquanto posicionamentos: provisórios, circulantes, experimentativos, marginais. Posicionamentos “entre” que mobilizam o corpo investigador – que nada quer desvelar, descobrir, metodologizar, mas produzir o próprio produzir do desejo, experimentar – entre palavras e imagens, entre imagens e imagens, entre palavras e palavras, entre palavras, imagens e vazios (MOSSI; OLIVEIRA, 2018, p. 7-8).

A partir da explanação dos elementos, a estrutura pretendida da dissertação parte do caminhar, escrever e criar. Não existe uma ordem nem um ponto hierárquico, existe a vontade de caminhar escrevendo-criando. Existem movimentos de: andar

pela rua em conjunto com pessoas para a criação de variação de emaranhados nas paisagens; a sobrejustaposição das matérias (seres, coisas e materiais) na composição dos emaranhados. Uma experimentação da docência em paisagens de caminhantes errantes: da literatura, do cinema, das artes e da vida.

É com essas imagens, que surgem ao longo da andança intensiva e extensiva, que a pesquisa em educação se associa para afirmar e pensar uma docência que se faz na/pela/com a composição de linhas de errância.

As matérias estão para sobrejustaposições, não existe uma separação de tempo para a pesquisa, tempo da escola, tempo de lazer, os nossos “tempos” estão todos emaranhados. As linhas estão envoltas de nós, amarradas com fios soltos em nossas paisagens.

É o contato no presente, a errância, que faz os encontros entre pesquisador e matérias, estas sendo os seres: animais, plantas e pessoas; coisas: objetos, utensílios e ferramentas; materiais: areia, ar, água, fogo, lugar, seres para as invenções.

Nos procedimentos metodológicos para encontrar arranjos de sobrejustaposição, juntou-se o ato de pôr as cartas de tarô com a pesquisa em educação. Pois, além de caminhar, escrever com os cadernos, desenhar pelas superfícies, olha-se para os gestos inventados de arranjos possíveis das cartas, tal como Deligny pedia para seus colegas desenharem os trajetos diários das crianças.

A escolha de inserir o jogo de tarô na pesquisa em educação traz uma proximidade com os/as leitores/as desse texto. As cartas estão em constante mudança, a cada novo jogo é feita uma outra leitura. Os arcanos e símbolos continuam com os seus valores, o que muda são suas leituras aos encontros de outros seres. A pesquisa toma esse delineamento, age em comum, conforme as composições que são postas com as linhas de errância.

Deligny propôs os mapas das vidas das crianças talvez para mostrar os arranjos que são feitos ao longo dos encontros da vida. Reorientar o olhar, a docência, para outros modos de existência.

Os mapas apresentam o movimento interno e secreto do lugar, o que o fez viver por tanto tempo, o que ele deixa atrás de si como ecos ainda inexplorados, o que estabelece o vínculo implícito entre a vida e a criação, a vida cotidiana nas proximidades da loucura, a criação de formas que resultam dessa convivência e a reorientação daí decorrente rumo a outra maneira de viver, a outro "comum" (OGILVIE, 2015, p. 273).

O gesto de pôr as cartas possibilita as leituras dos encontros de linhas. A pesquisa usa-o como procedimento para tencionar, sobrejustapor os emaranhados em coisas, efeitos do andarilhar pelas paisagens da docência em Artes Visuais, ao modo das linhas de errância, para poder vislumbrar os emaranhados que cercam os corpos/territórios do estudante-professor-pesquisador.

No retornar para a escola, o professor reencontra modos de existência. E com os gestos de pôr as cartas, tenta fazer ver aquilo para o que não se olha, fazer aparecer a força e a importância desses gestos que habitualmente escapam à nossa atenção ou que situamos negativamente, do lado de uma agitação desprovida de sentido, não situável, inutilizável (OGILVIE, 2015).





Cominhar pelo espaço escolar
Dubu e descer escadas, andar pelo
quartel, sentar no solo dos professores
escolas no quadro

Sentar e movimento dos pernas
entre conchas e pernas lentos
fazer esculhas de como andar

Andar a mil por hora em
pensamentos e falar
Cora lentamente ao modo tortoise
de olhos em salas

ANDARILHAR

Você se lembra do seu último passo? Talvez não; caminhar, para nós, humanos, é algo que fazemos constantemente, a todo momento, sem perceber por onde andamos. Te convido a ficar à espreita, andar inventivamente conosco neste trabalho.

Eu não me lembro dos meus primeiros passos, lembro que era desastrado com qualquer tipo de brinquedo que andasse. Meu corpo tem cicatrizes de tanto cair de bicicleta. Lembro uma vez que, ao invés de eu dobrar, eu fui reto numa cerca, sorte minha que no hospital fui atendido por um cirurgião plástico, caso contrário teria *retalhado* meu queixo. Parece que eu queria andar com minhas pernas.

O caminhar e o narrar nossas práticas estão próximos, muitos autores e filósofos utilizaram a caminhada pela cidade como uma prática para seus escritos e trabalhos. Para muitos, os percursos tornaram-se estradas consistentes para suas trajetórias, o corpo que sentia as mudanças da cidade projetava novas experiências e modos de viver.

Andar por diversos espaços, cada espaço torna-se um fragmento. Andando pelos lugares, vamos moldando e aprendendo com nosso corpo. Corpo experiência que nunca para de aprender, “os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si” como disse Michel de Certeau (2014, p. 174-176).

Diferentes culturas utilizaram o caminhar como práticas de religiosidade, filosofia e narrativas literárias. Começamos pelos nômades: antes de nos tornarmos sedentários, a humanidade em seus primórdios caminhou em busca de alimentos, caças e sobrevivência. Para o Egito, uma das primeiras civilizações, o caminhar adentra diversas conotações. As experiências provocadas pelos egípcios apresentam uma outra experiência de civilização para a sociedade.

Relações entre pensar e percorrer paisagens fizeram parte de práticas do saber em vários momentos históricos da humanidade, seja através da fala e de ações individuais, coletivas, seja de simples caminhadas exploratórias. [...] Na filosofia grega, exercícios de caminhar e de pensar eram intrinsecamente ligados. Na Grécia Antiga, o método chamado ‘peripatético’, de Aristóteles, por exemplo, consistia em aulas que aconteciam durante caminhadas. Para

Aristóteles, era percebendo, comparando os elementos à nossa volta que seríamos levados a refletir sobre o mundo. Esse exercício de ensinar caminhando é retratado até mesmo na Bíblia, quando se descreve como Jesus Cristo teria pregado suas parábolas ao ar livre em deslocamento junto de seus discípulos. Em ensinamentos filosóficos e em narrativas cristãs, temos exemplos de como o mundo pode ser um lugar a ser percorrido pelo aprendiz no próprio ato de aprender, fazendo com que corpo e mente atuem em conjunto (VAZ, 2019, p. 22).

No Egito Antigo existiam templos para as diversas adorações, e um deles chama a atenção por servir de passagem. Isso mesmo, um templo para apenas passar; com esse movimento apresenta-se uma perspectiva de que o caminhar poderia ser uma maneira de conexão com o seu/sua Deus/a. Caminhar para entrar em transe, ritmo e repetição pelo mesmo trajeto de um corpo à espera de conexões.

Podemos encontrar a prática do caminhar também no Tarô de Marselha⁵, com a carta O Louco. É considerado o Arcano 0, “o seu número não expressa nada e contém tudo” (NICHOLS,

⁵ Segundo Nichols (2007, p. 12), “o Tarô é um baralho de cartas misterioso de origem desconhecida. Tendo, pelo menos, seis séculos de existência, é o antepassado direto das nossas modernas cartas de jogar”.

2007, p. 52), e por isso não tem uma posição fixa. Figura caminhante, perambula livremente entre os demais personagens das cartas em busca de aventuras. O Louco e/ou vagabundo, conforme Nichols (2007, p. 52), para Jung, é um andarilho enérgico, ubíquo e imortal.

O arquétipo é analisado por Jung, que faz uma contextualização da história de diversos personagens que têm conexão com O Louco: como bobo da corte, embusteiro, palhaço do circo e coringa. São diversas as leituras do personagem que representam imagens de seres que são livres, carregam a dualidade, estão ao mesmo tempo entre os caminhos certos e errados, dependerá de como analisarmos o trajeto. Quando jogamos cartas, o coringa pode surgir a qualquer momento, assim como em nossas vidas: a criação de imagens, ideias, pode surgir a todo instante.

Sua força está na composição da imagem, na qual, conforme decodificação de Jung (2007), apresenta o andar sem rumo

como se se lançasse ao destino; virado para a esquerda (inconsciente), olha para a frente e, talvez, para o seu futuro. Carrega uma trouxinha de pertences que simboliza as experiências, o bastão para ajudar em suas artimanhas de sobrevivência, o cão que traz seu lado irracional e inocente, que age por impulso, roupas coloridas, etc.

A carta O Louco mostra que existem compreensões além de seus símbolos. Essa carta separada do jogo tem um significado que, ao encontro de outros arquétipos, cria novas relações e leituras. O Louco é energia entre as casas, errante pelo mapa que faz seu trajeto e sempre em contato por onde passa, pulsando paisagens de ideias, energias, afetos, movimentos.

Seu comportamento errante fica andando pelos mapas de energias positivas e negativas, movendo ideias irracionais por onde passa. É como Dorothy no *Mágico de Oz*, que pelo seu caminho de tijolinhos dourados encontra diversas figuras, estabelece paisagens para continuar em sua trajetória. A errância instintiva do Louco ensina que é preciso um equilíbrio e caminhar pelo meio de nossas variações.

A produção de vazamentos em nossos trajetos condiz com modos de operar em multiplicidade. Brechas, fissuras, buracos, zonas inabitáveis, não-lugares que ficam à margem de nossa trajetória. A maneira errante aventura-se nessas saídas marginais para fazer viver multiplicidade.

Ainda sobre caminhar, Anna Lowenhaupt Tsing (2019) escreve sobre a dança dos catadores de cogumelos nas florestas de diferentes localidades, mas especificamente da Indonésia. Apresenta um caminhar específico que está atento ao movimento pela floresta.

Os forrageadores de cogumelos utilizam a energia corporal para procurar seus fungos, como diz Tsing (2019), o conhecimento está na utilização de seus corpos, seus saberes são cinéticos: navegando por suas vistas, sons e cheiros, – assim como a pesquisa em educação, que aprende com o movimento do corpo através do caminhar entre a multiplicidade de lugares, seres e coisas. Os encontros da aula de Arte caminham pelas linhas em emaranhados para inventar outros modos de agir–existir, expressões, arte e vida na escola.

Usa-se o corpo. Quando se fala em corpo é todo o organismo – não separamos pensamentos e movimentos – para a invenção dentro da sala de aula. A autora comenta a arte de coletar que importa para aquelas pessoas, tal como a importância da arte na sala de aula, em complemento: “as artes da vida humana se entrelaçam de maneira variada com as artes da vida de outras espécies, incluindo os cogumelos” (TSING, 2019).

Os cogumelos são: movimentos, modos de existência, de sustento, condição de vida daqueles que dançam na caça pela floresta. A rede de cogumelos cria memórias singulares dentro de territórios, nômades que andam por trajetos conhecidos em busca de territórios estranhos.

Uma dança forma uma trajetória, um tipo de linha. O forrageamento do cogumelo pode ser imaginado como um conjunto de voltas, linhas sinuosas através da floresta? Seguir linhas de forrageamento como “dança” parece particularmente frutífero, porque a dança chama a atenção para dois outros atributos. Primeiro, as linhas de forrageamento são geradas por princípios cinestésicos específicos, correspondendo a variados programas estéticos e histórias de prática. Nem todos os coletores são

iguais, sua arte importa. Em segundo lugar, as artes da vida humana se entrelaçam de maneira variada com as artes da vida de outras espécies, incluindo os cogumelos. Muitas espécies fazem linhas de dança. O primeiro desses atributos nos atrai para diversas histórias culturais dos usos humanos da floresta. O segundo nos permite seguir seres humanos e outras espécies reunidos à medida que geram conjuntamente paisagens multiespécies (TSING, 2009, p. 29-28).

No emaranhado da floresta é que os catadores seguem as linhas dos cogumelos. Sentir o que está nas raízes das árvores para encontrar a multiplicidade de fungos. A procura ocorre minuciosamente pela mata e os catadores utilizam todos os sentidos, “procurar envolve iniciativa e conscientização”.

Em concordância, torna-se interessante o uso da invenção de imagens nesta pesquisa em educação, pois se atenta à cultura visual dos nossos tempos. É símbolo de marcos históricos, transformações, tendências, e dialoga com o ensino de arte no ambiente escolar.

Nunca se produziram tantas imagens. Nos dias atuais, é válido questionar se apenas visualizamos passivamente, ou inventamos paisagens com as imagens que ultrapassam as

noções de tempo-espaço. Neste trabalho, abre-se lugar para inventar e apresentar variações em fotografias-escritos-desenhos das narrativas que surgem com o caminhar intensivo e extensivo⁷. Imagens abertas para os encontros, assim como para a invenção.

O caminhar-inventar são procedimentos adotados para ir aos encontros de linhas de errância emaranhadas, que através da modelagem dos materiais tornam expressivas as linhas da pesquisa em educação. As imagens aparecem como uma extensão-expressão das paisagens vivenciadas ao longo deste estudo. Quando surgem interferências diretas na estética visual das imagens, são tentativas de alargar a paisagem com as porosidades de micélios e aracnianos.

O fotógrafo [andarilho-inventor] é uma versão armada do solitário caminhante que perscruta, persegue, percorre o inferno urbano, o errante voyeurístico que descobre a cidade como uma

⁷ Essa elaboração foi realizada por esta e para esta investigação, a partir dos referenciais por ela operados. Caminhar intensivo: aliar-se com figuras do cinema, da literatura, da arte de forma geral, que convidam a pensar-criar com linhas de errância, que podem dizer sobre seus modos de existência para a pesquisa em educação. Suas histórias inventivas são brechas para a docência em arte, que possibilitam linhas de errância.

paisagem de extremos voluptuosos (SONTAG, 2004, p. 46).

Fotografar talvez seja uma das maneiras de inventariar tramas que acontecem a todo momento, capturá-las em paisagens que também são invenções dos modos de existência.

O resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça. Colecionar fotos é colecionar o mundo (FONTCUBERTA, 2014, p. 7).

Capturar imagens para o futuro; mas por que registrar ou guardar as paisagens? A relação criada com as imagens e o professor-pesquisador começou pela invenção de paisagens ainda na infância. Morava em frente a uma videolocadora, frequentei sempre que podia aquele espaço, ficava hipnotizado com o mar de imagens das capas dos filmes, primeiro as fitas

Caminhar extensivo: propor caminhadas com as linhas de errância e abrir-se para encontros. Ver o que surge daí, estar à espreita de sobrejustaposições e agir possíveis (invenção de emaranhados), ler-escrever-criar-viver no processo de pesquisa.

videocassetes (VHS)⁸ e depois os *DVD-vídeos*⁹. Cada embalagem continha imagens e era uma história. Tal como entrar numa sala de aula gera encontros com imagens de estudantes e narrativas, a videolocadora era um espaço de encontro de imagens com pessoas, além da televisão, jornais, revistas, etc. A diferença é que nesse lugar existia desejo pelas histórias, pois “as fotos podem incitar o desejo da maneira mais direta e utilitária” (FONTCUBERTA, 2014, p. 17). Desejo de encontros com outras linhas de vida, linhas de errância.

Desejar encontros é experimentar paisagens, mas também as imagens podem desejar modos hegemônicos de encontros com as paisagens e fizeram com que alguns modos de existência se sobressaíssem a outros. As imagens de atividades escolares que circulam pela internet apresentam trabalhos com resultados satisfatórios, morais e com um rigor de estética dominante das redes sociais. Pesquisar atividades de artes na Web, muitas vezes, é adentrar desejos

⁸ Dispositivo de gravação de audiovisual analógico. Comercializado e popularizado na década de 1990, tendo a disseminação de filmes nesse formato.

anestesiados, que na maioria das vezes não correspondem ao que surge dentro da sala de aula, “uma simulação artificial que incitam o desejo e fomentam uma exigência de perfeição que não existe na realidade” (FONTCUBERTA, 2014, p. 59).

Desse modo, a pesquisa em educação, o ensino, a invenção de imagens e a vida tendem a caminhar pelas linhas de errância. Por meio da errância, abrem-se para variações: sejam de vida, afetos, experiências ou imagens.

Experiências de encontros que, numa abertura para a multiplicidade, por meio das paisagens promovidas pelas expressões, agenciam vidas. Existências, mesmo as banais, são histórias de vidas.

A minha primeira experiência com imagens foi ir junto com o meu irmão à videolocadora para escolhermos alguns filmes e assistirmos juntos. Relação de afeto construída por

⁹ A transformação do VHS trouxe o DVD, que é um dispositivo digital de gravação e reprodução audiovisual. Popular no início dos anos 2000, até 2011, quando começou a ser substituído pelos serviços de *streaming* e *download* digital.

existências, uma doce nostalgia que prolifera as imagens de filmes, muitas passadas em nossas tardes da infância.

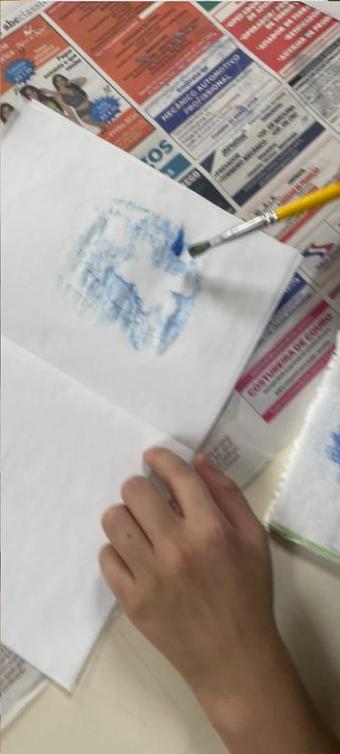
A segunda relação estabelecida se deu por meio de uma câmera fotográfica analógica, que era guardada num armário, uma preciosidade para a família. Registrou todas as comemorações da família, os aniversários, passeios etc. Ao olhar novamente essas fotografias, lembranças vêm à mente, como se o passado estivesse embutido nas imagens, as relações de encontros estabelecidas instauram novas relações de paisagens. É como visualizar aquelas memórias cheias de tramas em multiplicidade e histórias. Cada vez que retorno a elas, invento camadas de histórias. Como escreve Susan Sontag, as câmeras acompanham a história das famílias:

As câmeras acompanham a vida da família. Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas. Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada — e, muitas vezes, tudo o que dela resta (SONTAG, 2004, p. 11).

O que são essas imagens de recordações familiares? Restos, lembranças. Lembrar significa selecionar certos capítulos de nossa experiência e esquecer o resto (FONTCUBERTA, 2014, p. 46), histórias, encontros, tramas, tudo o que as paisagens podem inventar em nosso território de afetos, retornar para inventar novas narrativas. A partir de ambas as relações com as imagens, pela videolocadora e pela câmera fotográfica, retorno para alargar as paisagens propostas pelas imagens e histórias. “A fotografia, portanto, é uma atividade fundamental para nos definir, que abre uma dupla via de ascense para a autoafirmação e para o conhecimento” (FONTCUBERTA, 2014, p. 45).

Aparentemente só se incluem situações agradáveis entendidas como exceções da cotidianidade: ritos, celebrações, viagens, férias etc. Fotografamos para reforçar a felicidade desses momentos.

Para afirmar aquilo que nos agrada, para cobrir ausências, para deter o tempo e, pelo menos ilusoriamente, adiar a inevitabilidade da morte. Fotografamos para preservar a estrutura de nossa mitologia pessoal (FONTCUBERTA, 2014, p. 47).





PROFESSOR-TECELÃO = MOVIMENTO DE PÔR AS CARTAS

O texto traz variações de emaranhados apresentados no decorrer do fazer e agir (DELIGNY, 2015) com a pesquisa em educação. Sejam imagens, fotografias, andanças, colagens, gravuras ou escritos, que são materiais expostos para a articulação de sentidos das paisagens de uma docência em Arte.

Docência que movimenta aos encontros com os materiais, coisas são formadas e desformadas a cada movimento, sem seguir uma forma concebida ou fechada, mas que se abre e fecha a cada leitura, gesto, olhar e pôr aos encontros.

O gesto de mexer está além do movimento físico, também está no observar, no silêncio e no pensamento que faz conexões entre os materiais e sentidos com os seus efeitos. O gesto inventa multiplicidade de linhas, gera emaranhados aos emaranhados de paisagens.

Suely Rolnik, em seu livro “Esferas da Insurreição” (2019), lança problematizações do sujeito frente à sociedade, mais

precisamente brasileira, colonial-capitalista. Num dado momento, ela escreve que é a partir de nós mesmos que precisamos ter linhas de criações potentes, para romper os dogmas de uma sociedade colonial-capitalista.

Os materiais são linhas dos emaranhados, que surgem da experimentação de uma pesquisa em educação, por meio do olhar atento das paisagens da docência em Arte. Em diálogo com Rolnik (2019, p. 37), “há que se buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos. Um trabalho de experimentação sobre si que demanda uma atenção constante.

Portanto, um dos motivos de trazer as cartas de tarô para a pesquisa em educação é o movimento provocado no jogo e a atenção da leitura de vidências. As imagens, com seus desenhos e figuras, provocam interpretações sobre aquele momento com os humanos que estão em concordância no jogo.

As cartas são embaralhadas e, depois, postas sobre a mesa. Posteriormente, joga-se: tiram-se as cartas, virando-as e colocando-as em contrapartida às outras ou a elas próprias. É inventada uma trama, uma superfície para a realização de leituras. As vidências são interpretações do que está acontecendo naquele momento e possíveis arranjos para a posteridade. Deixa-se claro que são possíveis leituras, e não leituras afirmativas.

Assim como as cartas nos lançam aos arranjos de leituras e interpretações para a invenção de emaranhados, os materiais postos nessa pesquisa em educação atuam em consonância com o agir das cartas de tarô. Além do gesto, temos a sobrejustaposição nas montagens e configurações físicas dos materiais, ambos: agir e sobrejustaposição são máquinas que atuam nas paisagens.

A escrita, com os materiais, tomam posições não fixas, ajudam na sustentação da rede para invenção de superfícies na pesquisa em educação. Escritos que emergem nas/das paisagens de uma docência em Arte. Escrita que é movida

sobre os papéis de cadernos do professor. As composições acontecem aos encontros de turmas, estudantes, materiais e estudos conceituais. Dentro e fora do espaço escolar, nas salas de aula, nas salas dos professores, salas de Arte, nos pátios.

Em conformidade com Ingold (2022), a linha da escrita deixa um rastro na superfície. Inventa uma trama proporcional à tecelagem, às vezes ultrapassa os limites em esfiapados. O professor precisa tecer, assim como o tecelão, puxa, agarra, descobre e insere linhas para proporcionar uma superfície. Linhas tecidas pelos movimentos de mãos, ideias, escritos, imagens. Nós, camadas de encontros desenvolvidos na pesquisa em educação.

Assim como a lançadeira do tecelão se move de um lado para o outro conforme posiciona a trama, assim a caneta do escritor se mexe para cima e para baixo, deixando um rastro de tinta atrás dela. Mas esse rastro, a linha da letra, não é mais equivalente do que a linha do texto mais que a linha em uma tapeçaria é a mesma que as linhas dos seus fios constituintes. Assim como a tapeçaria tecida, quando procuramos a linha do texto, não a encontramos. Ela não existe nem

como um traço visível, nem como um fio. Em vez disso, emerge pelo deslocamento longitudinal progressivo da linha da letra, conforme esta oscila para cima e para baixo dentro de uma “largura de faixa” determinada (embora haja muitas pontas que a ultrapassam), de uma forma muito parecida com a lista tecida sendo construída pelo deslocamento longitudinal da trama, conforme oscila transversalmente entre urdiduras selecionadas. (INGOLD, 2022, p. 97).

Assim como Tim Ingold apresenta a trama construída por meio das marcas de escritos, é possível tencionar analogia com as linhas feitas pelas pessoas que estiveram com Deligny. Mapas, como chamam, eram as linhas desenhadas em papéis, mapas confeccionados de:

Trajetos, cotidianos, individuais, mapas de gestos das mãos ligados a diferentes tarefas, mapas na escala do corpo dos aposentos da casa, do entorno imediato, dos setores mais longínquos (DELIGNY, 2015, p. 278).

Os mapas, propostos por Deligny, são traços dos deslocamentos diários das crianças e seus ajudantes. As marcas são feitas “para eles se protegerem de si mesmos e de sua tendência irreprimível de nomear o que acreditam ver”. Ao

invés da interpretação e denominação do que é visto, precisam traçar linhas para uma outra existência.

Olhar para as crianças a partir de seus trajetos, com seus pontos de ver. Inventar com as variações de linhas, ressonâncias do cotidiano, deixar que o gesto de seus corpos invente variações com a caneta/lápis para possibilitar existências no comum. Bem como a pesquisa em educação: “não o de constituir primeiramente um saber, mas o de formar um olhar a fim de mudar hábitos e permitir uma vida comum” (DELIGNY, 2015 p. 273), e/ou emaranhada.

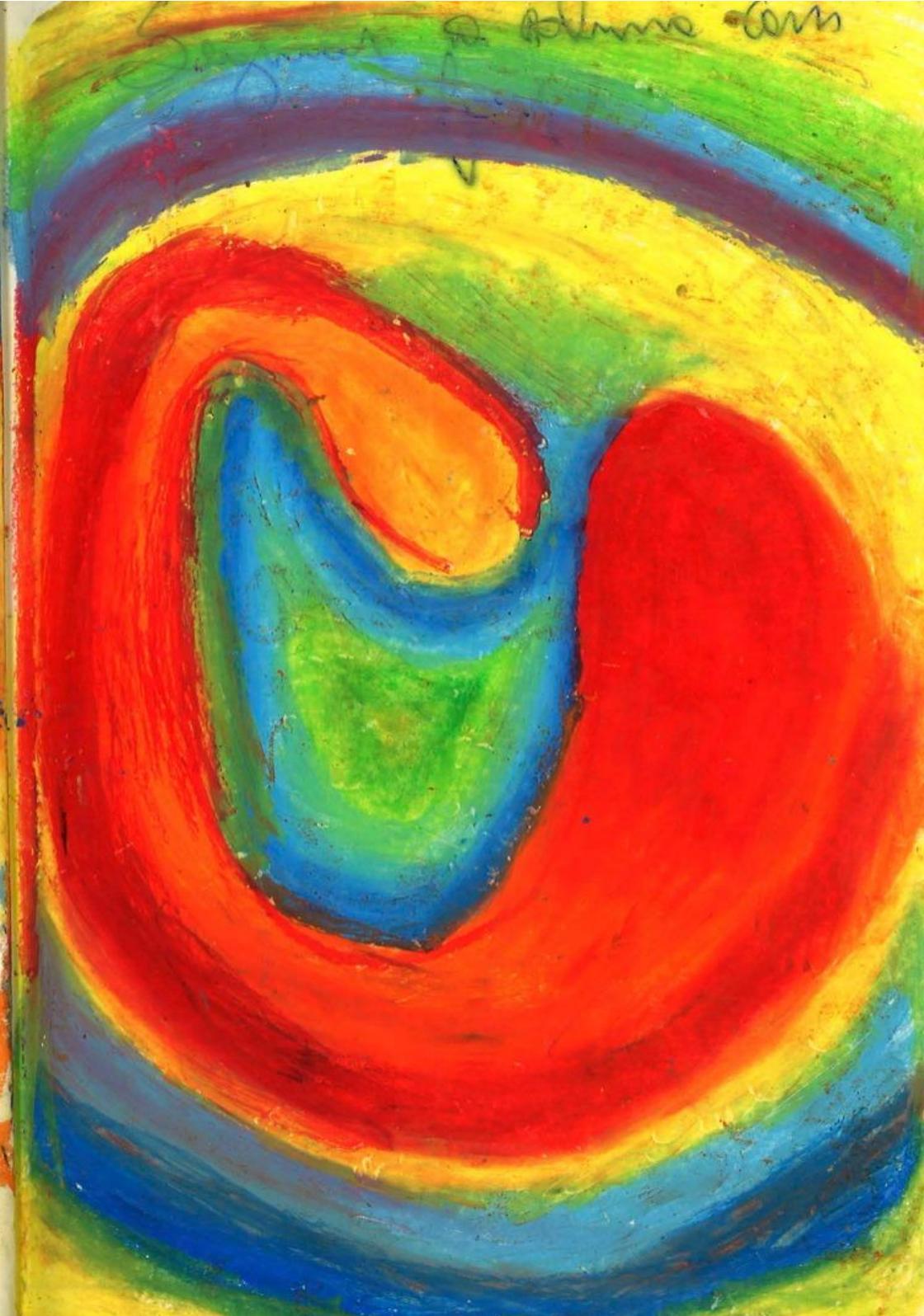
A escrita à mão em cadernos proporcionou movimentos das linhas de errância nas paisagens de uma docência em Arte. As manifestações das andanças inscritas com os gestos das linhas de errância, como escreveu Ingold:

Nas linhas deixadas sobre a sua superfície, a página escrita à mão testemunha os gestos que, nas suas qualidades de cuidado e sentimento, incorporam uma intencionalidade intrínseca ao movimento da sua produção (INGOLD, 2022, p. 175).

O ato de escrever nas páginas foi um modo de inventar uma superfície comum entre os/as estudantes e os conceitos teóricos pesquisados. Foi um gesto simples, comum a todos, de generosidade para a manifestação de emaranhados numa pesquisa em educação pelas paisagens de uma docência em Arte.

Professor-tecelão que dispõe de procedimentos para sustentação do estudo, do mesmo modo que Deligny e Ingold. Os emaranhados são evidenciados com os encontros, através dos gestos de caminhar, escrever, fotografar, rabiscar e pôr as cartas.

PARA SEGURAR AL UNO
PARA CONTER UM EST
DANTE DENTRO
EDA SALA DE AULA
SEUS COLEGAS
RIRAM DE SEU
DESSES PERD
RELAR UM
FORÇA QUE
SAI E ENTRA
TRANBORDA
MENTO



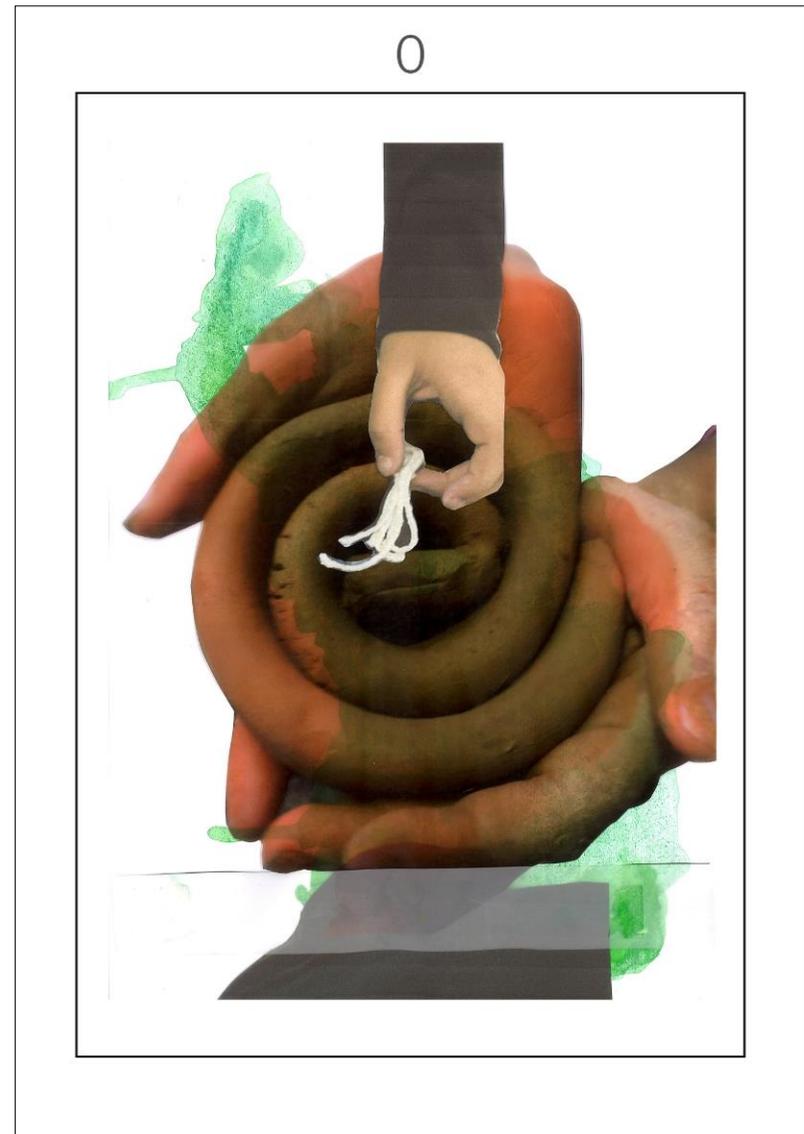
ENCONTRO COM EMARANHADO

ao redor em todos os lados
nas casas e prédios sobre a cidade
nos inços e árvores pela mata
através de seres e matérias

crescimento desordenado
junção de corpos
energias em movimento
saturação térmica

na aula que dura 45 minutos
no pote de tinta que cai no chão
pela conversa em meio à explicação da professora
no desvio da pesquisa nos computadores

na manhã que nasce e já deveria ter chegado
no encontro pelos corredores
com as conversas cruzadas entre professor e estudantes
na atenção que nasce das linhas





Linhas de uma escola que experimentam
encontros de multiplicidades
mortuos num lugar aberto entre
Deus e coisas

Linhas pontilhadas, finas, grossas,
segmentadas, traçadas, onduladas,
retorcidas, horizontais

Linhas que lembram os encontros
de uma nova língua, uma outra
linguagem em acordo comum

Comum entre as linhas para se
organizarem em afetos e enunciações
da escola

EMARANHADO

Emaranhado – “rede de vida” é precisamente isso: não uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas (INGOLD, 2022, p. 111).

A pesquisa em educação adota o emaranhado para apresentação do que está/é estudado. Escolhemos esse modo porque não temos uma matéria principal que é exposta ao longo da pesquisa, mas o encontro entre aglomerados das linhas, principalmente as linhas de errância. Escolhemos essas linhas pois acreditamos que é o desvio que afirma a vida. São as linhas de errância dessa pesquisa que expressam o emaranhado da/na educação.

O emaranhado apresentado por meio dos encontros do estudante-pesquisador-professor pelas paisagens de uma docência em Artes Visuais. Afirma-se que o emaranhado é “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (INGOLD, 2012, p. 27). Assim como as cartas de tarô, que são arranjadas a cada novo gesto, os emaranhados da pesquisa em educação são ajeitados em cada novo encontro com os/as leitores/as.

Emaranhado que se expressa “não por objetos, mais por coisa” (INGOLD, 2012, p. 27). Segundo Ingold (2012), “a coisa transporta as linhas integrantes da vida” – nessa pesquisa, as linhas de errância. As coisas são expostas pelo andarilhar nas paisagens de uma docência. Nas palavras de Ingold,

A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião (2012, p. 29).

Os emaranhados consistem nos encontros e convites das linhas de errância. Motivo pelo qual se chega à errância, estar aberto em comum com o/a outro/a, materiais, matérias, seres, docência, Arte.

A coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós (INGOLD, 2012, p. 29).

A coisa na pesquisa em educação emerge da superfície criada pelo pesquisador e seus encontros, pois, como afirma Ingold (2012, p. 12), “as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”.

Linhas saltas, linhas amovoadas
emvarombradas de linhas
que caminha entre

Caminha entre as linhas de
memórias, lembranças, observações, sentidos
para inventar entre meios de existência.

Caminha no encontro de materiais,
pensos, decisões, vida e arte

Para entrar em comunhão e inventar
uma docência que passa pela existência

Uma linguagem emante que está rotunda e
acompanha as linhas de amovoadas.

Aberto entre os afetos e afetos do desen-
cido. Algo que se inventa no encontro.



RAIOS

FIOS

LINHAS

NETRA

EM VOCE

M



COM O EMARANHADO: A LINHA

Toda coisa é um parlamento de linhas (INGOLD, 2022, p. 27).

O professor e autor Tim Ingold (2022) escreve sobre a antropologia das Linhas, sua grande variedade e como elas são mecanismos – gestos infiltrados na sociedade ao longo do tempo. No prefácio do seu livro “Linhas: uma breve história” (Ingold; Vozes, 2022), explica de uma forma sucinta o porquê do estudo em linhas: “as “linhas – insisti – são em si mesmas um fenômeno. Elas estão realmente aqui, em nós e à nossa volta” (INGOLD, 2022, p. 18). Mais adiante, no mesmo capítulo, ele escreve suas influências da escrita e como o seu entorno de criação como sujeito ajudou na elaboração da pesquisa. Exemplos que afirmam o seu modo de pesquisa na existência das linhas em nós e ao nosso redor.

Existem nas pessoas linhas: as linhas que percorrem seus gostos, gestos, afetos; linhas de afinidades, sociais, interesses; linhas de sangue, proximidades, amizades, conhecimentos, saberes; linhas de verdades, mentiras, propósitos, encontros; linhas do fazer, agir, manusear, imaginar, iludir, ilustrar; linhas

que estão em conjunto, ao lado, em cima, embaixo, na transversal; linhas que perfuram os corpos, terrenos, espaços; linhas de vida, arte, docência e filosofia.

Em conformidade com o autor, justifica-se que as expressões trazidas para a pesquisa, assim como a vida das pessoas, funcionam “ao longo” de qualquer tipo de linha. O desenhar e escrever, até mesmo o fotografar e arranjar, emergem das linhas. E a pesquisa em educação recorre a essas linhas, observando minuciosamente, ao modo da atenção em cogumelos, para encontrar linhas de errância e expressar com a coisa e afirmar o emaranhado.

As linhas não estão a serviço de algo ou alguém. Como aponta Ingold (2022, p. 78), “as linhas estão em todos os lugares, e elas levantam mais perguntas do que posso responder aqui.” Nesse sentido, operam e agem com as pessoas, seres, coisas, espaços. Para além das linhas, adota-se na pesquisa em educação as linhas de errância, pois, ademais das linhas dos indivíduos, de seus terrenos afetivos-conceituais-estéticos-políticos, buscam-se as linhas de errância que escapam aos

encontros para afirmar emaranhados em educação, modos de existência.

Existe uma multiplicidade de linhas no mundo, Ingold ensaia uma possível taxonomia das linhas. A pesquisa e educação está interessada nos fios e traços da paisagem escolar. Fios ao modo da produção urgente dos modos de existência. Em complemento ao autor:

Uma caminhada atenta pelo campo revelará inúmeras linhas do tipo fio, embora muito da ordem linear da natureza esteja escondida debaixo da terra na forma de raízes, rizomas e micélio fúngico (INGOLD, 2022, p. 67).

Para observar um campo de micélio, é necessário fazer um esforço de atenção, desacelerar o tempo, agir em consonância com a paisagem, um modo de pesquisar. E perceber as ligações, laços nos pontos ou nós entre as linhas. Características pertinentes na errância, andarilhar através do espaço estriado e olhar nos olhos de outros.

A observação de linhas do micélio requer atenção devido à sua micro existência, o que o micélio traz para a pesquisa em educação é o gesto de ver com gentileza os desvios da prática

docente entre professor e seus encontros. Outro aspecto importante é a magnitude da malha de micélios, a partir de seu núcleo crescem diferentes linhas, e assim, sucessivamente, cria-se uma rede interminável: “uma ponta se torna duas, depois quatro e oito – ainda assim, todas permanecem conectadas em uma rede micelial” (SHELDRAKE, 2022, p. 55).

O crescimento orgânico e espontâneo das linhas nos dá requisitos para subsidiar as linhas de errância. Linhas que estão em terrenos abertos para expandir seus encontros, tal como as linhas de errância que são desviadas para inventar emaranhados.

As matérias dos encontros entre linhas de errância e paisagem escolar expressam: as escritas, as imagens, os desenhos, os arranjos. Linhas que inventam traços, rastros provocados ao longo dessa pesquisa em educação. Linhas aos embates de laçadas, amarrações, alianças, arranjos e nós para inventar uma malha, pois o nó cria a superfície (INGOLD, 2022).

Os fios podem ser transformados em traços, e traços em fios. É pela transformação de fios em traços, argumento eu, que as superfícies são trazidas à existência. E, reciprocamente, é pela

transformação de traços em fios que as superfícies são dissolvidas (INGOLD, 2022, p. 79).

Superfícies trazidas a existências, emaranhados inventados pelas linhas. A rede de Deligny pelas linhas de errância, o micélio na malha fúngica, as linhas da teia de aranha, as cartas de tarô postas sobre a mesa para formar uma vidência, as imagens e textos da pesquisa em educação para inventar emaranhado na paisagem escolar.

O habitante é mais um que participa internamente do próprio processo pelo qual o mundo vem à existência continuamente e que, ao deixar uma trilha de vida, contribui para a sua tecelagem e textura. Essas linhas são tipicamente enroladas e irregulares, mas ainda assim compreensivelmente emaranhadas formando um tecido coeso (INGOLD, 2022, p. 109).

Terrenos, zonas, espaços, emaranhados estão feitos por meio dos encontros provocados pelas linhas. É necessário andarilhar ao longo da malha, não apenas nos pontos, mas sim na *transversalidade* dos pontos. Precisa-se de um professor-tecelão, que adiante a paisagem, aja na transversalidade das linhas, cuja atenção provoque existências em emaranhados.

A transversalidade permite ao pensamento ter a coragem de entrar em conexões com imagens,

com a escrita, com a literatura, com a fotografia, desmobilizando o centro. Concerne ao pensamento transversal uma política, uma estética, uma ética, uma fuga para inventar novos modos de pensar a vida, a existência, o que desnorreia a representação para conectar um pensamento selvagem, um devir escrita, que visa transbordar os resultados, as conclusões simplórias. Trata-se de colocar o pensamento em linhas libertárias, mutantes, nômades, que tendem a se livrar da incumbência de representar, de objetivar e de calcular (BRITO; NETO, 2013, p. 2).

Professor-tecelão que anda ao longo do espaço liso e estriado.

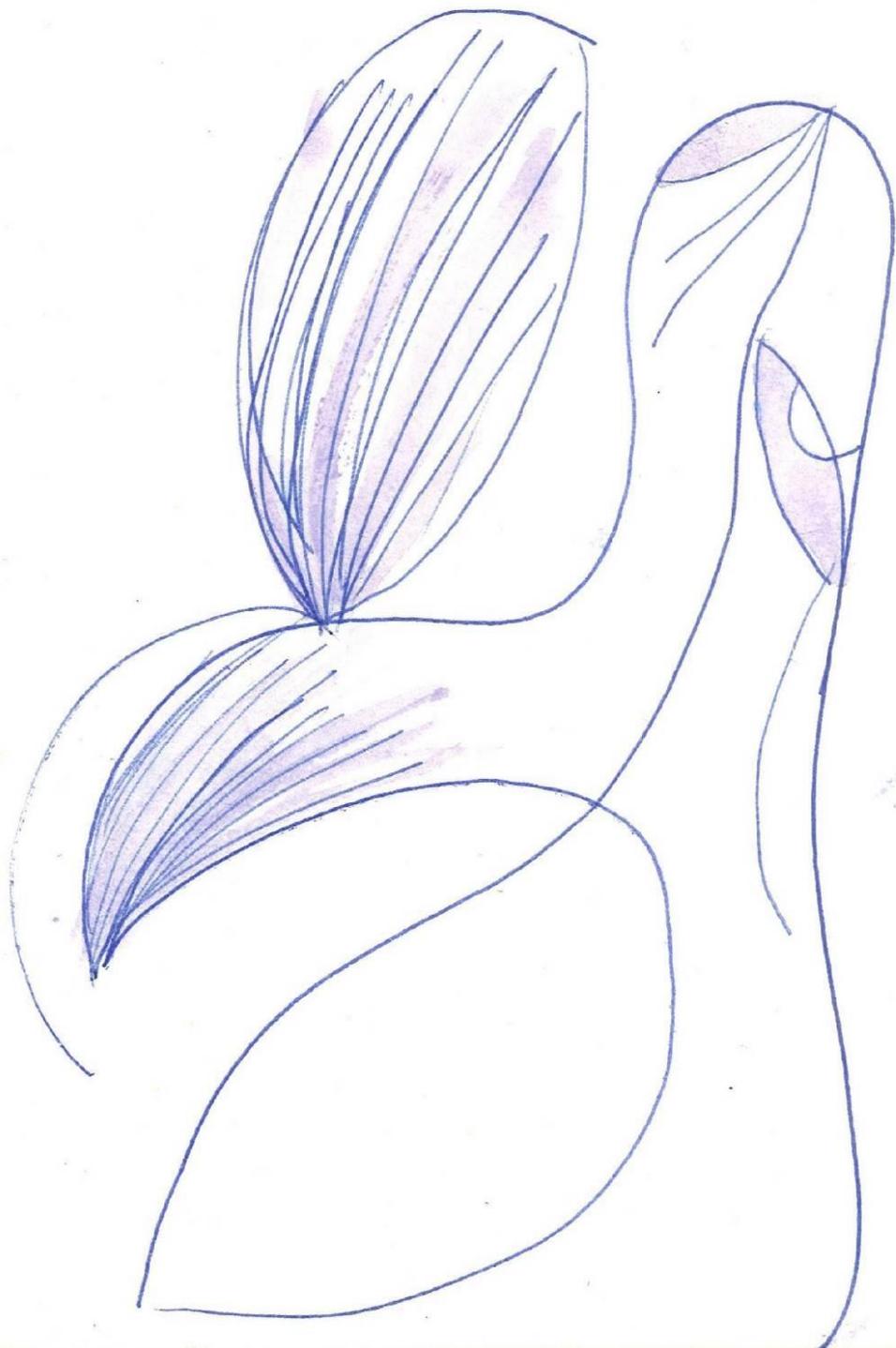
Segundo Deleuze e Guattari, os nômades habitam um espaço que poderíamos chamar de espaço liso, não quadriculado, aberto e multidirecional, uma espécie de deserto, ao passo que os sedentários habitam um espaço já anteriormente demarcado, pré-concebido e pré-fabricado, já devidamente modelado, espaço que chamaríamos de estriado. A distância entre o liso e o estriado, porém, diz respeito, sobretudo, à distância entre espaços de pensamento, entre, digamos, dois espaços mentais. (SALES, 2017, p. 297).

O espaço estivoado está comumente
em nosso dia: o despertador que
toca todos os membros, a chamada
realizada na sala de aula, a busca
por respostas de problemas, as soluções
da mesma, mas não só ações esperadas
modos de vida capitalistas denominadas
por uma sociedade que ignora a multi-
plicidade. Sava uma folha quadri-
culada e que poderia andar apenas
por suas interseções. Um caminho
pelos pontos fixos, estradas que
levam ao destino predeterminado.
Um destino estabelecido, e sentar em
fileiras. A sala de aula quadra-
da, com classes quadradas, cadernos
quadrados, simetrias, organizadas



Alisamento do espaço estriado
O espaço liso, sem pontos
de intersecção, ombros sem
pontas abetas para interrupção
de nervos conexões. Um ponto
de zero, a nada, vazia, em
ligação com abetas para outros
modos de existência. Andar
em existência nos dedos da mão
que se toca para suas formas
volumosas mudam de tamanho
ondulações, sentidas.

Os ondilhinhos evanescentes dizem os
espaços estriados sem arte. Ate
na sala de aula como uma ferra
mento de alisamento dos espa
ços.



Ao ver o emaranhado é como se estivesse perante o abismo, sem saber o que se espera ao pegar e puxar uma das linhas. O emaranhado não tem forma, com suas linhas penduradas e soltas vibra em cada segundo pela procura de encontros, composição de energias, como a andança do Louco.

Corpos sobre corpos que desenharam linhas de limites, amarraram e criaram nódulos impedindo surgirem os possíveis encontros. Em que trajetórias colocar as linhas para que possam borrar os nódulos que cobrem os corpos? Inserir as linhas nas frequências possíveis de uma vida emaranhada do que a circunda, apostar no que faz sentido e aos poucos desenhar o inacessível.

Desejos reprimidos, vontades, sonhos, angústias, medos, ansiedades, inúmeros afetos atravessam os corpos escolares. Quantas existências são bancadas numa sala de aula? O que vem antes do tempo escola e depois do tempo escola? Qual o tamanho de um corpo? Por que medimos o terreno? O humano limita a sua área, e por que a natureza não limita? Como uma pedra se define em sua existência? Quais são as margens pertinentes ao movimento de caminhar? Parece que a cada

passo entro em outro terreno, um pequeno pedaço de terra onde marco minha pegada, e assim vou indo, andando e voltando por terrenos, corpos limitados, e retornando para o meu corpo, dentro-fora-dentro-fora- como o limite da verdade, quem limitou a verdade em sua própria linha.

Emaranhados de seres, coisas, matérias, fluxos, vibrações e vida que estão todos juntos numa malha. A pesquisa em educação é por meio de emaranhados, visa compor encontros das linhas de errância em paisagens da escola. O estudo traz arranjos de sobrejustaposição com imagens e textos; o ato de jogar as cartas de tarô; escrever poesias; fotografia dos afetos e...

Uma pesquisa em educação se forma e desforma, se encosta e afasta, vibra ao tocar, machuca, acolhe com os encontros que são postos na malha da escola. As linhas entram no espaço escolar e nos modos de existência para agir, tal como a pesquisa para o professor-pesquisador. O trabalho de estudo é um aglomerado de linhas sobrejustapostas na paisagem escolar.

Para criar composições com emaranhado é preciso estar vivo, no sentido de estação de sentir, ver e ouvir as matérias que emanam da pesquisa.

Necessário entrar no emaranhado, pisar entre as linhas e puxar os fios para tecer malhas ao encontro do/a outro/a.



Um ninho ou um emaranhado
linhas que formam ninho
ninho que formam emaranhado
Quê linhas vazam do ninho/emaranhado?

Do centro no ninho estão os fios retos
em emaranhados dos encontros
Encontros que ligam entre pontas
para fazer inventar uma linguagem.

A invenção de uma linguagem comum
que está em comum para os encontros
nas margens das linhas
em emaranhados de ninhos.

A língua que brata no nó da garganta
garganta a invenção de fios retos
que saem em encontros
da enânia na sala de aula.

ENTRE IR E VIR DA ESCOLA

Antes de sair, pensa duas vezes por que está indo para a escola, existe algum significado? Ah sim, falaram que é importante estudar para crescer na vida.

Chego na escola, o portão se abre e vou direto para a sala de aula, não temos tempo. Sento-me ao fundo, toca o sinal e começa a aula. Professores entram e saem, tocam os sinais, vamos à merenda, recreio, caminho pelos arredores dos prédios, observo os colegas, procuro algum canto ao sol, fico parado sentindo o calor, quando consigo me esquentar toca o sinal. Não quero voltar para a sala de aula, tem aquele desconforto entre os corpos que estão pelas classes e cadeiras. A supervisora escolar enxerga o meu corpo, preciso voltar para a sala.

Ando pelos corredores, existem duas combinações de azuis pelas paredes: um azul-marinho brilhoso que dá vontade de mergulhar na sua imensidão; o outro um azul-celeste fosco, que lembra o céu ao entardecer. Minha mão toca as paredes e suas texturas lembram-me de que estou numa escola que anda entre o espetáculo de realizar todas as atividades e o fosco de corpos que

andam pelos corredores. Como misturar o brilho e o opaco? Um corpo existe em diferentes saturações?

Volto para a sala e tudo parece igual, mais professores, conteúdos que estão em livros, materiais, e continua a aula. Dias depois de dias, mudam as estações e parece tudo igual.

Anos e mais anos se passaram, ganhei alguns pelos no meu corpo, espinhas e cravos. Alguns cheiros novos, sinto à vontade de chegar mais perto do meu colega, mas sei que posso ser notado. Fazer dupla com ele é minha saída, minha perna encosta na sua algumas vezes, sei que ele não vai me ajudar com a feitura do trabalho, mas aceito essa condição. Quando chego em casa, só penso nele e como seria tocar o seu corpo. Não posso, sou lembrado constantemente por fatores externos de que nasci homem e devo ficar apenas com o sexo oposto, mas meus desejos não condizem com essa norma.

No próximo dia volto para a escola, pelos corredores da escola beijo a boca de uma menina, mas aquilo não tem gosto e meu corpo fica estático, percebo a diferença entre tocar minuciosamente o colega e esse beijo, que existência pulsa mais?

Será que estou errado? Por que meu corpo não vibrou com o beijo? Anos se passaram e no ensino médio não era a mesma situação, alguns colegas foram embora, outros mudaram de turno.

Tudo mudou, descobri minhas bandas favoritas de emo/rock/pop, pessoas próximas tornaram-se mais próximas e dividimos os mesmos gostos, vontades e sonhos. Saber que existiam alguns momentos de descontração nas minhas semanas era algo muito especial. O período regular de escola de ensino fundamental/médio terminou, passou tão rápido, os corpos acionados naquele espaço-tempo cobriram o meu corpo, sobreposições de camadas que encobertaram a singularidade de um corpo que estava se fazendo.

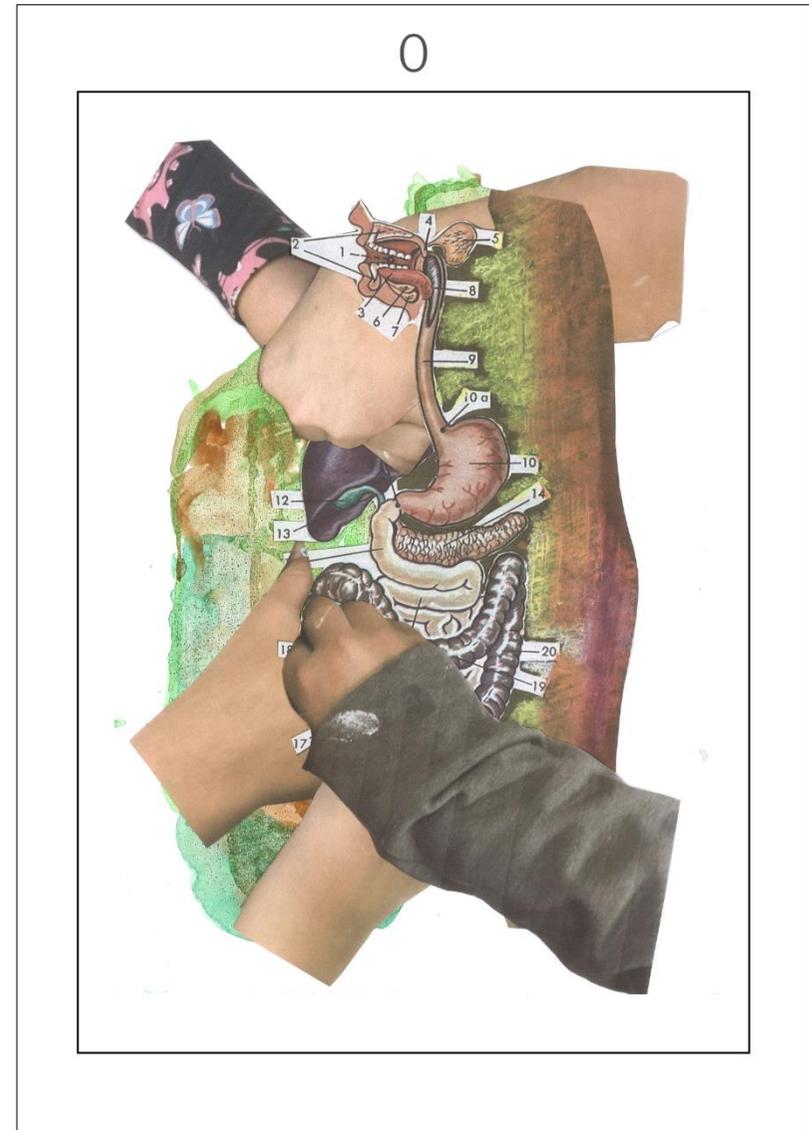
ENCONTRO COM O LOUCO

o louco de cada humano e não humano
pulsa em meio às veias de corpos
andarilha em linhas
de pontos, nós, encontros

desata o nó da garganta
amarra os nós em variações
desenha as linhas diárias
em garganta, pernas e corpos

com o corpo caminha pelas linhas e terrenos
anda para a frente
carrega seu passado na trouxa
e a selvageria ao seu lado

zero
despercebido
possibilidade de encontros
arranjar outras existências
mexer os acordos de uma pesquisa em educação



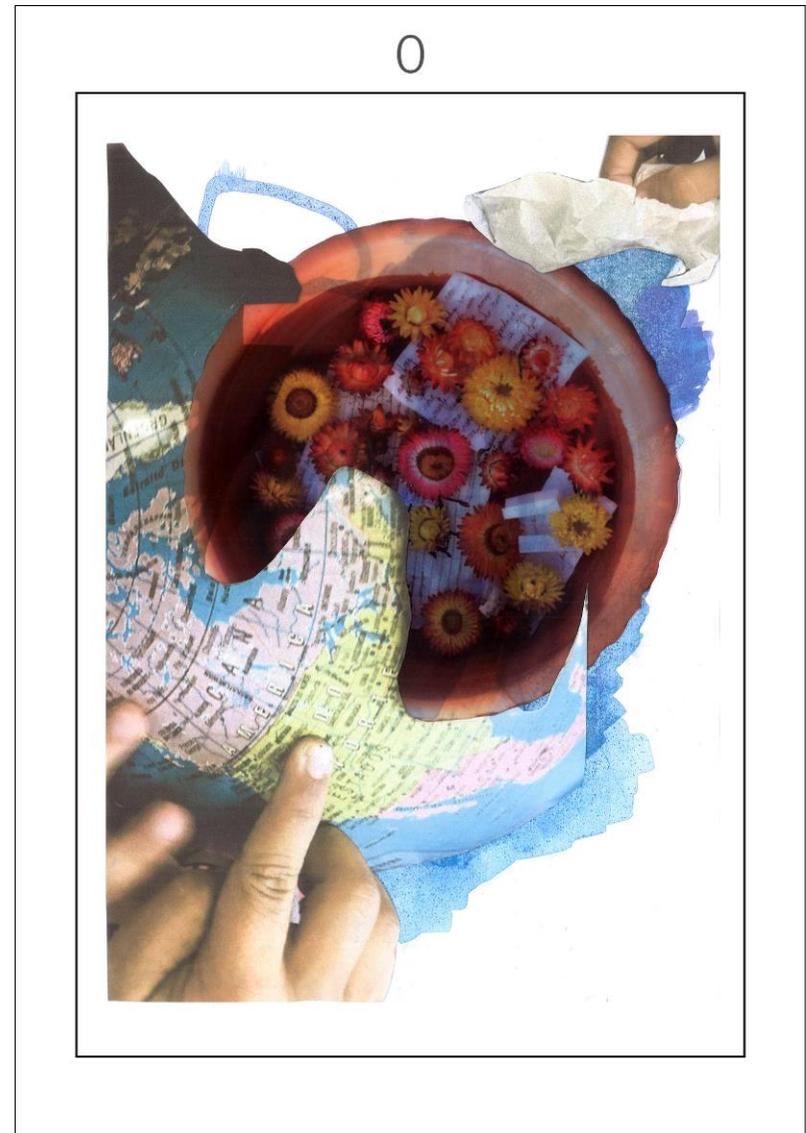
ENCONTRO COM LINHAS DE ERRÂNCIA

pela saída de casa
na inspiração de corpos
com a busca insaciável
do dever de ensinar algo

no meio do emaranhado das vidas
dos recados ditos com outros
na aliança de malhas
de construir em grupo

no tempo que escorre pelas janelas
das burocracias formidáveis
com o desgaste de patologias
em matéria cansada

a procura de diálogo
para sair do meio
ir para a margem
puxar linhas de existências



QUE TEM PROBLEMA!
E QUEM NÃO TEM
PROBLEMA?
EU?!

MONITAR UM
CERQUEIRO



LINHAS DE ERRÂNCIA

O sol desce no horizonte, seus últimos raios iluminam a encosta do morro, no horizonte nuvens carregadas de chuva se aproximam, e o vento gelado não deixa dúvidas de que o frio está chegando. O sol se pôs, agora só resta esperar a lua clarear entre as nuvens. Noto que algo vem caminhando em minha direção, sinto um arrepio na minha nuca, a coruja canta na mata nativa, o barulho das folhas secas do chão avisa que algo está perto. Minhas mãos gelam, as árvores balançam numa sinfonia com o ar gelado, e vejo que ela está próxima. Encontro a aracnídea faminta atrás de alimento para seus filhotes que estão dentro de uma bola branca.

Ela analisa-me com seus muitos olhos, o meu medo inibe a minha consciência embaralhando os sentimentos, confundindo a minha mente, não consigo contar a quantidade de olhos. Um relâmpago aparece no céu, ela se assusta e se esconde entre as pedras, tento acompanhar para onde ela vai, mas minha mente não deixa.

Nas pedras, ela ainda fica me observando. Não sei o que fazer pois minha mente está confusa, sinto um cheiro doce de veneno

pelo ar e compreendo que meu estado é influência do nosso encontro. Ela faz de tudo para chegar perto de mim, eu me deixo ser tomado por sua decisão, não consigo levantar minhas pernas de onde estou sentado, apenas permito que ela venha até mim.

Parece mentira, mas o perfume do veneno aviva minha memória e recordo que nossa relação é antiga, somos velhos conhecidos. O meu corpo se debate para que ela saia de perto, uma intrusa no corpo em transformação, carregado de memórias e aprendido com as experiências.

Ela olha bem de perto para mim, o reflexo do meu rosto em seus olhos faz questionar: será que é meu fim? Ela lança sua teia sobre mim, cada segundo que passa sinto mais e mais linhas entrelaçando o meu corpo. Suspiro um último ar fresco, deixo ela me carregar e adormeço com a esperança de não virar comida.

Deligny realizou nos abrigos¹⁰ uma série de tentativas nas quais fez críticas aos sistemas cartesianos da sociedade, sistemas que classificam o autismo *como desvio patológico de uma norma preexistente*. O pedagogo francês acreditou na singularidade das pessoas, cada indivíduo pode inventar o seu modo de viver.

Deligny via o autismo como uma produção singular de existência. Ele e seus colaboradores buscavam um modo de existir para aqueles que não nos olham nos olhos. Para Deligny, não se trata de forçar os autistas (não falantes) com quem trabalhava, a se adequarem aos padrões da linguagem, mas inventar um modo que lhe permitisse existir com eles, mesmo que isso significasse mudar seu próprio modo de existir (ALVES; PÉREZ, 2018, p. 579).

Ao incorporar Fernand Deligny no texto, a pesquisa em educação se abre para camadas, pois o método *deligniano* “se recusa a qualquer tipo de interpretação referente a qualquer

¹⁰ Após o fim da Segunda Guerra Mundial e com boa parte da Europa devastada, Deligny trabalhou no sul da França em abrigos com crianças e

código” (ALVES; PÉREZ, 2018, p. 579). Com Deligny aprendo a olhar nos olhos daqueles que não me abraçaram, a pesquisar por fragmentos que compõem escritas, imagens, paisagens, cartas, vídeos, e a entender que a singularidade das linhas de errância podem ser uma potência subversiva na arte educação.

As linhas de errância de Deligny foram tentativas de invenção e afirmação de outros modos de existência, tracejou por meio das cartografias entre linhas, sobreposições e interseções, um agir mínimo. Dessa maneira, ele criou paisagens para além da fala, com as errâncias estabeleceram emaranhados.

Dobra-se sobre a “ausência” da linguagem dos autistas. Segundo ele, vaguear e balançar o corpo não são atos conscientes, e a vacância da linguagem produz um espaço único de relação refratária com a língua e com os gestos. Ele critica veementemente o conceito de humanidade e linguagem humana. Chama nossa atenção para o fato de que somos feitos de verbos infinitivos. Um viver em comum, uma rede

adolescentes. Estes, considerados com deficiência e, muitas vezes, marginalizados das sociedades.

composta de pequenos locais separados e conectados por linhas que se cruzam em um estar aí.

A rede é tecida por muitos. Nós, humanos, vivemos em rede. [...] Para o autor, “agir” e “fazer” são distintos e não se complementam: o fazer é o impulso de uma vontade e obedece a uma finalidade, enquanto o agir, no pensamento deligniano, é o gesto desinteressado, movimento de *“tecer, traçar, pintar e no limite até mesmo escrever, num mundo onde o balanço da pedra e o ruído da água não são menos relevantes do que o murmúrio dos homens”* (DELIGNY. 2016, p. 301). O agir compõe linhas de vaguear que se cruzam em um estar aí que compõe o emaranhado da rede do viver (ALVES; PÉREZ, 2018, p. 582).

Deligny toma a invenção de emaranhados como possíveis variações das narrativas na paisagem. Pois, como Vaz (2019, p. 25) propõe, ao invés dos artistas em meados do século XV aprenderem com a realidade da paisagem, passaram a aprender pela invenção da paisagem, seriam como o paisagista que movimenta a sua terra para nutrir as plantas.

Esperto que é, o paisagista entende que suas plantas se desenvolvem em redes, se uma praga ataca uma espécie, todas as demais estão em alerta.

Pelo seu procedimento, os encontros estão abertos para inventar paisagens. As linhas de errância estão em porvir algo, mesmo que não resulte em nada, como o micélio que se multiplica e aponta outros encontros.

O Aracniano é composto de revelações silenciosas. Deligny não se preocupa com sistemas interpretativos, pelo contrário, sintoniza com as frequências, que para além da linguagem oral traçam os movimentos dos mínimos gestos, das trajetórias singulares e dos arranjos provisórios de agir e viver num outro modo de existir. A relação tecelão e teia é singular no pensamento deligniano: como uma teia de aranha a rede está sempre em meio ao fazer-se, é uma composição singular, localizada, precária - está em perpétuo perigo de desmoronar ou, de enrijecer-se em uma instituição (ALVES; PÉREZ, 2018, p. 580).

As cartografias de uma paisagem são infinitas, cada pessoa caminha em linha de errância. A paisagem é composta por uma malha de micélio que leva a diferentes lugares, interligados por narrativas, memórias e imagens. Micélio, parte de um cogumelo que é ligado a demais plantas por debaixo da terra, uma infinidade de redes subterrâneas.

Existem na rede de micélio pontos de interseção, ricos com energias e vidas, um viver em comum, uma rede composta de pequenos locais separados e conectados por linhas que se cruzam em um estar aí; “a rede é tecida por muitos” (ALVES; PÉREZ, 2018, p. 582). Essa rede é que se quer buscar nos encontros, tecer emaranhados por diversas mãos, tal como Deligny fez nos abrigos.

A docência errática proferida por Fernand Deligny encontra-se em seus relatos através de desenhos, imagens, vídeos e linhas de errância, são “errantes porque as crianças não funcionam pela consciência dos atos” (DELIGNY, 2015, p. 22), mas pela experiência da alteridade. É mover a descentralização da teia

de aranha: ela faz um emaranhado de linhas e, não importa sua localização, sente a vibração em qualquer parte da rede.

A teia, o micélio, as redes e o caos provocam linhas que estão abertas para que se possa arranjar em qual via caminhar. Este trabalho anda pela errância, porque existem vontades de proporcionar outros mundos. Desse modo, investiga-se a produção de emaranhado como um terreno na paisagem escolar feita por meio das linhas de errância. Assim, como foi para Deligny “limpar” a visão patológica do autismo, quer-se com a errância desfilar concepções, subjetividades e ideias de emaranhado.



Um corpo fragmentado em linhas
linhas que fogem da emaranhada
linhas em pedacos soltos com fitas
remendadas em farrapos de corémio

Corpo fragmentado que passa de boca em
boca da boca para os olhos e da fala
fala que fala e comenta
julga, desliza e ri de corpo

Corpo decente sustentado pela invenção
invenção para avançar outros modos
de existência

existências de um corpo fragmentado
em linhas ajustadas



CARDUME

Cansados de tentar fazer o peixe entrar no aquário, invertemos a situação.

O peixe azul-esverdeado nadava para lá e para cá, nós apenas observávamos seus movimentos, esperávamos que ele caísse em nossa armadilha. Foi difícil, atiramos iscas, sua colega peixinha tentou chamá-lo, mostrou seus materiais, mas não recebemos respostas, apenas gritos e bolhas entres as salas, pelo corredor.

A aula dos peixinhos e peixinhas estava passando, não tínhamos muito tempo, então, no meio da nossa atividade o profe peixão convidou a turma para invadir e tomar o corredor com suas caudas e materiais. A roda dos peixinhos estava formada no meio do corredor, sentamo-nos no chão, espalhamos os materiais e ali continuamos nosso trabalho.

Começamos a sentir que o espaço não era mais o mesmo: os outros peixes, tubarões e raias atravessavam a roda da nossa sala. Os movimentos eram intensos, fluxos de correntes aquáticas perfuravam e movimentavam nossos corpos,

podíamos enxergar quem entrava e saía da escola – também, a diretora tubarão e a supervisora polvo.

Percebemos que podíamos capturar a textura do piso por meio da nossa pintura, buscamos um suporte e, ali, sentados no chão, tentamos que o peixinho azul-esverdeado entrasse em nossa roda. Mas, mesmo trazendo a aula para o corredor, ele não queria ficar junto a nós, entrava e saía do aquário da outra turma e passava por cima de nós e balançava sua cauda entre nossos materiais.

Ele não interagia com nossas atividades, nem conosco, mas ficava nadando por todos os espaços. Sua mãe estava junto, não saía da volta de seus mergulhos. Ela entrou para o nosso aquário e aos poucos chamou o filho para que entrasse no espaço.

Chamou, chamou, chamou e, como suplicando às deusas marítimas, ele entrou para nossa roda. Nós comemoramos e, para que ele não se assustasse, em silêncio voltamos um/a peixinho/a por vez para o nosso aquário. A turma estava completa, e quando o peixinho azul-esverdeado se deu por

conta estava sentado ao lado de sua colega peixinha amarelinha, a mesma que mostrou os seus materiais.

Aquela foi uma segunda diferente, com pequenas nadadas pelas linhas do corredor e dos encontros, a errância ágil por nossas andanças em meio a um aquário.

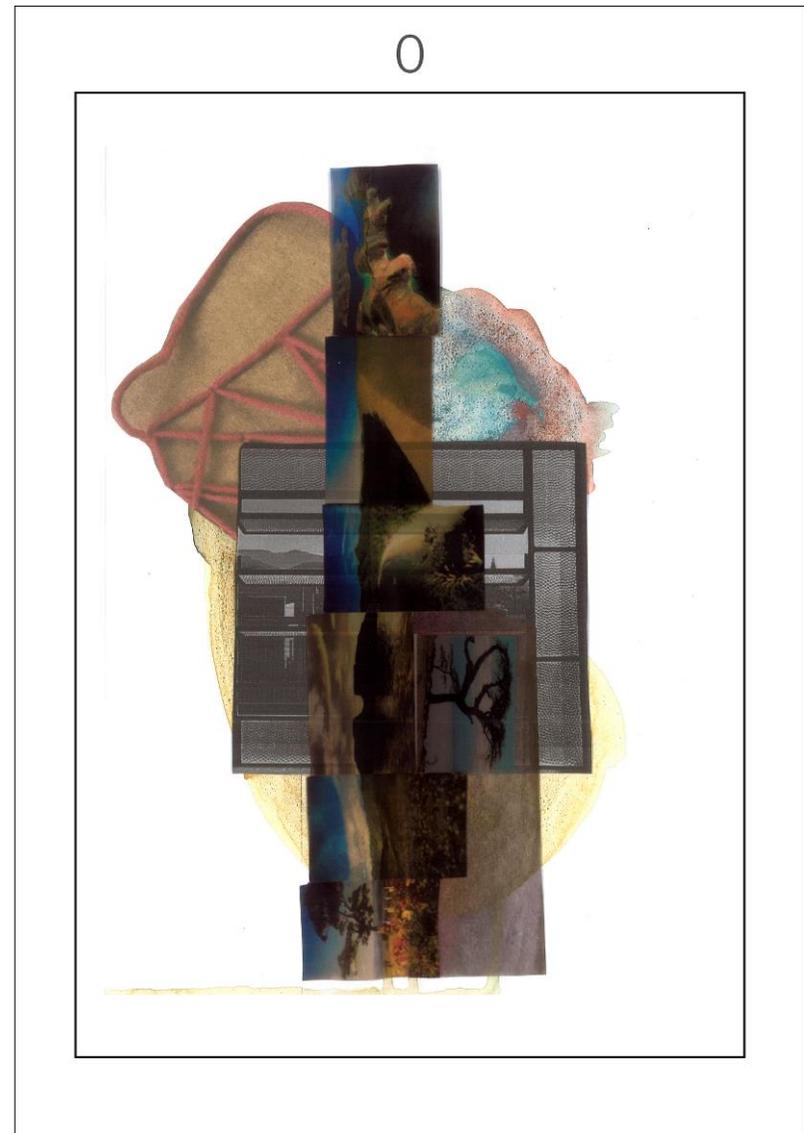
ENCONTRO COM O TEMPO

do passado, presente e futuro
que passa rápido e lentamente
entre os corpos
escorre pelas mãos

não para
empurra para a frente, lados e
ou deixa para trás
age com atrator caótico

de lembranças
afetuosas de humanos e não humanos
de memórias em ruídos
fragmentados

tempo escola
busca de afinidades
desabrochar existências
em meio às violências de um corpo





Peixe

ou

BORBOLETA?

?



mudon e alho para capas
nabedes e insatisfeitos
orienta os emoranhados e
seus para o emento

deixa que se fala do corpo
fragmenta e mostra a existên
cia de afetos singulares

ambos de artes nos emoranhados
sobretudo vida e cores
apontar problemas vegetais
transparentes em ordem moti
vais



ERRÂNCIA: MODO DE EXISTÊNCIA

Quando se comenta sobre existências, geralmente associa-se a um dado real, o que acontece e é vivido neste momento, no presente. As narrativas feitas pela humanidade contam de realidades por meio dos diversos modos de expressão. Na maioria das vezes existimos em apenas uma realidade, para acessar mais realidades teríamos que movimentar nossa existência através das camadas. David Lapoujade (2017), a partir dos estudos de Souriau, lança a questão: “Como duvidar da realidade da existência quando estamos aqui, presentes neste mundo, como duvidar disso?”. A pergunta proposta pelo autor problematiza como são percebidos os modos enfrentados no presente. Talvez, uma resposta seria a desvinculação de existência com realidade – na questão do modo de existência e, assim, abrir-se para a multiplicidade.

O autor questiona a associação da existência com a realidade, e por meio disso entende-se a possibilidade da invenção de linhas que nos cercam, as evidências que integram. Por exemplo, a relação das narrativas ditas sobre paisagem escolar. Por essas apostas, dispõe-se das linhas de errância

na pesquisa em educação, como um terreno vazio que está entulhado de fios abertos para o fora.

A pesquisa em educação produz e sobrejustapõe emaranhados em paisagens. Em concordância com Alvez e Pérez (2018, p. 578), ao tecer existências singulares em multiplicidade inventiva, ao “abandonar as lógicas e práticas do projeto pensado”, nos dispomos ao encontro inventivo, ou seja, àquele que cria com o que acha, pois o objetivo da rede, segundo Deligny (2015b), “não é a captura do objeto, mas o tecer das existências singulares”.

O modo de existência de Hamlet não é o mesmo de uma raiz quadrada, o modo de existência do elétron não é o mesmo de uma mesa etc. Todos existem, mas cada um ao seu modo. Reciprocamente, um ser não está predestinado a um único modo de existência, ele pode existir segundo vários modos, e não apenas como entidade física ou psíquica; pode existir como entidade espiritual, como valor, como representação, etc. (LAPOUJADE, 2017, p. 14).

Todos existem, inicia-se com esta afirmação de que todas e quaisquer existências são possíveis. Conforme David Lapoujade (2017), seres podem existir em diversos modos, tempos e espaços. Nós, seres humanos, muitas vezes

acreditamos apenas na existência que está associada a uma única realidade, pois cremos apenas naquilo que integra as nossas percepções, principalmente a visual.

O exposto anteriormente fala de existências presentes no espaço escolar. Organismos que divagam entre os limites que cercam a escola, esses organismos encontram vibrações de tramas coletivas para desviar das normas que regem aquele espaço. Devir existências “é o acontecimento mesmo que coincide com o próprio ato de criação de si e do existir” (FUGANTI, 2012, p. 76), multiplicidade de invenções derivadas de suas próprias existências.

Uma sala de aula é povoada de existências, cada estudante traz consigo o antes e o depois daquele espaço, suas existências já existiam em outros lugares. Na escola o corpo toma outro modo, precisa-se ficar dentro das normas estabelecidas, seguir os horários, atingir o conceito determinado e seguir a progressão dos anos letivos. Existências que são colocadas em ritmos de frequência das andanças obedecem às linhas criadas por distintas existências. É como o modelo oferecido por Tim Ingold (2015b), de

caminhar por linhas do dédalo: existe uma série de escolhas, mas todas já predeterminam os movimentos:

O dédalo (maze), que coloca uma série de escolhas mas predetermina os movimentos implicados em cada uma delas, põe toda a ênfase nas intenções do viajante. O trajeto em um dédalo pode ser portanto representado como uma sequência estocástica de movimentos pontuada por momentos de decisão, de modo que cada movimento se baseia numa decisão tomada previamente. É, essencialmente, um empreendimento estratégico semelhante a um jogo (INGOLD, 2015b, p. 25).

O caminhar de estudantes pelo Dédalo leva em consideração suas decisões dentro da escola, como principalmente o resultado final de atividades avaliativas. Muitas vezes, o resultado de uma prova está carregado de sua existência, mas não se olha para isso, apenas para a representação final. Um exemplo é a realização de uma imagem fotográfica, cuja consideração avaliativa final é a estética, mas não a vontade, intenção e composição daquela paisagem. Nessa pesquisa, costuram-se aberturas para outros modos de inventar-pensar-arranjar emaranhados nas paisagens de uma docência.

Em analogia com o Dédalo, a educação está predestinada à aprendizagem como destino (INGOLD, 2015b). A consideração é que se precisa chegar a um destino final: os planos de aulas, documentos confeccionados por docentes, são estruturados numa progressão crescente do ensino: apresentação do conteúdo curricular, debate, fruição, exercícios e avaliação. A ordem existente predetermina: conteúdos, objetivos, metodologia, desenvolvimento, avaliação, referências e o que pode vir a acontecer naquele tempo e lugar de aula. O grupo de existência é forçado a ocupar corpos limitados de aprendizagens concretadas em fichas avaliativas.

As experiências das linhas de errância são fendas para o fora das demarcações escolares, muros que cercam desde o terreno até o questionamento que perambula pela sala de aula. A errância joga linhas de variação para as existências trançarem tramas insurgentes. Inventar emaranhados da escola/vida/arte/educação é aposta desta pesquisa.

O labirinto, diferentemente do dédalo, para Ingold (2015b), nos oferece outra possibilidade, outra maneira de caminhar entre

as linhas. Sem nenhuma saída e sem predeterminações, anda-se no labirinto com atenção, com o olhar voltado para o trajeto, busca-se perder pelas linhas de errância, e por meio da lentidão procuram-se rastros para compor modos de existência emaranhadas.

As reações das propriedades de matérias transformam os terrenos-tramas em labirintos dentro da escola. Certa aluna não para dentro da sala de aula, inicia-se a aula, ela não sente vontade de ficar sentada em sua cadeira e classe, pede para ir ao banheiro. A partir desse momento começa sua aventura pelos corredores do prédio: caminha por diversos andares, encontra salas vazias e entra, bisbilhota as gavetas e armários, procura por algo, mas não sabe o que é. Acha algumas canetas coloridas, escolhe as que têm mais tinta, o professor divaga atrás de seu rastro: Fulana, cadê você? Vamos voltar para a sala, teus colegas estão te esperando.

O corpo-professor está em apuros, com o coração palpitando acelerado, sente a barriga roncar de ansiedade, suas pernas caminham rapidamente atrás da estudante, pensa no grupo de estudantes que ficou na sala. Os dois se encontram: ele fica

aliviado por achá-la, mas para ela é indiferente, pois gostaria de ficar perambulando pela escola.

A busca pela estudante foi como andar por um labirinto: “seguir a trilha exige atenção contínua” (INGOLD, 2015b). Caminhar atenciosamente pela escola sem um objetivo final, mesmo sendo esse objetivo a busca pela estudante a cada passo por aqueles infinitos corredores. Em diferentes momentos surgem tramas de existências, divagar entre as entradas das salas, banheiros, escadas, a escola-labirinto em suas linhas, fissuras abertas para a multiplicidade de existência.

Os procedimentos desta pesquisa consistem em vagar pelos labirintos (da cidade, da escola, da pesquisa, da universidade, da vida...) e assumir uma posição que está sempre à espreita para agir. O labirinto pressiona a atenção para o real que se desdobra com as tramas, a cada esquina do terreno existem passagens para linhas, “cada ponto já se encontra no caminho para algum outro” (INGOLD, 2015b). “Algum outro” de fora, linhas de errância que inventam emaranhados.

No labirinto, por outro lado, aquele que segue o caminho não tem outro objetivo senão continuar,

seguir em frente. Mas para fazê-lo, sua ação deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção – ou seja, um monitoramento sempre vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando. Colocado de forma simples, você tem que prestar atenção onde pisa, e também ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que *atencional*. O andarilho é levado para fora, para a presença do real. Assim como a intenção está para a atenção, a ausência está para a presença, portanto (INGOLD, 2015b, p. 27).

O ato de caminhar retira a rigidez de qualquer posição, viajantes em labirintos se submetem a linhas que desestabilizam. Esta pesquisa anda por diferentes superfícies: escola, casa, prédio, terreno baldio, centro da cidade, mata, Google Meet, Web sites. Não se assumem posição ou hierarquias, alia-se a linhas de errância para a invenção de emaranhados para ver superfícies.

As escritas, as imagens, operam transversalidade com o texto, questionam as paisagens que estão presentes nas linhas de errância da dissertação. Talvez, uma das maneiras de andar pelo mundo duplo que está presente em nossas vidas seja pela narração. Desse jeito, a pesquisa em educação tenciona o

caminhar como modo de narrar e o narrar como modo de caminhar.

Não se trata de chegar num ponto de vista. No labirinto, não há ponto de chegada, não há destino final, pois cada ponto já se encontra no caminho para algum outro. Longe de assumir um ponto de vista ou perspectiva a partir dessa ou daquela posição, o ato de caminhar continuamente nos remove longe de qualquer ponto de vista – de qualquer posição que possamos adotar. A ex-dução (levar para fora) do aprendiz no próprio mundo, conforme ele se lhe apresenta através da experiência (INGOLD, 2015b, p. 27-28).

Levar as propriedades das tramas para a andança no labirinto e cruzar na teia modos de existência. Às vezes, a pesquisa toma forma de dédalo, outras vezes de labirinto, e mais vezes com os dois sobrejustapostos. A sobrejustaposição, como escrevem Mossi e Oliveira (2018), “distancia-se de certa concepção que busca ‘representar’, ‘compreender’, ‘decifrar’ um mundo que já estaria dado” e andarilhar por linhas dadas de uma pesquisa em educação.

A sala de aula também está aberta para modos de existência erráticos. É com estudantes que inventam rasgos nas linhas retas, através das tramas produzidas, como uma conversa por

pedaços de papel, ou então a troca de figurinhas no aplicativo Whatsapp, a escrita na classe, copiar as respostas do tema de português feito pela colega, etc.

A produção de bifurcações, multiplicações, divisões, encontros de tramas em linhas que muitas vezes são os cruzamentos dos labirintos, é para Deligny um agir, pois existem desejos que movem os gestos. É:

Produzir outros horizontes problemáticos, é fazer emergir outros planos de aprendizagem que são formas políticas e epistemológicas de elaborar saídas para os impasses postos (ALVEZ; PÉREZ, 2018, p. 585).

Dessa forma, questionamos a ideia de que a aprendizagem só é acionada por docentes, pois estudantes, ao entrarem na escola, já começam a inventar modos de existência emaranhados dentro daquele terreno.

Entre o ser e o nada há uma variedade de existências, numa realidade um ser existe de diversas maneiras. Tal como os emaranhados que às vezes são como entulho, como modo singular de composição das plantas, como fotografia captada, como diálogo das possíveis existências, como rastro dos seres,

como tramas das existências, como linhas de errância do terreno, como intervenção do lugar-tempo, como pesquisa em educação, com...com...com...

Um ser pode ver sua existência se duplicar, se triplicar, enfim, pode existir em vários planos distintos permanecendo numericamente um. Podemos objetar que a distinção é verbal, posto que, justamente esse ser é numericamente um. Mas ser numericamente um, possuir unidade e permanência como uma coisa, é exatamente um modo de existência entre outros. Um ser pode participar de vários planos de existência como se pertencesse a vários mundos. Um indivíduo existe neste mundo; ele existe como corpo, existe como “psiquismo”, mas também existe como reflexo em um espelho, como tema, ideia ou lembrança no espírito de outro, tantas maneiras de existir em outros planos. Nesse sentido, os seres são realidades plurimodais, multimodais; e aquilo que chamamos de mundo é, de fato, o lugar de vários “intermundos”, de um emaranhado de planos (LAPOUJADE, 2017, p. 14-15).

Os modos de existência são restos de gestos, providos de um fazer ou agir. Desse modo, pode-se pensar que as linhas de errância inventam variações emaranhas da paisagem, teias que tecem pesquisa em educação com vida. As imagens dessa pesquisa aparecem por suas existências, existem pretensões de jogos com os textos. Tal como o Dédalo e o Labirinto estão

em trama, as cartas de Tarô postas numa constelação formam uma paisagem. Logo, O Louco com o andarilhar.

O modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em determinado plano. É um gesto. Cada existência provém de um gesto que o instaura, de um “arabesco” que determina que será tal coisa. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência (LAPOUJADE, 2017, p. 15).

Todo ser é uma maneira de ser e reciprocamente: toda maneira de ser é um ser distinto, que existe à sua maneira. Cada existência é tão perfeita quanto pode ser. Não há potência de existir maior ou menor. Nesse plano, um ser não é mais realizado do que o outro, mesmo comparado a si mesmo (LAPOUJADE, 2017, p. 27-28).

Existir à sua maneira dentro das múltiplas existências; para Lapoujade (2017), separá-las conforme seus gestos: os fenômenos; as coisas; os imaginários; e os virtuais. O fenômeno é uma estrutura momentânea que logo se expira à “breve aparição de uma estrutura e dissipação” (2017). As coisas se manifestam pelas matérias, o cosmo de “uma coisa é conquistada e possuída em uma permanência através do espaço-tempo” (LAPOUJADE, 2017, p. 30).

Os imaginários são seres do reino das ficções, são sustentados pelos outros modos de existência através de crenças e afetos, “o que os faz existir são nossas crenças” (LAPOUJADE, 2017, p. 35). E os virtuais são seres inacabados e mais frágeis do que imaginários, estão por devir existências ou não, “esses seres são começos, esboços, monumentos que não existem e que talvez nunca existam” (LAPOUJADE, 2017, p. 36).

As tramas relativas às linhas de errância proliferam modos de existência pertencentes à multiplicidade. Dessa maneira, o que chama atenção nesta pesquisa em educação são os modos virtuais apresentados por Lapoujade, que são seres inacabados. Modos de existência de linhas de errância são corpos-sem-órgãos (DELEUZE E GUATTARI, 2012) em emaranhados. Ao caminhar pelas linhas de errância em paisagens, tecer modos de existência, inventam-se emaranhados, sendo terrenos abertos para os diálogos entre as diferenças.

Sua arte é suscitar ou exigir a arte; seu “gesto” próprio é suscitar outros gestos. Eles precisam de outro ser – um criador – que agirá para que possam ter uma existência maior e diferente.

Inversamente, o criador precisa dessa nuvem de virtuais para criar novas realidades, ele se alimenta da sua incompletude. Ou seja, são os virtuais que introduzem um desejo de criação, uma vontade de arte no mundo. Eles são a origem de todas as artes que praticamos (LAPOUJADE, 2017, p. 38).

As linhas de errância tornam-se existentes com aquilo que agencia suas ramificações, o fio da aranha torna-se teia de aranha, há uma mudança de modal para transmodal que, segundo Lapoujade (2017), são as transformações que ocorrem nos modos; ou melhor, com Kastrup (2001), são as invenções que passam de um modo para outro, ao encontro do fora. A pesquisa em educação com seus virtuais inventa outros modos de existência pelas linhas de errância.

Às vezes os virtuais *transmodam* em labirintos e em dédalos. Voltamos ao agir: há modos de agir da errância que são expressos pelos virtuais. O movimento do Louco anda entre as cartas do tarô e, conforme as tramas com outros modos, age em sua existência. O professor, em cada nova linha em sua história, inventa variações da paisagem docente para encontrar o transmodal. A pesquisa em educação traz a errância para inventar variações de linhas menores em docência.

Seres imaginários que inventados
numa aula de artes com nome
Jornal e fita

Construídos com as mãos pequenas
e o cérebro inventivos numa
imaginação de referências midiáticas

A forma de fragmentos de jornais
envolvidos no nome contendo fezes
expensas materiais de afetos
escolares

Seres de afetos confeccionados
com gestos nos encontros de aulas
emantes







A boca fala da linguagem
a boca comenta de outros
e outros diz da linguagem

Linguagem inventiva se omisso
vem a boca que julga
desordenada os corpos docentes

em comunhão por os linguagens
para andar em ondas de sorte
e esentou a linguagem gaguejada
travessa entre os linhos da garganta
os fios retos do corpo fragmento
que anda para elaborar paisagens
de memórias e línguas.
A boca se acha dona da linguagem.

EXISTÊNCIA DIURNA

Todo almoço é a mesma coisa: fofoca

A fofoca que passa pela boca das pessoas que estão na sala, a sala, que era pra ser um intervalo, vira falas avulsas.

Quero silêncio, mas forçado a socializar e tentar entrar no grupo, permaneço na sala.

Risadas, conversas, estranhezas.

Encontros pelas linhas que impulsionam errância da voz, do pensar, da garganta, da sala.

Toda semana ouço alguém pronunciar o nome da antiga professora de artes:

Ela era assim: _____

Falava de tal maneira: _____

Se comportava de um jeito: _____

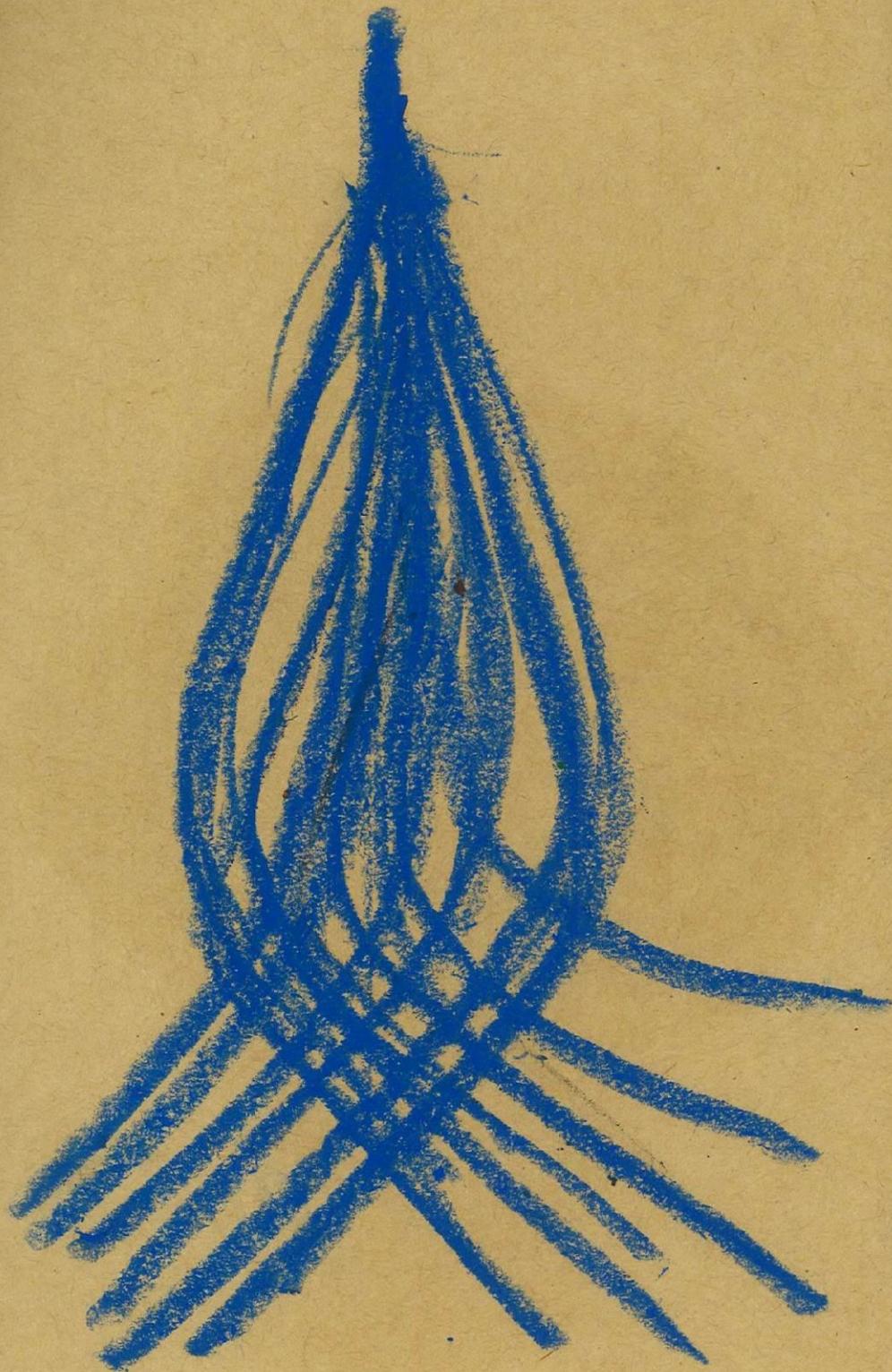
“A outra professora de artes deixava tudo pra última hora, mas fazia uns trabalhos lindos.”

“Acho que tu deveria pegar umas dicas com ela, professor.”

Os trabalhos dos professores de arte são linhas diferentes, dentro da teia da aranha existem diversas linhas, e cada uma representa algo. A aranha age na sua teia pelas/com as linhas, é impossível medir a qualidade de seus passos e em quais linhas, é injusto com sua vida. O mesmo acontece com a comparação entre o professor e a professora: seus modos de agir são diferentes, são vidas que apresentam a mesma titulação de graduação, mas não a mesma vida. E a comparação das linhas faz com que desapareçam.

Linhas que atravessam a escola, que a cada encontro sentem as vibrações das aulas; os ritmos são diferentes, existem encontros que movimentam forças e existem outros que não movimentam, são parados. Existem alguns que, de tão rápido o movimento, não têm forças para sair do lugar. Forças que trazem à tona a conversa, comparação, encontros e a vida singular.

A situação foi instaurada, se criar um *projeto pensado*, não terá existência do meu modo de agir na docência. Andar pelas margens da docência e inventar encontros de errância pelas linhas. Sobreviver às conversas e comparações.



sem materiais de materiais
sair em busca de coisas para
arranjar aulas de artes

sem materiais na escola
como inventar com o mínimo de
uma folha de ofício para
tudo

a invenção de materiais impossíveis
e esquecidos na sala de artes
para encontrar novos significados

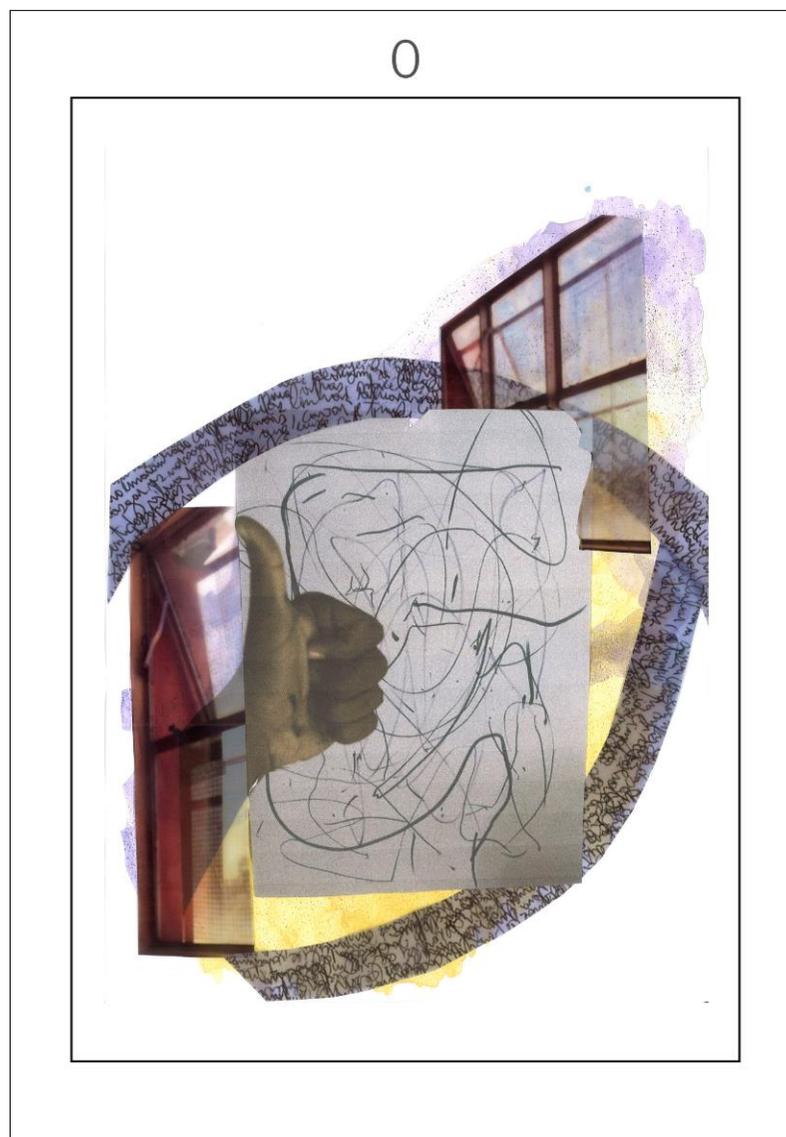
ENCONTRO COM A ARTE

na colagem do muro
com a pichação do patrimônio
do papel que circula pelas mãos
através da poluição visual

na roupa que veste corpos
com as cores de maquiagem
das escolhas de expressões
junto aos ritmos de vibrações

proximidade de redes sensoriais
de materiais em conjunto
gritar por vozes em silêncio
para dizer o indizível

inventar vidas possíveis
para escutar existências
com riscos em copos na sala
que habitam o pensamento.



Corpo fragmento que recusa.
Recusa a linguagem
Recusa a comunhão
Recusa a material

Corpo fragmento que inventa
inventa a linguagem
inventa a comunhão
inventa a material

Corpo fragmento que encontra com
Com
Com
Com



ENCONTRO COM AS PAISAGENS DE UMA DOCÊNCIA

pluralidade de pensamentos
em corpos fragmentados
dos desejos reprimidos
que diluem as substâncias estudantis

a tristeza remediada
na doce alegria de segundos
em dias cinzentos
de escolas esquecidas

com a invenção na sala de arte
do professor em compartilhamento com estudantes
de ideias emaranhadas de matérias
compostas em linhas de errância

afetos dos restos esquecidos
na sensibilidade da ternura de estar
para ocupar uma cadeira
mobilizar vidas numa malha posta em 45 minutos.

“a escola não é pra mim, voltei a tomar meus antidepressivos”



Clase por
Curso de Comendador
Asesinato de Perito
Lago



PAISAGEM E ANDARILHAR COM O LOUCO E AS CRIANÇAS

Habitar o aberto é habitar um mundo-tempo no qual cada ser está destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação da sua própria existência. [...] O meio ambiente tem sido modificado, ou “construído”, para se conformar às expectativas de fechamento, mas como a vida sempre, e inevitavelmente, rompe os limites das formas objetivas nas quais temos procurado contê-la (INGOLD, 2015a, p. 179-180).

Os procedimentos metodológicos da pesquisa (podem ser resgatados ou produzidos, podem ser criados por outras pessoas ou pelo professor-pesquisador) são as invenções das variações de paisagens. É “caminhando” intensivamente e extensivamente que surge o que é chamado de paisagens, são as composições com essas coisas que aparecem nessas caminhadas, mas também o lugar de onde elas insurgem (a escola, a sala de aula, a mata, as andanças de pesquisa).

O caminhar como força das variações ajuda a prosperar outras maneiras de pesquisar em educação. As imagens que surgem com a pesquisa não dizem respeito a modos, representações ou maneiras de pesquisa. As imagens são paisagens de uma

docência em Arte compostas com linhas de errância. O caminhar intensivo e extensivo consegue ensaiar as linhas, mas essas imagens não (ou sim) carregam o caráter de signos.

Um corpo que se abre a intensidades de devir e desterritorialização, os quais perseguem linhas de fuga – compreendendo devir não como imitação ou fixidez de algum ser minoritário, individuação constante e fluente; desterritorialização como desestratificação de territórios aparentemente cristalizados (que sempre pressupõem, já em seguida, novas territorialidades, porém sem nunca retomar à territorialidade antiga); linhas de fuga como criações, desvios, fendas, vazamentos (MOSSI, 2014, p. 28).

Em linhas, micélios, as plantas se comunicam e produzem existências, “construção de novas realidades”. Os artistas, docentes e paisagistas que se movem por meio de linhas para invenção de variações das paisagens, fazem dessas tentativas possibilidades de “novos pensamentos”. Vaz escreve que

Para retratar uma paisagem, o artista se deslocou, parou, mudou seu ritmo, criou tempos e espaços próprios para a experiência, aprendeu e criou com esse processo mesmo quando sua prática resultou em uma obra inerte (VAZ, 2019, p. 25).

A andança promovida nesta investigação, com emaranhados nas paisagens, dispõe de fotografia-cadernos-lápis sendo

fragmentos do processo. Fragmentos lidos como a invenção das variações de paisagens.

Quando se visualiza uma imagem, atualizam-se seus ritmos, frequências, narrativas e “virtuais”. Para Lapoujade (2017), “todo modo de existência envolve um ponto de vista”; ao mesmo tempo em que as paisagens são atualizadas, elas criam realidades, algumas vezes em linhas retas, outras, em linhas de errância. Lapoujade, mais adiante, propõe que reduzir a visão pode “instaurar um plano que torne possível a percepção de novas entidades” (LAPOUJADE, 2017, p. 29).

Reduzir a visão aos encontros de micélios, ou o escapamento das narrativas, torna capaz a invenção de paisagens que, por meio da errância, agenciam-se com linhas, produzindo outros modos de existência em docência e pesquisa.

É pela errância que se atualizam e visualizam narrativas desviantes que compõem possíveis mundos. Este é um dos pontos de vista que se encaram neste texto, ao modo errância. Escolhe-se a fotografia, além do desenho-escrita, para a invenção de imagens, porque ela tem fortes aproximações desde o seu início com as paisagens; pois, segundo Vaz:

Exigia exercícios de espera, de ver e sentir o tempo se deslocando junto à paisagem. Tratava-se de criar outros espaços dentro dos espaços, gerando modos únicos de estar no mundo e de aprender com ele (VAZ, 2019, p. 25).

Inventar variações de paisagens fotográficas com linhas de errância, estabelecer atualizações com os materiais que compõem o nosso terreno afetivo. Sendo assim, os encontros com autores, imagens, linhas de errância e pessoas nesta pesquisa em educação são dispositivos importantes para variações da paisagem. Nos percursos de aprender, não é necessário conhecer cada detalhe de uma cidade, decorar os nomes de suas ruas, acumular quilômetros percorridos. Aprendemos quando conseguimos sentir os diversos terrenos e descobrir modos de caminhar sobre eles, mesmo que esses modos não sejam os mesmos utilizados por outros caminhantes.

Ao colocarmo-nos fora do caminho, ao permitirmo-nos experimentar modos singulares de percorrê-lo, ficamos sensíveis aos encontros que acontecem com a paisagem e as potencialidades de nossos desejos e capacidades de gerar sentidos para nossas vidas junto ao coletivo. Aprender não é

apreender a cidade, ou a escola, a docência, a pesquisa, a vida, mas sim explorar as instabilidades de suas naturezas móveis. Somente quando conseguimos ver para “fora” desses padrões conseguimos vislumbrar a vida cotidiana nas suas instabilidades e descontinuidades, conseguimos perceber o quanto somos incompletos, o quanto nossa existência acontece em/com/por movimentos, deslocamentos. É um desafio constante duvidar de nós mesmos e, ao mesmo tempo, aproveitar, desfrutar intensamente de saberes e aprendizagens em sua condição passageira (LAPOUJADE, 2017).

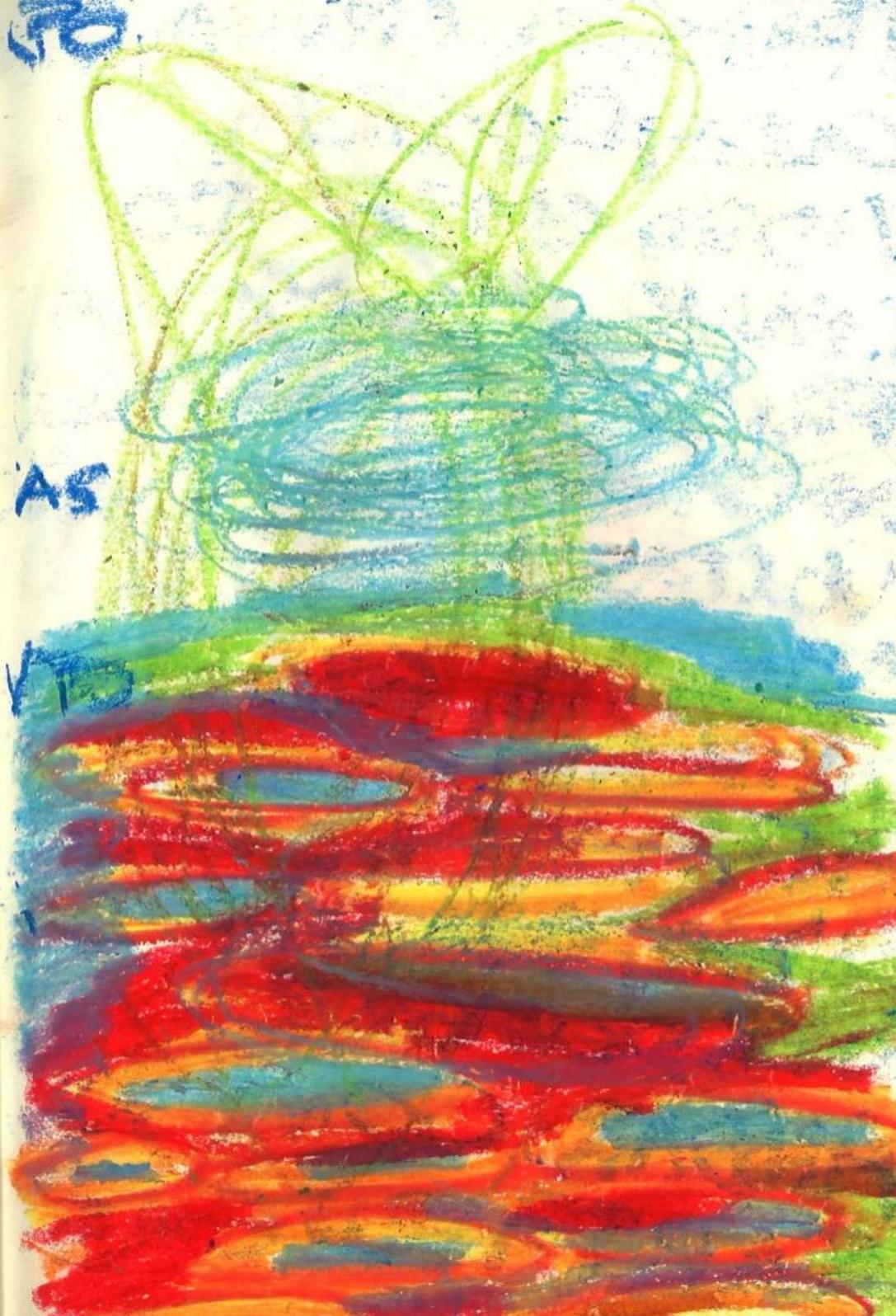
Onde visa-se promover, estudar, pesquisar, proporções que estão presentes dentro desses espaços, como se cada dia [ao entrarmos] em [uma escola] na paisagem fosse a primeira entrada – por colocar o corpo para errantizar a vida (KOHAN, 2013, p. 62).

O caminhar em/por paisagens tem a intenção de trazer as linhas de errância para as narrativas dos campos de relações estabelecidas nesta pesquisa. Um professor caminha por emaranhados e compõe, ao longo dessa caminhada – ora extensiva, ora intensiva –, arranjos de paisagens com linhas,

linhas de errância de uma docência-pesquisa nesse processo (movimento criador), propõe um “paisagismo” tecido com/em cogumelos e aracnianos, inços e flores, matérias e encontros, docência e vida.

As matérias mencionadas de cogumelos, aracnianos, inços e flores são as aulas do professor-pesquisador, suas referências de trabalho, de criação, são achados de escola, são produções suas (artísticas, imagéticas), fotografias produzidas em andanças. São as matérias da investigação, e elas surgem por meio das andanças em diferentes lugares de uma pesquisa em educação, que passa pelas instituições de educação, casa, pessoas e tudo o que está nas suas margens. É um olhar atento, visão de errância no presente, que potencializa as escolhas de encontros possíveis.

TRANSITO, CHUVA, VENTO
CAOS, DEMORA,
VIDRO EMBAÇADO
CHUVA, DEMORA
FRIO NA BARRIGA
ANSIEDADE, CURVAS
VOLTAS, LUZ ALTA
ACIDENTE, QUANTUM
UNIVERSO, PLENITUDE
PRATICAR DE VAGAR
ANDAR, A MINHA, OR
RER DUNGA
ANDAR COM AS
TARTARUGAS





ramos de lã singulares
numa rede pequena
rosas quitam pelos gemelas
pernos cominham a pressão do sado

aglomeração desajustes. pontiçulares
ondas constantes do sado e sado
em busca de algo que não se sabe
o quê

matéria faltando nos olhos
o esquecimento do bairros e sado
que não foi sentido e se leva
de qualquer modo

PAISAGEM

Os modeladores medievais da terra não eram pintores, mas agricultores, cujo objetivo não era transformar o mundo material em aparência em vez de substância, e sim extrair o sustento da terra. A forma, para eles, era tão intrínseca à constituição da terra quanto o é a trama para a constituição de um pano. Assim como um pano é tecido a partir dos fios [linhas] entrelaçados de urdidura e trama, assim também, nos tempos medievais, a terra foi moldada (*scaped*) pelas pessoas que, com pé, machado e arado, e com a ajuda de seus animais domésticos, pisaram, cortaram e arranharam suas linhas na terra, e, assim criaram a sua textura em constante evolução. Este trabalho foi feito de perto, em um engajamento imediato, muscular e visceral com a madeira, a grama e o solo – o oposto mesmo da óptica distanciada, contemplativa e panorâmica que a palavra *landscape* (paisagem) evoca em muitas mentes hoje (INGOLD, 2015a, p.193 - 194, grifo do autor).

Um filme que ajuda a problematizar como traçar as relações do caminhar com o andar esteticamente pela vida, *Os Renegados* (1985), da cineasta Agnès Varda, mostra a renúncia da protagonista Mona de sua vida instaurada. Ela caminha durante os 106 minutos de obra por diferentes espaços até encontrar outro caminho a trilhar. As cenas apresentam a

experiência de caminhar sem destino com ajuda de pessoas e como os personagens em seus territórios aparecem no decorrer do longa-metragem. Mona encontra vida e morte no seu caminhar.

Tim Ingold (2015a) escreve sobre a formação da paisagem em seu livro, descreve que as paisagens são inventadas a partir da atividade em nosso campo relacional. O que o autor comenta é que no momento da andança são geradas autotransformações no mundo, como diz: “as superfícies são de fato transformadas, mas, estas são superfícies *no* mundo, não a superfície *do* mundo”. Mona, minhas caminhadas pela escola, transformaram e inventaram paisagens ao longo dos terrenos povoados. “Fazer o caminho a pé” (INGOLD, 2015a, p. 75), e o corpo absorver as matérias, as experiências e os passos que sentimos ao longo dos trajetos, afetando o curso da vida cotidiana.

A paisagem, em seus termos, não indica um mundo externo e acabado, independente dos seres que o habitam, tampouco imagens ou ideias sobre ele. Vivendo nas paisagens, nós as produzimos, tanto quanto somos produzidos por elas, por meio de processos materiais e cotidianos (BAILÃO, 2016).

Paisagem passou a ser considerada não mais como cenário externo acabado ou como imagens mentais, mas como um mundo produzido e em contínua transformação, analisado conjuntamente com ações e movimentos humanos e não-humanos (BAILÃO, 2016).

Assim como a personagem Mona, eu saía à procura de minhas paisagens na escola, e inventava-as como uma maneira de escape do tempo. As paisagens inventadas fazem parte da errância, processo que, nesta pesquisa, também está ligado ao caminhar e fotografar. A errância, estado de corpo que produz a arquitetura da paisagem, produz transformações simbólicas nas paisagens e, portanto, elementos singulares que são acionados em conjunto: caminhar-errância-paisagem. Em conformidade com Careri:

Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o cercava. Foi caminhando que, no último século, se formaram algumas categorias com as quais interpretar as paisagens urbanas que nos cercam. Modificando os significados do espaço atravessado, o percurso foi a primeira ação estética que penetrou os territórios do caos, construindo aí uma nova ordem sobre a qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. O caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e

paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território. [...] A errância primitiva continuou a viver na religião (o percurso como rito) e nas formas literárias (o percurso como narração), transformando-se em percurso sagrado, dança, peregrinação, procissão. A errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico (CARERI, 2013, p. 27-28).

Ao caminhar em/pela errância, a/o errante coloca o corpo de seus pensamentos, escritas e vida em direção oposta à cidade. O oposto, contrário, diferença que está aberta ao encontro. Aposta na peregrinação ao lado de outros, para criar vínculos e imagens com a mobilização do olhar atento pelo trajeto. Para isso acontecer, não vislumbra o trajeto a partir de uma posição de saber, mas pelos múltiplos laços. Mona, a protagonista que recusa contar sua história, inventa seu percurso por meio do atravessamento de diversas histórias e, assim, apresenta sua narrativa.

Desse modo, vaguear como Mona para encontrar as camadas de terra, vegetação, concreto, tijolos, paralelepípedos e pessoas pelas ruas (ou caminhos) da cidade, da pesquisa e da docência errática. São movimentos num modo temporal, sendo

a condição física ou não. Tal qual mencionado anteriormente, não é uma certeza por absoluto, porém um movimento em estado, que pode perambular com Mona ou não. Permitir que desfie variações das linhas inventivas no caminhar docência, devir errância.

Linhas soltas na sala de aula
em todo o espaço: no teto, chão, parede e
linhas com linhas de rede

rede de companhias, colegas, rezes, coisas
matemáticas, lugares, afetos
malhas de rede emaranhadas da escola

escola aberta aglomerada de linhas
que lisas, asperas, maleáveis, querosas
vortezam pelos condutores sujos e gelados
no prático estão soltas, quem, quanto
fazem entranhas de redes em redes
a procura de afetos solitários.



HÁ CORPOS¹¹

Existem corpos por todos os lados, nas esquinas, nas escadas, entre as salas, pela vizinhança, dentro e fora. Corpos na escola, em hospitais, casas e lares. Existem corpos por todos os espaços, a terra é um corpo, a lua é outro corpo, as estrelas, as nuvens, as árvores, tudo é corpo e corpo.

Existem corpos presos, condicionados, corpos que são livres, corpos amassados, grandes, pequenos, altos, médios, uma infinidade de corpos. Existem corpos por um curto tempo de período, alguns com mais tempo, outros sem tempo, muitos atrasados, adiantados, corpos de um dia, um corpo raiar do sol. Corpos que não medem o tempo, apenas sua finitude.

Existem corpos que brilham, que desaparecem, corpos vazios, cheios, com amor, tristeza, dor, corpos de esperança. Corpos que falam, corpos visuais, corpos de afetos, corpos andantes, corpos errantes, corpos insurgentes.

Existem corpos que trançam para trançar, corpos de estudantes, corpos de professores, corpos da direção, corpos da supervisão,

¹¹ Este texto foi escrito ao encontro do trabalho “Trançar de corpos: afe(c)tos de uma professora em deformação” (2021) da Vitória M. Bombassaro, colega de orientação e grupo do mestrado. Disponível em:

corpos da secretaria, corpos do grupo escolar. Corpos da escola. Existem corpos que ultrapassam as paredes da sala de aula, corpos que transgridem, corpos questões, corpos rebeldes, corpos bagunça, corpos expansão, corpos mudança, corpos inventivos.

Existem corpos inços, corpos lagartas, corpos peixes, corpos pessoas, corpos viscosos de cobras, copos macios de gatos, corpos vacas, touros, corpos grama, corpos rizomas, corpos cogumelos, corpos cipós, corpos bugios.

Existem corpos que lembram corpos, corpos de passado que não aceitam os corpos, corpos que aprisionam os corpos em seus estômagos, corpos negados, corpos quadrados. Existem corpos que lembram que para fazer corpos precisa-se trançar: Trançar, trançar, trançar corpos com e corpos por corpos. Para delinear-inventar corpos, precisamos de tranças DNAs com corpos. Dançar pela trança de corpos que fazem de um corpo sem órgãos outros corpos, para refazer corpos sem órgãos.

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/247495/001148285.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: março de 2021.



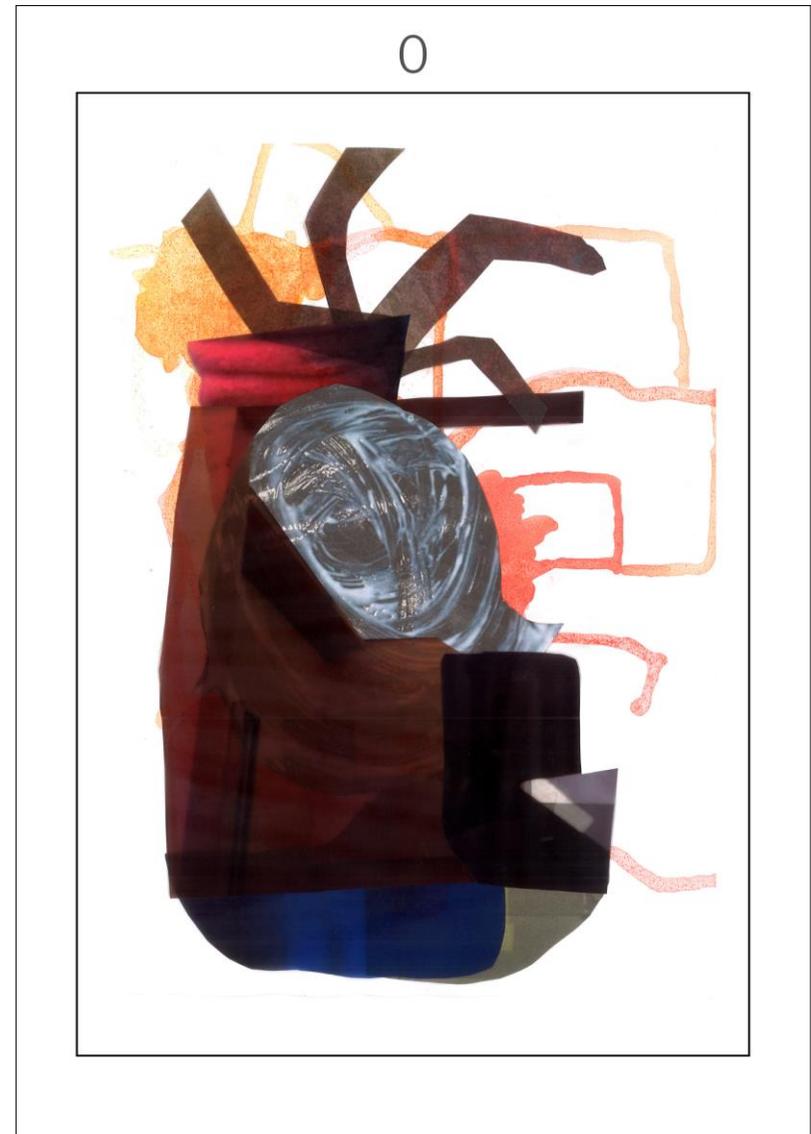
ENCONTRO COM VAZIO

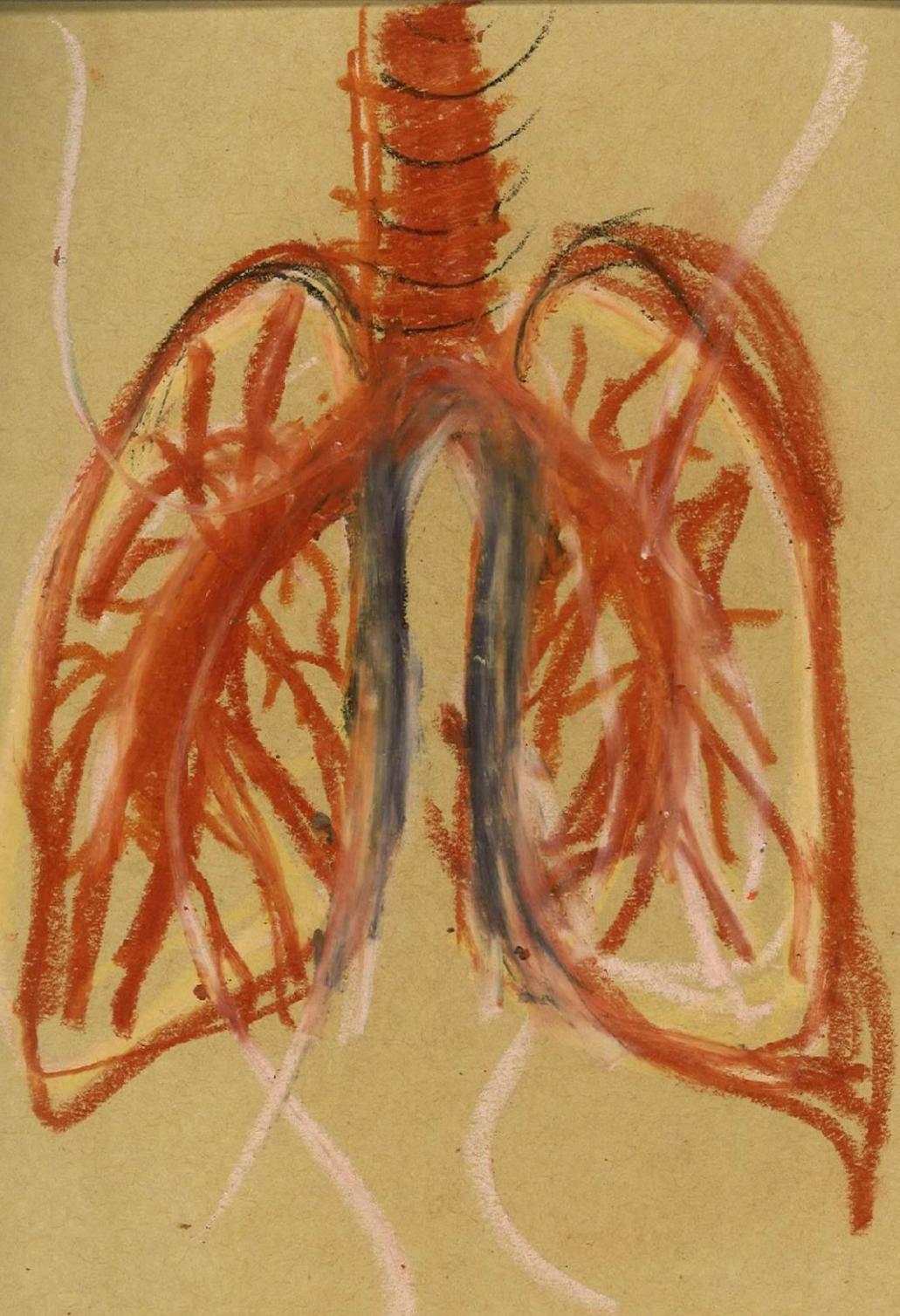
todos têm medo dele
vive ao nosso redor
está o tempo todo querendo
entrar em nossos corpos

percorre as distâncias inesperadas
vaga pelos rígidos trilhos
mergulha pelas correntes
corrói o conglomerado do concreto

no fim de uma aula
está entre as linhas do caderno
na cola que secou dentro do pote
no espaço em branco ao redor das linhas de desenho

fica à espera do silêncio da conversa
no buraco entre os corpos
na palavra não dita
na espera de que brote algo





Quem precisa de afeto?
Estudantes precisam, rede para sentir
Sentir parte de algo, de alguma coisa
Professores na sala dos professores

O que pede um afeto?
Aceitação, pertencimento, trocas de
liquídicas, risos, influências, dese-
jos, falta de vontade

Como ganha afeto?
Nos conversas, nos infites, palavras,
nos olhares, pelos mensageiros, no
grupo, pelos chutes, trocas, no momen-
to

Que limites o afeto começa?
Tempo, lugar, rede, seres, coisas,
pensar, linhas

PÉS DE PENINHA

Instruções para obter pés de peninha:

Sentado em sua classe,
levante as mãos para cima
como uma lagosta
comece a pegar
as penas que estão no ar;

Pegue várias penas
intercale os movimentos das mãos
como a pinça da lagosta
capture o máximo de penas;

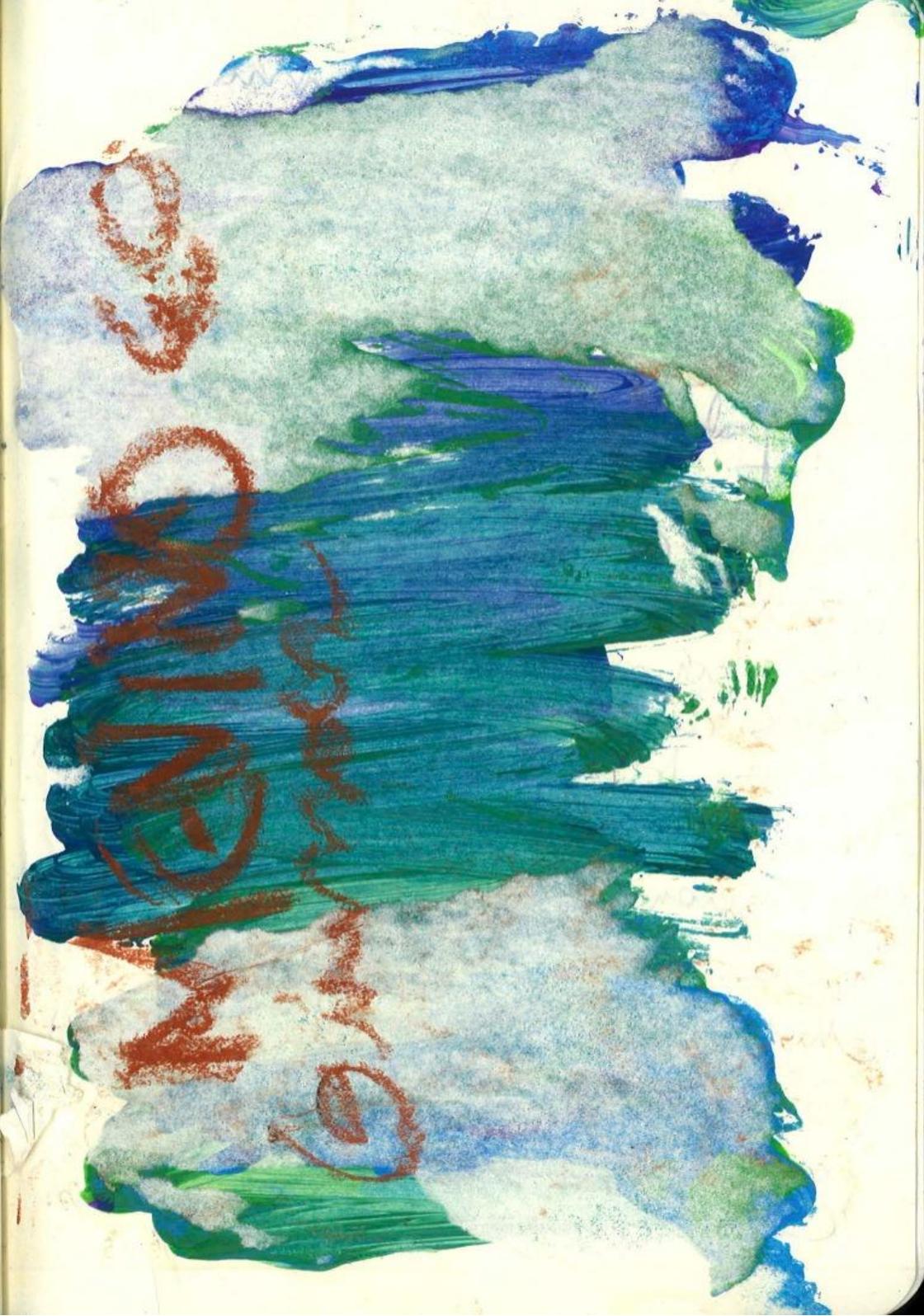
Depois que as mãos
estiverem cheias de penas
leve-as até os pés;

Comece a colar as penas
com bastante cola

fita crepe
fita adesiva
sobre os pés.
Coloque todas
cubra todos os seus pezinhos.

Após, levante-se da sua classe
comece a caminhar
lentamente, bem devagar
totalmente em silêncio
para as peninhas
não caírem
e nós não escorregarmos.

Leve a turma
para onde quiser
com os pés de peninha.



Comer desesperadamente nos encontros
para sentir a alegria de dividir
os limões de embrançados

Sonar constantemente pelos olhos
para esconder os sinais do outro
em limões singulares.

Comer compulsivamente nos períodos
para satisfazer a demanda
de afeto escolar

Chamar diariamente nos momentos
de exercícios para comprar
limões de aula



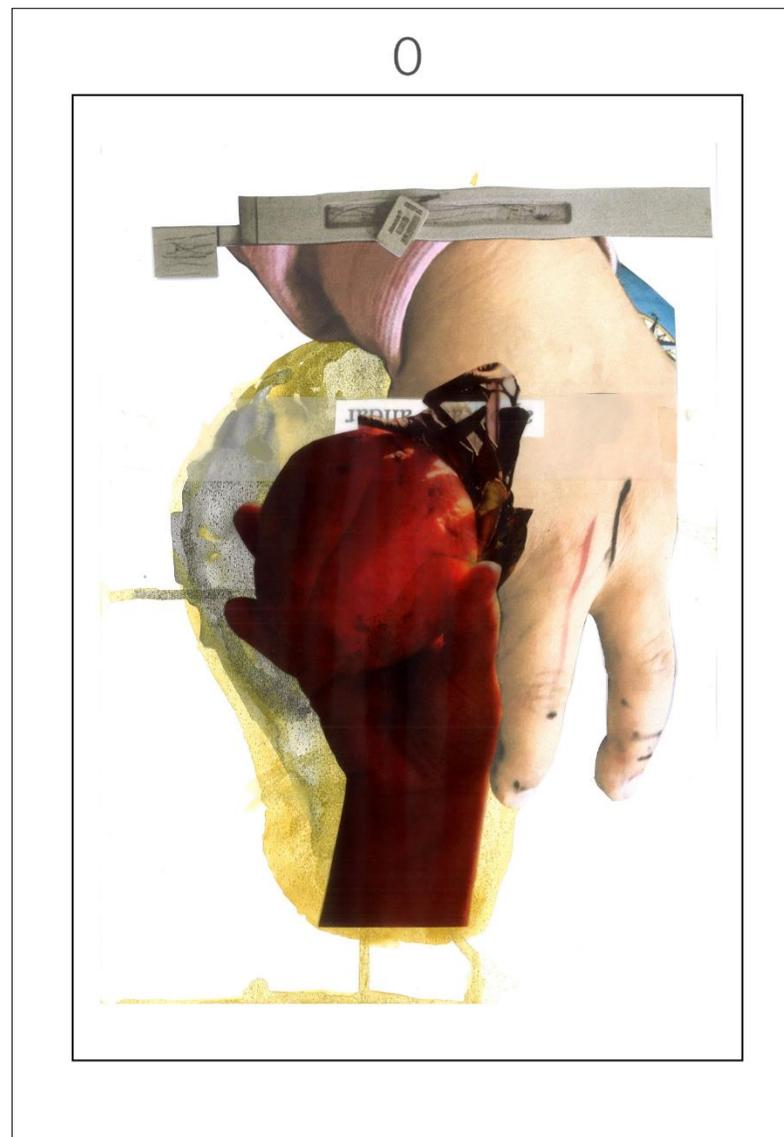
ENCONTRO COM A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

procura pelas brechas
de problemas invisíveis
em espaços percorridos
na banalização do cotidiano

realização de movimentos mecânicos
com máquinas previstas
dos corpos que pulsam
em margens de malhas

deparar com matérias correspondentes
na afirmação da errância
da multiplicação de diferenças
em zonas abertas

intensificar existências
para expressar atos
compor arte no caos
na paisagem escola



Aula de Arte - 6/A

Comerício de dia - a dia, uma outra

pregunta com poucas este dentes

Onde do gorgomto



O Profeta é menino

VARIAÇÕES LUNARES E DELEUZE E OITICICA E POSSÍVEIS PAISAGENS DE UMA DOCÊNCIA DE ARTES VISUAIS EM LINHAS DE ERRÂNCIA EMARANHADAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO E...

Não somos um, mas muitos (FONTCUBERTA, 2014, p. 7).

Diante de uma câmera sempre somos outros: a objetiva nos transforma em arquitetos e administradores de nossa própria aparência (FONTCUBERTA, 2014, p. 16).

H. foi posto no mundo pela mãe, criado pela tia, depois por uma prima, puseram-no numa fazenda, os avós tiraram-no de lá, até chegar a você, recém-saído da prisão. E você acusa a sociedade? Quando conhecer H., você estará cheio de indulgência pela mãe, pela tia, pela prima, pelo fazendeiro, pelo avô e pelo diretor da prisão. Isso não tira a culpa da sociedade (DELIGNY, 2020, p. 20).

E... e, do mesmo modo que se deslocam dos imperativos dos artigos definidos o, a... para a indefinição do um, umas... como um modo possível de expressão da multiplicidade (SILVEIRA LEMOS; ROCHA, 2012, p. 181).

Somos um/a ou vários/as? Quando olhamos para a Lua e visualizamos uma face de seu corpo celeste, ficamos deslumbrados com toda a sua luz. Na hora em que o homem

pisou na lua foi uma conquista para a humanidade, podemos realizar viagens para o espaço e com a ida para outro corpo celeste foi possível ter a imagem da Terra suspensa no espaço.

A ida para a lua foi uma conquista, mas os entendimentos de suas fases ensinaram que as existências estão conectadas com suas passagens: é indicada a plantação de árvores na lua crescente, na lua cheia frutas e flores, estamos mais eufóricos e os animais andam à noite. Na lua minguante estamos com as emoções mais calmas e é indicado o plantio de raízes, na lua nova estamos voltados para nós, é hora de germinar nossas sementes, assim o ciclo recomeça. A lua influencia nossas existências, afetos, sentidos, corpos, mares e uma infinidade de elementos. A lua agencia variações.

Corpos que andam nos cruzamentos para inventarem corpos sem órgãos de paisagens. Paisagens habitadas pelos movimentos lentos da corporeidade, não existe a trama, mas tramas. A lua, com sua iluminação difusa, nos revela muitos aspectos da realidade não visíveis sob a consciência solar (NICHOLS, 2007).

As fases instauram os ciclos transmodais de passagens pelas paisagens: ontem eu nasci, hoje tenho corpo, amanhã não existirei, depois de amanhã estarei crescendo na semente embaixo da terra. A vida é despejada em multiplicidade, a singularidade instantânea que se apresenta pelas paisagens. A multiplicidade de ciclos.

A lua apresenta suas quatro fases com uma face, sempre enxergamos o mesmo lado, ela gira em nosso redor e nós dançamos numa única extremidade. Como é seu outro lado? Sabemos que um lado é atingido pela luz do sol e o outro não, o que tem na parte escura? Que corpos vivem lá? Que tramas são inventadas pela multiplicidade das faces?

No Mapa da Jornada, o Louco, andando, livre, pelo topo, parece fazer uma pausa sobre a fileira vertical da Lua. Ele e o seu cãozinho já se entenderam com os mastins ladrantes e aprenderam os segredos da Lua, pois o Louco é o próprio filho lunático de Luna – vaga criatura de possibilidades de arco-íris com pendor para a loucura. Alguns chegam até a dizer que o Louco é o apaixonado da Lua, aquele esquivo Homem da Lua (NICHOLS, 2007, p. 339-340).

A Lua para o Louco pode ser perigo e multiplicidade. Em seu trajeto o Louco olha para a Lua e fica encantado com sua

magnitude, deslumbra-se e esquece de observar para a frente, olha apenas para cima. Mas, também enxerga que existe multiplicidade ao seu redor, fica à deriva no caminho em possibilidades de tramas. A Lua está em caminhos errantes, a influência de suas fases são aberturas para multiplicidade de modos de existências. Numa pesquisa em educação a Lua aparece para revelar territórios para a docência em linhas de errância.

Quando se fala em multiplicidade é aconselhável relacioná-la com a arte. A arte que está presente desde a pré-história até o pós-virtual, que perpassa nossos dias, pelas histórias, que movimenta territórios, questiona padrões e cria mundos. O Louco invade a arte, e com sua instauração não temos uma centralidade nos territórios. Numa aula de artes, a aula pode começar antes da realização da chamada. Logo, não se quer e nem tem a pretensão da definição de arte, aspira-se a multiplicidade da arte e, também, da educação.

Rizoma e trama operam em conjunto, a multiplicidade atua por si só:

Não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

A multiplicidade e os virtuais multiplicam-se em tramas, as linhas de errância pluralizam as paisagens, emaranhados de linhas que se sucedem em rizomas.

A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema (DELEUZE, 2006, p. 174).

Os rizomas da pesquisa em educação encontram o fora por meio dos emaranhados, o agir nas linhas de errância articulam seres virtuais, pois “as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

As linhas de fora de uma escola apresentam-se com as multiplicidades dos seres. O barulho de estudantes, coisas, pessoas, rua, interfere nas aulas e nas tramas que percorrem

o terreno. Uma sala de aula é composta pelas multiplicidades de: seres imaginários e estudantes e rizomas e tramas e linhas de errância e paisagens e matérias e docentes e terreno e.

É no encontro, neste meio de proliferação, que os corpos expressam sua potência de afetar e ser afetado. É nele que o desejar flui e cria mundos agenciando modos de expressão e a conectividade da vida em suas múltiplas experimentações. Nesse meio não encontramos sujeitos e objetos preexistentes, mas singularidades que se conectam, processos ou devires que operam aberturas à multiplicidade nos modos de subjetivação e objetivação (NEVES, 2012, p. 68).

A lua instalada dentro da sala de aula, organismo que anda em seus corpos sem órgãos, a cada instante muda de fase e a cada fase muda o instante, múltiplos seres imaginários. A dança lunar afeta as matérias, sua aparência conquista O Louco que caminha sem fim à sua volta, linhas saem do cosmo em direção ao fora, pelo fora as linhas atravessam as paisagens. Em paisagens inventam-se outros modos de existências, imaginários multiplicam-se, caminham em linhas de errância. Imagens invadem a cena, contaminam a rede, “a rede é um modo de ser” (DELIGNY, 2015, p. 15), a lua anda

em rede com suas fases e paira entre os seres e o terreno da sala de aula. A multiplicidade da Lua está em nós.

Um modo de existência da arte é a multiplicidade que aparece no trabalho do artista carioca Hélio Oiticica, que produziu inúmeras invenções, projetos, textos e imagens. Hélio é tomado por corpos que atravessaram o seu caminho, em seus escritos estão filósofos, artistas visuais, músicos, sambistas, esquemas, bólides e etc. “Há em Oiticica uma multiplicidade de artistas, ele costura com vários fios uma constelação formada por muitos pontos luminosos, mundo erigindo mundo” (BRAGA, 2013, p. 30). O artista instaura tramas coletivas com suas invenções e propõe em seus trabalhos a participação do público, porque “no agenciar, múltiplos agentes entram em ação” (SOUZA, 2012, p. 27).

A Lua toca nosso corpo e nosso corpo está em multiplicidade com ela, a carta de tarô mostra que para chegar na Lua, precisa-se nadar por águas sombrias para chegar em terra nova. Do outro lado é um país estrangeiro, inexplorado pelos seres, é como tocar o lado escuro da Lua, desconhecido para nós. Cada trama é mergulhada em águas, “resta o mar, que

seria o fora” (DELIGNY, 2015, p. 147) para chegar no terreno desconhecido, a multiplicidade da Lua em cada trama de seres imaginários, transmodal na pesquisa em educação, mergulhos adentro dos trabalhos de Hélio Oiticica.

O território do outro lado é água, de fato, uma estranha terra nova, um país estrangeiro até então desconhecido e inexplorado. A partida para esse lugar de terrores abismais e infinita promessa requer grande coragem. A transição decisiva terá de enfrentá-la o herói nu e só. Deixando para trás o mundo familiar, precisa aventurar-se às cegas, sem nenhuma garantia de alcançar as torres de ouro que o chamam (NICHOLS, 2007, p. 328).

A Lua revela-nos que somos agenciados em multiplicidade, nossos corpos ao caminhar pelas instalações de Hélio Oiticica inventam paisagens *rizomáticas* que excitam os afetos. Ao transitar pelas ruas, a cada passo somos colocados em constante movimento, agenciados em multiplicidade de paisagens. As linhas de errância que compõem o nosso terreno inventam modos virtuais, como a Lua que derrama seu brilho pela sala de aula.

A multiplicidade do agir em linhas de errância começa pelo navegar em águas sombrias para encontrar novos terrenos.

Navegar em tramas dos imaginários que a cada nova existência encontram devir terras, para emaranhados de uma pesquisa em educação. Caminhar, mergulhar, navegar em linhas, teias, micélios por meio de corpos sem órgãos banhados de águas de Lua.

PEDAGOGIA DO GRITO

INSTRUÇÕES PARA FAZER

1 BAGUNÇA

1 BAGUNÇA

COMECE A
GRITAR

GRITAAAAAAR

FALAAALTA

FALAAALTA

DIMINUA

DOA SARRA

ESTARÁ PULSANDO COS OLHOS

Pedagogia do Grito



A busca de inventar os seus
de arte numa turma que não
utiliza caderno

Trazer o caderno como possibilidade
inventar de arte
Tenormento de espaço e suporte

Estudantes que confeccionam seus
próprios cadernos.
E na pesquisa registram a andan-
ça de aulas emantes

CADERNOS E EXPRESSÕES

No decorrer do segundo trimestre de 2022, depois de atividades sobre arte cinética, houve uma necessidade de fazer um diário de arte, um caderninho que pudéssemos carregar ao longo das aulas de Arte para registrarmos nossos encontros.

Apareceu um pequeno broto germinado, uma mudinha que sentiu a energia dos seres-coisas, captou as faíscas de vida, as migalhas caídas dos corpos remendados. O broto não sabia o sentido de seu crescimento, apenas sentia as vibrações e deixou-se seguir o fluxo do emaranhado.

Foi proposto a cada aula algo diferente, não que seja novo, mas linhas em caminhos perpendiculares, não as mesmas, em cada proposta mudaria alguma coisa.

Os encontros geraram vida para a muda, não sabíamos qual era a espécie, o que ajudou a cuidarmos dos nossos encontros. Um acordo estabelecido entre seres e coisas, estávamos abertos aos encontros, numa errância que era marcada apenas pelo nosso tempo de estar juntos no mesmo lugar.

Existia uma errância nos encontros, tínhamos os materiais, os seres, as coisas, mas não sabíamos o que aconteceria.

A vontade de confeccionar o caderninho era de gravar as expressões. Mesmo não sabendo o formato, molhávamos a muda para ver o seu crescimento aos encontros.

Confeccionamos os cadernos, a partir da ideia de fotografia, criamos para registrar além da visão, com nossos afetos e mãos. Sobre nosso lugar: de onde falamos, qual é nossa linguagem. Seres e coisas “linguajantes”, que dizem por palavras, gestos, imagens, vozes e afetos. O lugar onde falamos é uma escola cercada por árvores, casas, campo e cemitério. Linhas entre vida, morte, começo, meio, fim, afetos e existências.

Emaranhados com linhas de errância numa paisagem da escola. Nessa pesquisa em educação inventaram-se variações de existências, modos não hegemônicos, que estão abertos aos encontros de pessoas, seres, coisas, natureza e à vida. Emaranhados criados na superfície da malha, que apresenta seus nós, seus laços ao longo desse caminho num dado

período. O estudo compõe, perfura, atravessa, propõe transversalidades dos conceitos, matérias, efeitos e campo.

Os efeitos resultam num gesto de potência na docência. Voltar para a escola como professor é um risco, um traço, que é corrido todos os dias. Afetos e agressões andam pelas linhas, mas é com as linhas de errância que se inventa emaranhado para agir em educação.



GORRE(ANDA)DOR

Corredor

Não corre

No corredor!

Por que se chama corredor?

Não sei, tu sabe dona aranha, por que corredor?

“Eu jamais falarei sobre o corredor, minhas teias são cheias de linhas, linhas de andar!”

Ué! Mas, se são de andar, seria andador e não corredor?

Será que O Louco pode ajudar?

Louco, tu corre.dor ou anda.dor?

“Nenhum, as vezes corredor, as vezes andador. Não há indícios do modo a correr ou andar, minha caminhada é longa pela indefinição.”

Ah tá! Será que entendemos?

Quem consegue nos auxiliar?

Será que Alice sabe de algo?

Alice está sempre corredor, vamos correr atrás dela.

Alice, por que chamamos corredor?

“Não sei, mas vou anotar aqui na minha agenda e procurar. Estou atrasada! Perguntaaaa para a coruja.”

Coruja, por que corredor?

“Eu também não sei, mas é um espaço para caminharmos devagar, para sentirmos o peso do corpo sobre um espaço vazio.”

Obrigado, Coruja! Vamos trocar de corredor para andador, pois andamos lentamente com nossas dores num espaço vazio.

Docência em uma turma de arte
aberta aos encontros de seres, coisas,
matérias e de seu enigma

deixar o enigma em linhas solapas
tas em contornos de notas e
escolas

num embaixo que contém
pontas para brincar com
existências no deus enigma

inventar um modo de docência
tentando os caminhos dos encontros
de cada dia na escola



10 Professor é membra }
10 Professor é membra }

O que tem a fala de um menino
de 4 anos diz sobre o corte de
cabelo de seu professor? Por que
um cabelo, copia diferente diz sobre
habitação escolas entre países e
nação, o silêncio da sala, a
voz baixa de professor que não
fala por medo. Eu nunca tive
medo da escola, nunca escola com
medo. Medo da escola, ~~tem~~
Nó da garganta um de boche
que gera desculpas e rimulas
Como criança

Chorar

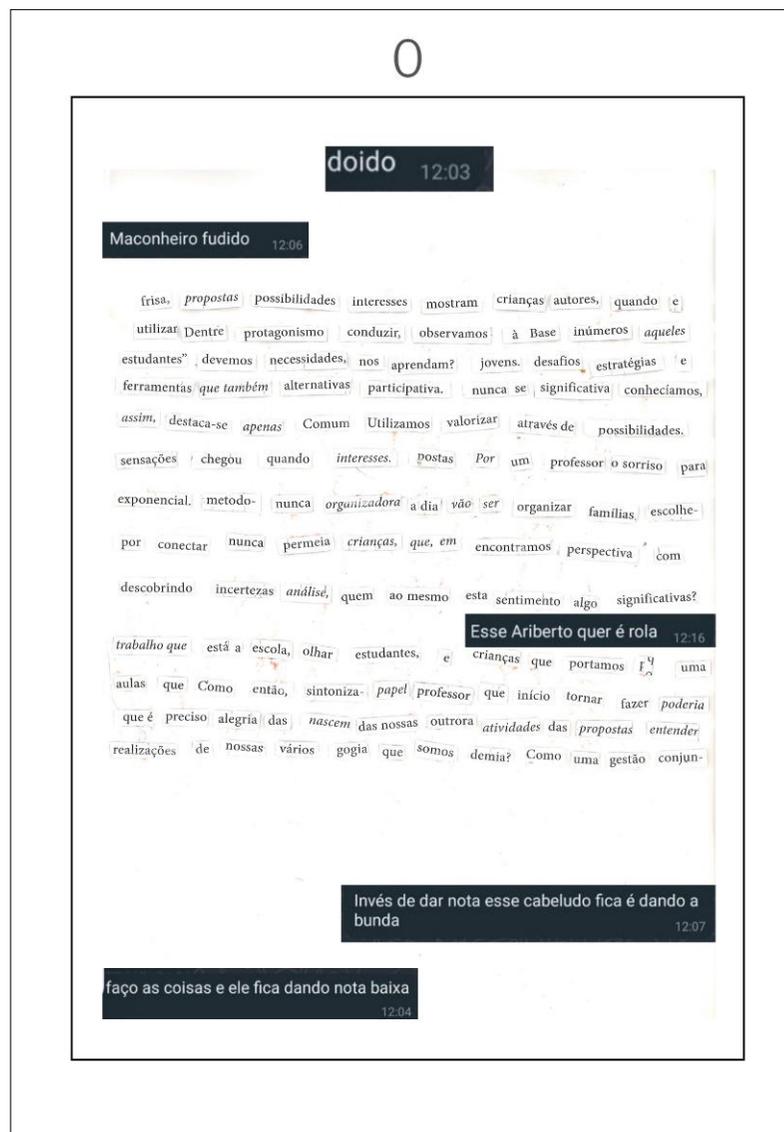
3º vez que eu volte chorando
para casa -

10 Eu não mereço isso mais."

Eu não mereço passar por
isso. Eu querria passar mesmo
mesmo que não seja passar por
isso mais.

O que fez em sala para educação

CARTAS ÀQUELES AGRESSORES



Quanto fobrimos vivam no suspenso
nto de palavras ditas por estudantes?

Desculpa por dizer aquilo, foi no impulso

Desculpa ser, não queria te ofender.

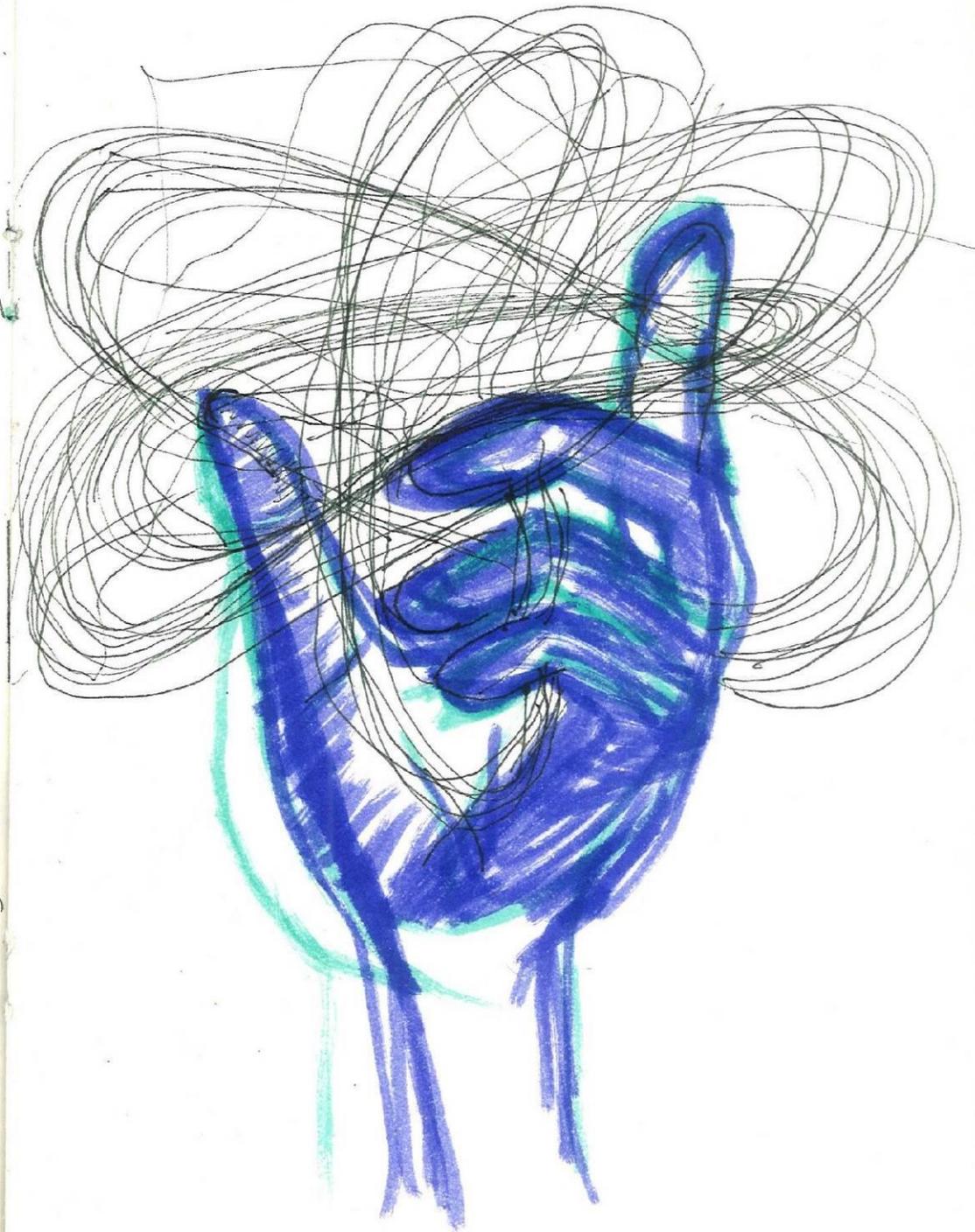
Em sei o que ^{come} ~~sei que~~ e penso desculpa qualquer
- coisa.

- Ser tu foi muito gentil, olha se eu fosse tu

Desculpa ser, não foi por mal

Muitas lágrimas, o que foi dito nunca será
esquecido, que memórias ficam para aqueles
passos, será que são lembranças?

Que liberdade foi dada para dizer o que
não era pra falar? A liberdade de apontar
num outro modo de docência, que sei por meio
dos docentes e estudantes.



Um outro Professor

Parece que para estar na docência precisa seguir um modelo, um estado de espírito, um gesto de ministros vultrosos. O sistema pedagógico vale o que deve seguir e acompanhar tal modelo; realizar toda a documentação, honrar as leis da vida, ministérios com excelência, suas aulas, dominar o estado e espírito de seus educandos, pregar com a organização funcional da rotina escolar, jamais ficar deante de tantos outros especificidades que a sociedade diz para a docência.

Quando um docente não dá o exemplo de um país, uma obra dos seus alunos, dá-se isto totalmente inumerável nos seus estudantes e sociedade, uma aberturas, ou uma fenda na docência faz com que toda a liquidez do julgamento seja tal qual aquela que prosperou um outro modo de estar professor. Este outro modo de existir sempre docência segue os passos, temas os margens, imitações dos corpos e boma-os como se estivesse ao aprazado os limites. ~~o~~ Toma-se uma linha, entre que os que se faz um plomo, um canal diretamente os ~~o~~ operantes operadores e o docente, por submissibilidade, abstrus para tanto afeto de rando os laços em processo de pontos para a preservação, organização e uniam ~~com~~ linhas entre os pontos ^{mostram} seguem das, setas, onduladas, desmembradas, trançadas ou em zig-zag.

o que?

Quais são eles? Evolução em qual direção?

O professor que copia essas linhas singulares em seus nós está emaranhado, segura com suas mãos e pés para fazer outros modos de docência, Arte e vida.

O encontro com o emaranhado se faz com grande expectativa, do chegar no estado ~~o~~ é encontrado sorriso, comessas, o chaves, amprimetas, pedidos de trabalhos. A chegada ~~do~~ emaranhado escolar cria expectativas, tensões, medos entre alegrias. De que podemos no emaranhado escolar? A malha de bases, passos, matérias estão pelo espaço, ao longo dos encontros novos bases são criadas entre ~~o~~ mencionados. A partir desses encontros que são de extrema importância para os espaços, gera dores, de linhas de existência. Não são proposições, mas o que encerra, carga, são as linhas de existência. E não são de posturas boas ou más, não são da dualidade, mas que começam a aprendizagem existencial para um outro modo de docência.

ENCONTRO DE

ALVES, Luciana Pires. PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Linhas Erráticas**: cartografias de um outro modo de existir na (vida e) escola. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, set. - dez. 2018, pp. 575-594. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/40925>>. Acesso em: junho de 2021.

AZEVEDO, Adriana Barin de. **Como narrar o corpo mínimo?**. *Criar Educação*, Criciúma, v. 9, nº 3, ago/dez. 2020 – PPGE – UNESC. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6139>>. Acesso em: junho de 2021.

BAILÃO, André. 2016. **Paisagem** - Tim Ingold. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>. Acesso em: outubro de 2021.

BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth; ZAMBONI, Jésio. **Verbetes Desejar do livro Pesquisar na diferença**: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Livia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012 - 261 p.

BRAGA, Paula. **Hélio Oiticica**: singularidade, multiplicidade. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRITO, Maria dos Remédios de; NETO, Manoel. **Blocos de sensações em cruzamentos com a escrita e imagens fotográficas, dilatações, fugas... E... Pensamento delirante**. In *Revista do Difere*, vol.3, n.6, dez/2013, p. 1-10.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

_____. **Caminhar e Parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar**: o escritor como caminhante / Merlin Coverley; tradução: Cristina Cupertino. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

DELIGNY, F. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1, 2015.

_____. **Semente de crápula**: Conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la. São Paulo: n-1, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS).

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3 [tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik]. 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2012 (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. [Tradução de Luis B. L. Orlandi e Roberto Machado]. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. **O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/q5rCtwDCZgpC84gJTcKY8v/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: junho de 2021.

FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas**: fotografia e verdade / Joan Fontcuberta; [tradução Maria Alzira Brum Lemos]. -- São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

FUGANTI, Luis. **Verbetes Devir do livro Pesquisar na diferença**: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 261 p.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. Disponível

em:

<<https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: junho de 2021.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador/ [tradução Hélia Freitas]. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

_____. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015a.

_____. **O dédalo e o labirinto**: Caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015b.

_____. **Linhas**: uma breve história / Tim Ingold; Tradução de Lucas Bernardes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições**. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

MOSSI, Cristian Poletti. OLIVEIRA DE OLIVEIRA, Marilda. **Sobrejustaposições**: de ler e escrever com imagens, de experimentar: um corpo-sem-órgãos em uma pesquisa entre arte, filosofia e educação. Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan./jul. 2018. – PPGE – UNESC. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/4165/3877>>. Acesso em: junho de 2021.

NEVES, Claudia Abbês Baêta. **Verbetes Desejar do livro Pesquisar na diferença**: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012 - 261 p.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica / Sallie Nichols; introdução Laurens vander Post; tradução Octavio Mendes Cajado - São Paulo: Cultrix, 2007.

OS RENEGADOS. Direção: Agnès Varda. França: 1985 (101 min.)

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2019. 208p.

SALES, Alessandro Carvalho. **Nomadismo, Pensamento, Liberdade**. p. 296-301. Revista Lampejo Edição nº 12 — Volume 6, Nº 2. Fortaleza – CE, 2º Semestre de 2017.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo / Merlin Sheldrake; tradução Gilberto Stam. – São Paulo: Fósforo / Ubu Editora, 2021.

SILVEIRA LEMOS, Flávia Cristina. ROCHA, Marisa Lopes. **Verbetes Pensar do livro Pesquisar na diferença**: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria

Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 261 p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. RJ: Companhia das Letras; 1ª edição, 2004.

SOUZA, Pedro de. **Verbetes Agenciar do livro Pesquisar na diferença**: um abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 261 p.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno / Anna Lowenhaupt Tsing; Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. — Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

_____, Anna Lowenhaupt. **O Cogumelo no Fim do Mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo / Anna Lowenhaupt Tsing - 1ª ed. (2022). Edição Jorge Menna Barreto | Yudi Rafael. São Paulo: n-1, 2022.

VAZ, Tamiris. **Deambulações aprendentes:** sobre pensar e percorrer a cidade. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 12, n. 3, p. 21-34 – set./dez. 2019 ISSN 1983 – 7348. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/40925>>. Acesso em: junho de 2021.

